



TAPPEWEPPE

POR THIAGO CÔSTACKZ

TAPPEWEPPE

Palavra em Tupi antigo para “Via láctea”. Nome de antigo povoamento no Vale do Ceará-Mirim registrado pelos holandeses nas primeiras décadas do século XVII. Em Tupi pode ser traduzido como “caminho da anta”, que era a forma como nossos ancestrais chamavam também a “via láctea” e seus espirais. De forma moderna e aportuguesada pode ser escrita como: “tapi'irape”. Portanto é uma palavra ancestral que dá nome a esse estudo.

“Que se eleva no firmamento, circular, um caminho que se renova a cada giro, que se expande no espaço com energia cósmica, ancestral, eterna e infinita.”

Capa: “Portal da Mata” – obra feita pelo autor usando foto de uma flor da Mata Atlântica de nosso Vale encantado.

Este estudo não é um tratado divino absoluto. Não tem a finalidade de trazer todas as respostas, de responder a todas as muitas perguntas e lacunas que existem sobre nossa história, sobre a história de todos os povos que passaram pelo Vale do Ceará-Mirim. Porém, se propõe a contar os acontecimentos a partir da perspectiva indígena, alguns fatos que provam que mesmo diante de todo fardo sangue jorrado e de todas as tentativas de apagamento, seguimos em nossa terra há séculos, milênios.

Sugiro que o leitor veja este extenso relato, essa reunião de mapas, citações e reflexões como um portal de reencontro com aquilo que muitos são, com o que muitos carregam dentro de si ou, ainda, como uma possibilidade de maior compreensão, resultando em um olhar mais amplo acerca da questão indígena para que possam romper com o status quo das retóricas coloniais e etnocidas que seguem com a não compreensão do indivíduo indígena. Por isso foquei este estudo em nossa história, na história dos indígenas de origem Tupi na região do Vale de Ceará-Mirim e do litoral oriental potiguar. Contudo, sempre conectando fatos e acontecimentos com o contexto global, interligando, dessa forma, o micro ao macroambiente. Convido-lhes a mergulharem nessa breve história sobre a velha e ancestral Ibirapi e seus filhos.

Thiago Cóstackz



INDÍGENAS DO VALE
COLETIVO POTIGUARA
CEARÁ-MIRIM / RN



**HISTÓRIA DA
RESISTÊNCIA E
RETOMADA
ANCESTRAL **INDÍGENA**
NO MUNICÍPIO DE
CEARÁ-MIRIM**



VALE DO CEARÁ-MIRIM RN

O **Coletivo Indígenas do Vale** é uma iniciativa sem fins lucrativos e sem ligações políticas partidárias que nasceu para ajudar a organizar nossas famílias e as comunidades **Potiguara Ibirapi** no **Vale do Ceará-Mirim/RN**. Com o objetivo de promover a retomada ancestral e, também, a etnogênese indígena **Potiguara** na região. O coletivo foi fundado pelos artistas e pesquisadores **Potiguaras Ibirapi Cadu Araújo** e **Thiago Cóstackz**, ambos com família ancestral na região.

Já “reconhecidos” pela **FUNAI**, nosso povo existe na região e hoje são centenas de pessoas com consciência sobre sua condição enquanto indivíduos indígenas. Um dos locais onde nossa organização está mais avançada é na localidade de **Rio dos Índios**. Segundo censo finalizado por nós em março de 2021, são **937 pessoas que se declaram indígenas distribuídas em mais de 300 famílias**, o que torna a **Comunidade Indígena de Rio dos Índios** uma das maiores do estado. Esse censo foi amplo e complexo, cada participante preencheu uma ficha individual com seus dados pessoais, status social, profissão, escolaridade e se reconhecendo indígena.





Dentro dessa organização em **Rio dos Índios**, destacam-se há anos o importante trabalho de resgate étnico realizado na escola de nossa comunidade através da professora indígena **Velúcia Nascimento** (em conjunto com outros educadores), o conselho indígena de nosso povo e a **Associação das Mulheres Rurais de Rio dos Índios**, composto democraticamente por um grupo de cerca de 30 mulheres que juntas com nossa liderança comunitária **Vera Lúcia Gomes**, a liderança executiva **Lizandra Nascimento** e nosso **Coletivo Indígenas do Vale**, organizamos um centro comunitário onde é possível hoje ler a placa: “Centro Comunitário Indígena de Rio dos Índios”.

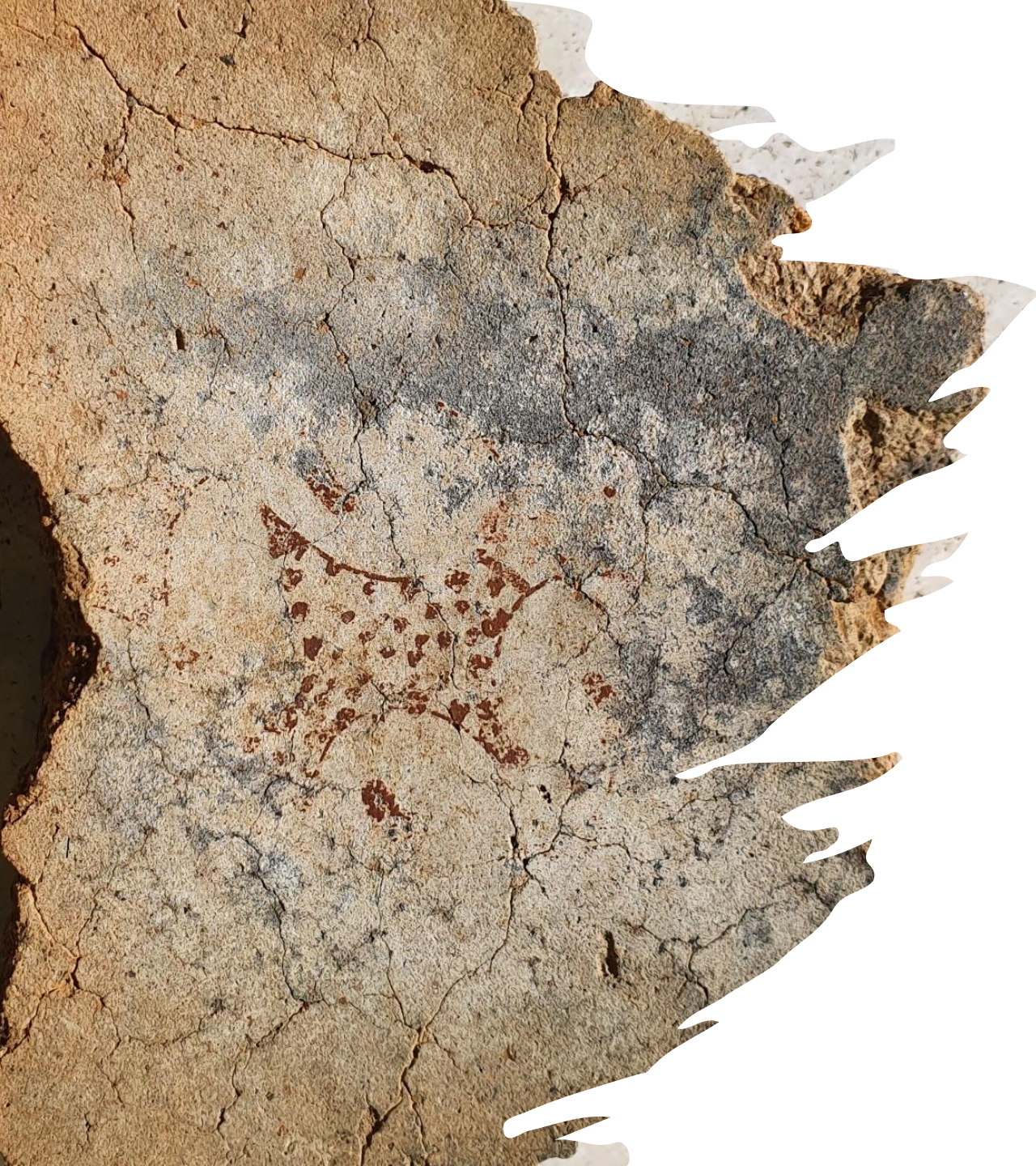
Portanto, temos reorganizado etnicamente e politicamente nossas comunidades, promovendo ações de ajuda as muitas famílias vulneráveis com a distribuição de cestas básicas, máscaras para enfrentamento da pandemia de Covid-19, articulado outras demandas juntamente com a **FUNAI** e desenvolvido projetos de curto, médio e longo prazo que visam o resgate das tradições ancestrais, ações de cidadania e o empoderamento econômico da população indígena do **Vale do Ceará-Mirim**.

Algo muito gratificante e belo de ser observado é a gratidão dos habitantes mais velhos com nosso movimento. Nossos pais e mães, anciões ancestrais têm demonstrado muita alegria e satisfação com essa reorganização, com essa retomada do que somos, do que nunca deixamos de ser.



NOSSA HISTÓRIA

ESTIVEMOS, ESTAMOS E SEMPRE ESTAREMOS NO VALE DO CEARÁ-MIRIM!



Não é exagero dizer que nossa região é uma das mais bem documentadas sobre a presença indígena no Rio Grande do Norte. Desde o homem considerado “pré-histórico” aos registros dos últimos 5 séculos, existe robusta documentação, seja por estudos independentes e acadêmicos (muitos produzidos pela UFRN), seja pela cartografia colonial, documentos franceses, holandeses, portugueses e do estado brasileiro dos últimos séculos, uma coisa fica clara: estivemos, estamos e sempre estaremos aqui em nossa terra ancestral.

Vestígios arqueológicos encontrados na região (líticos, cerâmicos e orgânicos) mostram que a microrregião do Mato Grande e o litoral oriental Potiguar são ocupados por indígenas há milênios, povos que inclusive foram sucedendo uns aos outros durante diferentes levadas migratórias. Quando falamos de populações indígenas, sobretudo as mais antigas, é preciso pensar nelas sem as fronteiras e as demarcações territoriais impostas pelo colonizador invasor que vigoram até hoje. Nosso povo sempre ocupou vastas porções de terra e diferentes sítios arqueológicos comprovam essas antigas ocupações, a abrangência geográfica dessas populações e sua forte presença na região.

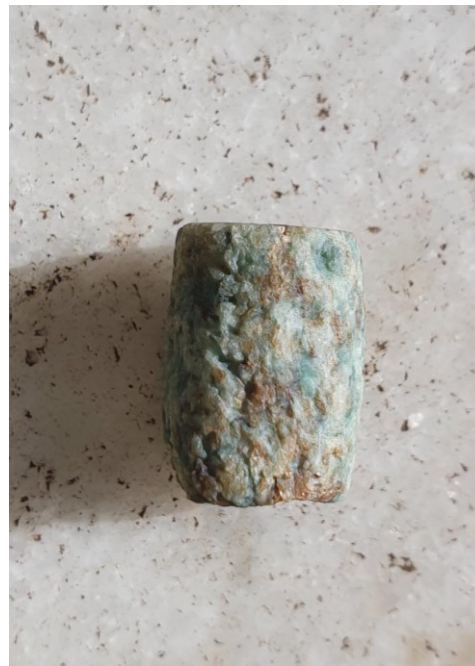
Imagem: “O Zumbi do Rio do Fogo”, cerâmica pintada em pasta Tupi / Acervo do Museu Câmara Cascudo, em Natal/RN. Artefato achado por **Thiago Cóstackz** e **Lucas Manhani** em 2018. Esse importante artefato arqueológico mostra um suposto grupo de onças-pintadas correndo.



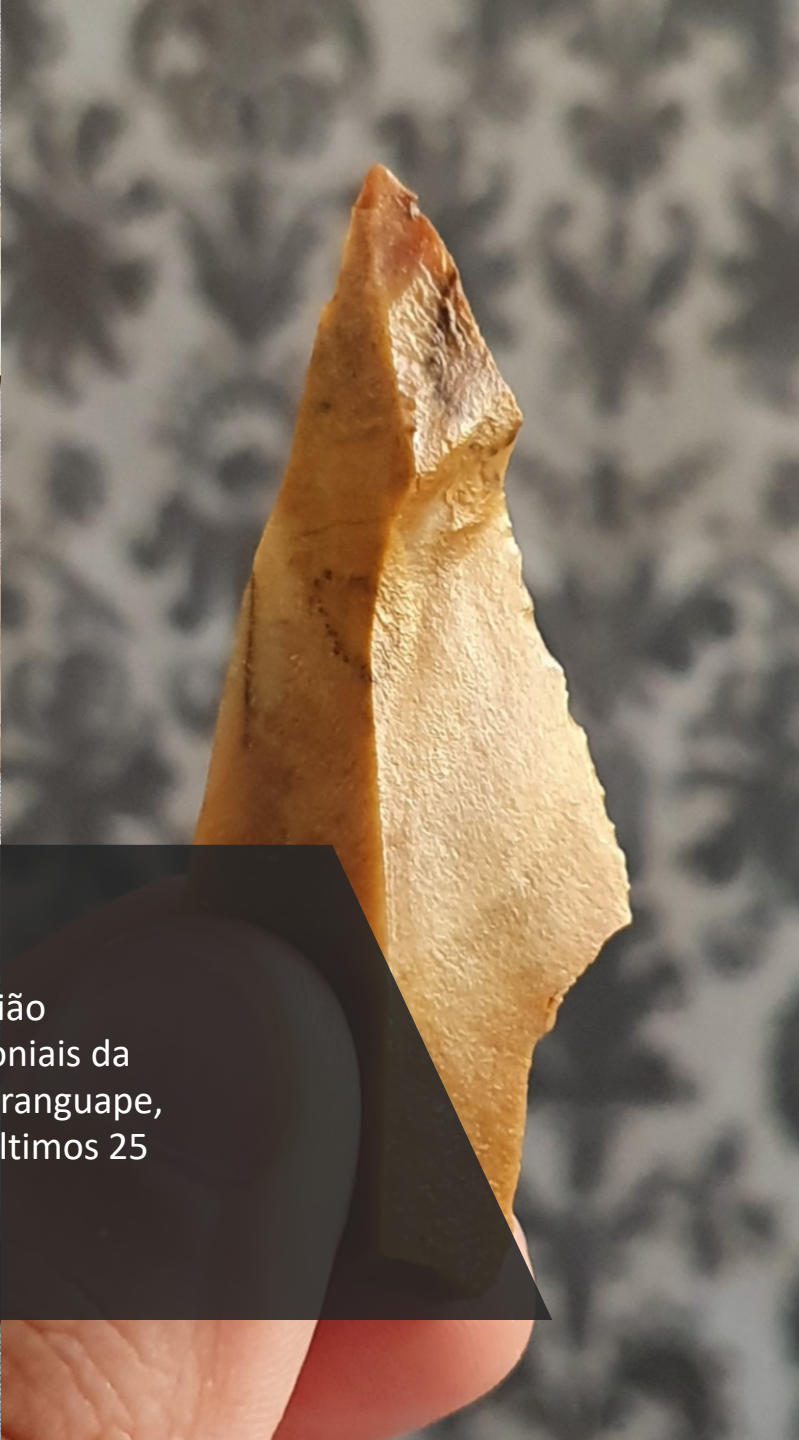
Imagem da esquerda para a direita: conta de Amazonita, usada como jóia pelos nossos ancestrais -*Itaobý*, do Tupi “itá” (pedra) + “obý” (verde). Achada ao lado da peça abaixo.

Ao lado, **O Zumbi do Rio do Fogo**, cerâmica em pasta Tupi / Acervo do Museu Câmara Cascudo, em Natal/RN. Artefato achado por **Thiago Cóstackz e Lucas Manhani** em 2018. Esse importante artefato arqueológico mostra um suposto grupo de onças-pintadas correndo. Hoje extintas, eram abundantes no Vale do Ceará-Mirim e em toda a região do Mato Grande. Os animais foram pintados com técnica “pontilhada”, **extremamente rara no RN**. A única imagem que achamos equivalente foi de um artefato encontrado em Pernambuco. A análise e transferência do **IPHAN** para o museu teve participação direta do arqueólogo **Moyses Siqueira**.

Itaobý, do Tupi “itá” (pedra) + “obý” (verde) – Conta de Amazonita usada como joia e símbolo de status social, pode ter sido parte de um colar juntamente com outras contas, usada como pingente individual ou ainda como adorno nos cabelos e corpo. As pedras verdes de Amazonita são especiais para os Tupis e outros indígenas, funcionam como símbolo de poder, sorte e é usada de forma espiritual, por isso, essa peça pode ter tido uso cerimonial. Essas pedras vinham do interior do estado ou de outras regiões por meio de migrações e comércio entre diferentes grupos indígenas. Os famosos e numerosos amuletos *Muirakitãs* encontrados também como achados arqueológicos são uma comprovação da importância desses objetos feitos em Amazonita pelos povos de origem amazônica. Achado por **Thiago Cóstackz**, em 2018, em região próxima ao atual Município de Ceará-Mirim. Acervo: **Museu Câmara Cascudo**.



Itaakanga, do Tupi “Cabeça de Pedra” - objeto esculpido em pedra, um possível zoólito. Pode ter sido usado em cerimônias xamânicas representando a cabeça de uma cobra ou de um sapo. Essa teoria ganha força pelo fato de a peça ter sido encontrada ao lado da conta de amazonita acima, ou seja, ambos podem ter sido objetos considerados mágicos e ritualísticos. Pode também ter tido um uso mais prático e doméstico, podemos estar, por isso, diante de uma machadinha para quebrar mariscos ou, ainda, de um objeto que pode ter sido um peso para rede de pesca. Achado por **Thiago Cóstackz** em região próxima ao atual Município de Ceará-Mirim. Acervo / **Museu Câmara Cascudo**.



Achados arqueológicos, pontas de flechas, lanças, raspadores e demais objetos líticos achados em região próxima ao atual município de Ceará-Mirim, comprovando as antigas e numerosas ocupações pré-coloniais da região do Mato Grande (composta pelos municípios de Rio do Fogo, Ceará-Mirim, Taipu, Touros, Maxaranguape, Pureza, Poço Branco, João Câmara, entre outros). Peças encontradas por Thiago Cóstackz durante os últimos 25 anos. Acervo / Museu Câmara Cascudo.



Cerâmicas Tupis variadas achadas em área próxima ao atual município de Ceará-Mirim. As peças possuem vestígios de pinturas, acabamentos de superfície e morfologia associados à tradição Tupi. São geralmente cerâmicas de bordas retas e formatos quadrangulares. Muitas das pinturas mostravam linhas retas ou curvilíneas e pontilhados também tradicionais dos povos Tupis com origem no leste da Amazônia.



Coleção com quase mil artefatos (líticos e cerâmicos) achados por **Thiago Cóstackz** durante os últimos 25 anos, sobretudo em áreas impactadas pela ação do homem e seus empreendimentos. Todas as peças foram entregues ao **IPHAN** e posteriormente ao Acervo do Museu Câmara Cascudo, em Natal/RN. Toda transferência e análise contou com a colaboração do arqueólogo **Moyes Siqueira**.



O **Vale do Ceará-Mirim** deve ter sido habitado no passado distante por diversos povos que, infelizmente, não temos conhecimento sobre quem eram exatamente. Porém, sabemos que os povos de origem **Tupi**, com procedência Amazônica, foram os últimos desses povos a se estabelecerem, dominando a região por volta de 2.000 atrás. Na época do “descobrimento”, em 1.500, era significativa a população indígena na região que hoje se entende como município de **Ceará-Mirim**. Ocupado ancestralmente por populações falantes do Tupi Antigo, entre elas estava nossa etnia, os **Potiguaras Ibirapis**.

Tudo indica que nosso povo era conhecido como **Ibirapis** (“Ibira” = Árvore e “pi” de primeiro, ancestral), sendo, portanto, o povo da “árvore primeira”, o “povo da árvore ancestral”. Uma possível referência ao fato de sermos um povo da floresta, das matas e vivendo cercados por grandes árvores antigas, algumas delas *paus-brasis* (Ibirapitangas em Tupi), a primeira riqueza extraída em nosso território durante o processo de invasão europeia.

Região Ibirapi, fonte: Suassuna e Mariz (2005, p. 53)



IBIRAPI

(“Ibira” = Árvore e “pi” de primeiro, ancestral), sendo, portanto, o povo da “árvore primeira”, o “povo da árvore ancestral”.

POTIGUARA

“Poti” = Camarão e “guara” = comedor, sendo, portanto, o povo comedor de camarão.

TUPI

Tub-ypy
(Ancestral)

Tub = pai, na forma absoluta

Ypy= começo, primeiro

De forma ampla: “o primeiro ancestral” ou “o povo antigo”



CEARÁ-MIRIM

Palavras em **Tupi** com diversos significados, sendo um deles: “CEARÁ” (*cê-ará*) que significa “canto da aratinga” + “Mirim” pequeno. Portanto “local onde canta a pequena aratinga jandaia”.

Outra possibilidade para o topônimo de acordo com mapas antigos que apresentam a palavra “SIRIÁ” é: “SIRIÎARA” (sirizeiro, sirizeira, coletor[a] de siri), formado pelo substantivo SIRI (crustáceo abundante da região) + o sufixo (S)AR(A). No século XIX os indígenas da região de Extremoz/Ceará-mirim eram “insultados” por jornais conservadores de Natal, que os resumiam a simples “catadores de caranguejos”.

Ave Aratinga Jandaia

Foto: Herculano Batista Neto



**FOI UMA
INVASÃO!
O VALE EM 1500**

ANTES

Antes deles chegarem, os dias não eram contados e o tempo não existia.

Mesmo antes deles, nós feríamos a terra, mas nós tínhamos um espinho; eles, uma espada!

Antes do deus deles incendiar nossos corpos em busca de nossas almas, nós existíamos além do tempo.

Antes das leis deles, a nossa lei era existir.

Antes deles, nossas fronteiras eram menores, as deles demarcavam latifúndios.

Nós brigávamos, às vezes matávamos uns aos outros, mas eles fizeram isso em números que jamais havíamos pensado em contar.

Antes deles, a água dos rios sujava com a chuva; com eles, à água estava suja mesmo em dia de céu claro.

Antes deles, nossos corpos não nos envergonhavam; depois deles, nossos corpos são imorais, feios e inferiorizados. Antes deles, nossos líderes eram locais, era possível falar ou questionar olhando nos olhos; agora, o líder deles vive do outro lado do oceano; no futuro, viverá ainda a quilômetros da maioria de nós, da maioria deles.

Antes deles, nós abríamos uma clareira, eles abrem campos onde a vista se perde. Antes deles, não havia céu e inferno, o bem e o mal eram muito mais dúbios, complexos e residiam no canto mais íntimo dos seres, em muito do que é a natureza que nos cerca.

Com eles... o inferno virou os dias!

Antes das leis deles, a nossa lei era existir.

MAMŌYGUARAÉ ÎEPOTARA ÎANONDÉ

Mamŏyguaraé îepotara îanondé 'ara ni papasabi, 'ara nd'oîkoî ranhẽ.

Mamŏyguaraé îepotara îanondé oroîkutuk yby orogûerekóte îu; ogûerekó itaingapema a'e!

I tupã oré reté rapy îanondé oré 'anga reká oroîkobé nhẽ amŏaé 'ára pupé.

Seko îanondé oré reko oré rekobé é.

Îepotar îanondé oré tatobapy mirim a'e mamŏygûaraé ombotatobapy opa yby.

Oré marãmonhãngeme amŏamŏme oroîoîuká, a'éte oîukáetá oré anambûera oîukaîuká tenhẽ abaetá, nd'oroîpapakuabi aîpó te'õmbûera.

Îepotar îanondé 'y amana remimongy'áramo sekóû, i xykiré 'y imongy'apýramo sekóû kûarasy 'ara pupé îepé.

Îeportar îanondé oré reté resé oré tîe'yymi; îepotariré, mba' poxyramo, mba'epanemamo sepîakypyra.

Îepotar îanondé oré morubixaba ikendûara é, oro'ekatu i mongetábo konipó i nhe'ẽpoepyka oré sesá repîákemeKo'yré, i morubixaba oîkobé amoaé paranãgûasu koty; irã kûepeeté oré suí sekóûne.

Îepotar îanondé, oré oroîmonhang kapÿamirĩ, a'ete osapypotar opá ka'a nhẽ.

Îepotar îanondé, ni tybi anhangaratá, konipó tupãrorypaba, tekokatu, tekoaíba nd'oîkoî oré 'anga pupé i 'esaba berameĩ.

Îepotariré oré 'ara onhemonhang anhangaratáramo.

Sekó îanondé, oré rekó oré rekobé é.

Nossa história não começa em **1500!** E se mais estudos arqueológicos fossem feitos, muito mais saberíamos sobre o **Vale do Ceará-Mirim** em épocas pré-coloniais. Os portugueses, chamados por indígenas falantes do tupi antigo de “Peró”, possivelmente pelo fato de muitos deles se chamarem “Pero” e “Pedro”, demoraram quase 100 anos até conseguirem penetrar em nosso território e iniciarem sua invasão de fato. E aqui nessa terra estávamos nós. Os **Potiguaras** eram grandes guerreiros, reconhecidos pela sua bravura, por serem excelentes flecheiros e muito organizados em batalhas, isso também incluía mulheres. Segundo o historiador Tavares Lyra: "o maior e mais guerreiro gentio do Brasil".

Foram inúmeros os conflitos, os massacres, e só por volta de 1599, Natal, hoje capital do estado, pôde ser “fundada”. Ou seja, não foi uma ocupação fácil, como é contado por parte da história tradicional de que simplesmente aceitamos espelhos, tesouras e outros objetos em troca de nossas terras; isso nos foi roubado, existiu muita luta, enfrentamos uma invasão e resistimos por quase 100 anos no século XVI.

Dessa forma, o litoral do RN foi um dos últimos locais a ser ocupado pelos portugueses na costa do Brasil. Entretanto, antes da fundação de Natal, em **1599**, marcando de fato a presença e início da colonização portuguesa no RN, houve muita troca e um sistema complexo de alianças e colaborações entre nosso povo e outros europeus. Um dos primeiros a explorarem a área desde as primeiras décadas do século XVI foram os franceses, um contato tão intenso e que durou tantas décadas, que pode ser descrito como uma espécie de **Período Francês**, tendo em vista o longo período de quase 100 anos de exploração e interação com nosso povo. Muitos franceses se casaram já nos primeiros anos com mulheres **Potiguaras**.

A cartografia e os documentos franceses desse período mostram detalhes importantes de nossa civilização e como estavam organizadas geograficamente e até **urbanisticamente algumas dessas localidades em nossa região**. Os mapas exibem redes complexas de estradas, hábitos, costumes e detalhes culturais como vestimentas, adornos, rituais e instrumentos musicais.



Ou seja, vários detalhes que mostram que uma **civilização complexa estava estabelecida** no litoral oriental do RN já na época pré-colonial. Também aparecem nesses documentos gravuras e alegorias de nossos ecossistemas (com ricos detalhes da fauna e flora, muitas delas, infelizmente, já extintas). Nomes dos rios também são vistos escritos da forma como os franceses entendiam o *Tupi Antigo* falado, é o caso do *Rio Potengi* (do Tupi “poti” = camarão e “y” = água), que está escrito como “Potitou”.

Imagens: Detalhe do mapa francês Atlas, de **Nicolas Vallard de 1547**, com a costa leste do Brasil, onde é possível ver indígenas e a região do Rio Grande do Norte representados. Biblioteca de Huntington / USA.





Assubuo: 9: 0

Si angusty

Riopemero
Rio da virtude
Rio da pedra
Rio del pichel

S. Domingo

bitaponia
potitou
pracel
capel

Rio da terra
Rio de lamiquel
Rio da mangra

monte del ytra

capitania
terra salneo
monte prita

monte del y
S: dnt negrub
pi dn pracel

terra pescari
Rio de pruel
Rio da crm

terra S. lunciat
Rio da lafaste
Rio grant

capdo anffo
baic da coroa
costa branca

Rio da bon
Rio do mca
Rio dnt
S: de tonb amb

"Potitou" = Rio Potengi

Litoral Norte do RN

1547







Handwritten text in a cursive script, likely a local language or a transcription of a name, located in the bottom left corner of the illustration.

Handwritten text in a cursive script, possibly a name or a label, located in the middle left area of the illustration.

Handwritten text in a cursive script, possibly a name or a label, located in the bottom right area of the illustration.

Handwritten text in a cursive script, possibly a name or a label, located in the bottom center area of the illustration.



Rio Potengi

1579

Além de detalhes cotidianos e cartográficos, os documentos franceses descrevem o contato, as trocas e a intensa exploração e extração de pau-brasil em nossas terras, matéria-prima que era escoada ao longo do Rio Ceará-Mirim (antigo Rio Siara, Rio Baquipe etc...) até chegar ao Oceano Atlântico, onde eram embarcada em navios ancorados na praia de Pititinga, também com ajuda de nosso povo, para que então partisse em direção à Europa. Essa grande exploração abriu caminho para a ampla destruição de nossa mata sagrada, fato que seria consolidado com a introdução das sesmarias e com as megaplantações de cana-de-açúcar e a instalação de seus engenhos décadas depois.

Imagem: Detalhe do mapa de Jacques de Vaulx de Claye 1579 / Gallica Biblioteca Nacional da França



Rio Potengi

Região de Ceará-Mirim

Cabo de S. Roque

Pititinga

Touros

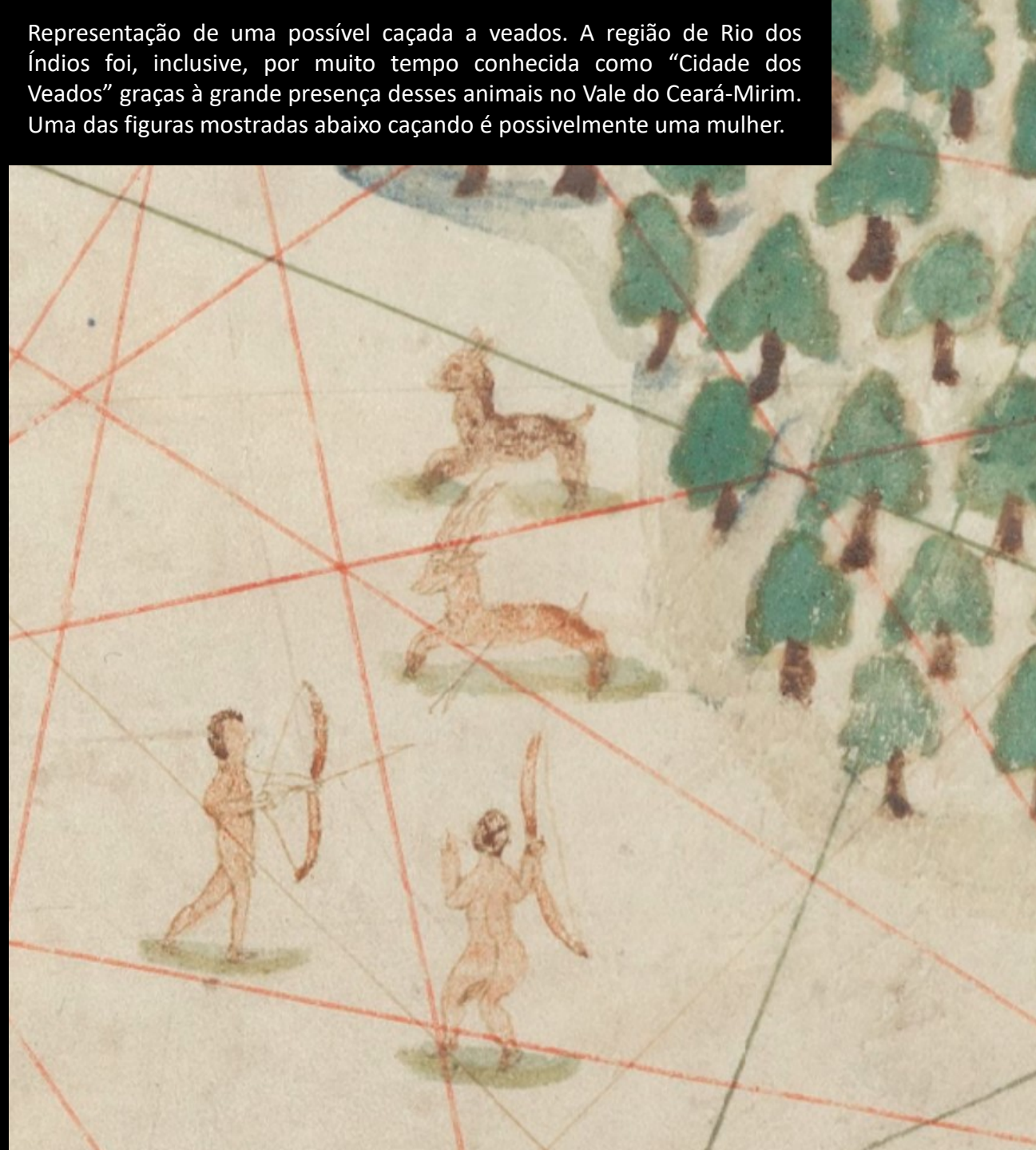
Pititinga aparece descrita no mapa como a aldeia Potiguara “Souasoutin”, palavra em Tupi para “focinho de veado”, possivelmente uma referência ao nome da liderança da comunidade naquela altura. O nome “focinho de veado”, pode revelar um caráter xamânico de nossa cultura, já que muitos dos nossos acreditam possuir espíritos animais e até se transformarem em alguns deles através de magia.

Índigenas extraíndo pau-brasil para os franceses. Matas densas eram comuns em nossa região. A representação mostra alguns animais. São mamíferos e aves da região, possivelmente uma raposa, alguns macacos e um pássaro.





Representação de uma dança ritualística. O grupo usa maracás e tambor. Todas as comunidades indígenas descritas pelos franceses possuem uma urbanística peculiar, sempre com construções formando quadrados e praças centrais conhecidas em Tupi como "Okara".



Representação de uma possível caçada a veados. A região de Rio dos Índios foi, inclusive, por muito tempo conhecida como "Cidade dos Veados" graças à grande presença desses animais no Vale do Ceará-Mirim. Uma das figuras mostradas abaixo caçando é possivelmente uma mulher.

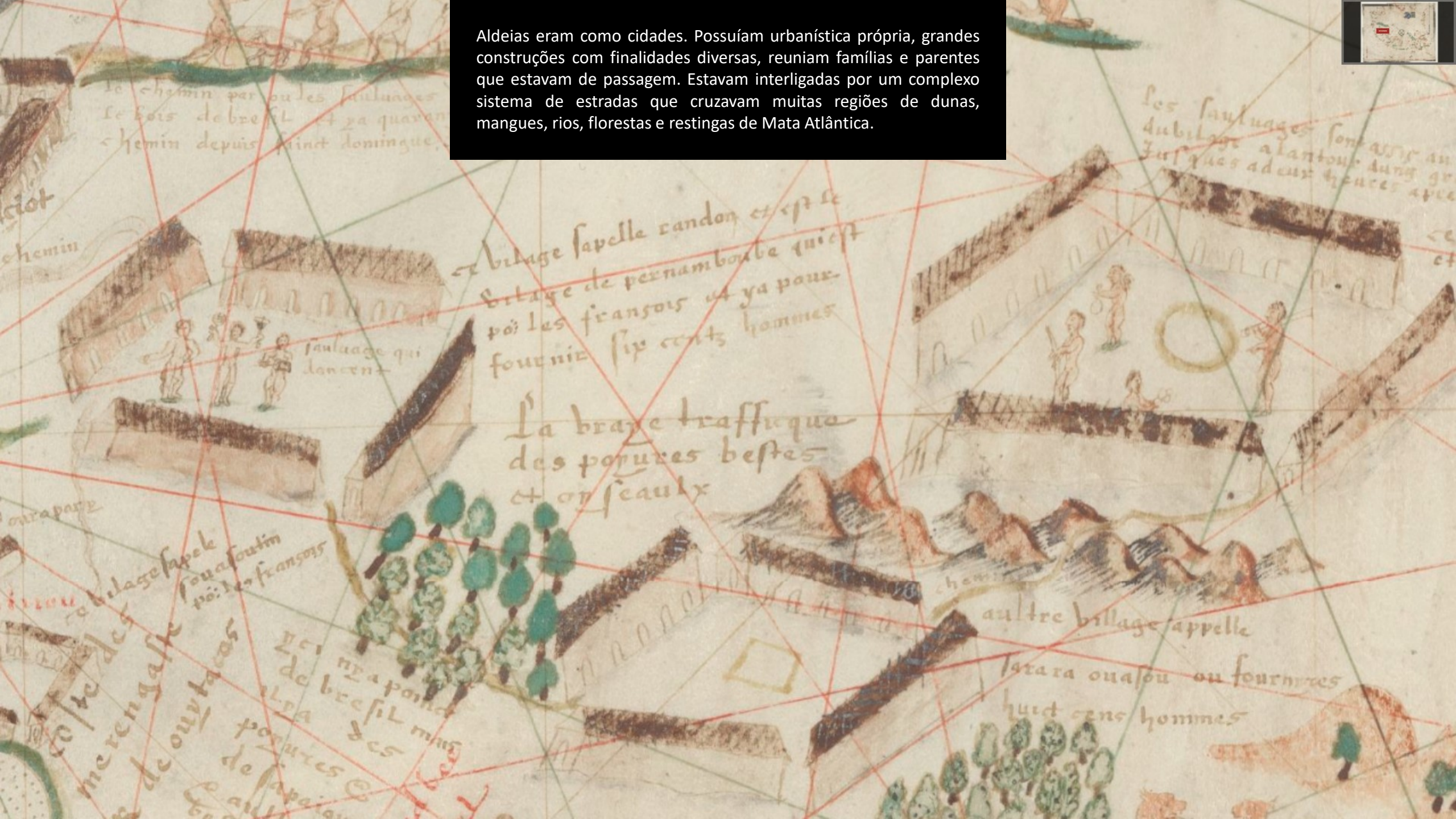
Cenas variadas representando danças, caçadas e lutas recreativas. As barracas à direita são francesas, pois alguns chegavam a viver entre os indígenas organizando as extrações e aprendendo costumes.





Cenas variadas. A primeira representa um grupo reunido de forma circular, possivelmente dançando, realizando um ritual ou preparando alimentos. A fauna e flora seguem representadas com animais, florestas e dunas. Além de estradas, aparece abaixo um grupo caminhando, são dois adultos e uma criança, transportando ou vestindo objetos azuis, possivelmente feitos a partir de penas de aves antes existentes na região. Ao lado da aldeia, é representada uma figura curiosa, seria um animal ou uma figura antropomórfica mágica?

Aldeias eram como cidades. Possuíam urbanística própria, grandes construções com finalidades diversas, reuniam famílias e parentes que estavam de passagem. Estavam interligadas por um complexo sistema de estradas que cruzavam muitas regiões de dunas, mangues, rios, florestas e restingas de Mata Atlântica.





A antropofagia indígena foi algo muito mais complexo do que simplesmente comer alguém ao primeiro sinal de fome. Os indígenas mais antigos não a praticavam com amigos e aliados, tudo acontecia dentro de um complexo contexto. Infelizmente, o canibalismo foi uma prática registrada em todos os continentes e em quase todas as culturas humanas, incluindo as culturas europeias e durante o **Egito Romano**.

Neandertais praticavam o canibalismo entre si, e humanos modernos podem ter também canibalizado os Neandertais. Com diferentes motivações, a prática foi comum na **Grã-Bretanha** até pelo menos 2.000 anos atrás. Há registros de canibalismo na **Rússia, Alemanha** e em outras partes do Leste Europeu nos anos de 1930/40, sobretudo durante o cerco a São Petersburgo. Ainda hoje diversos povos ao redor do mundo seguem com esse costume.

Entretanto, há séculos nosso povo não mais segue essa prática. Por isso é importante entender o contexto da época.



O famoso filósofo humanista francês **Michel de Montaigne** interagiu com indígenas de origem Tupi da França Antártica (na época, colônia francesa no Rio de Janeiro, séc. XVI, mesmo período da presença francesa no Rio Grande do Norte). E sobre essa interação, ele escreveu: “Acho que não há nada de bárbaro ou de selvagem nessa nação, a não ser que cada um chama de barbárie o que não é seu costume”. Em 1613 um indígena Tupinambá chamado **Itapuku** chegou a dançar e discursar em Tupi para o **Rei Luiz XIII da França no Palácio do Louvre**. O rei e a rainha da **França Maria de Médicis** chegaram a prometer ajuda e proteção para ele e seu povo.

Montaigne questionava ainda se os indígenas ditos "canibais" eram realmente cruéis. O fato de os europeus os considerarem assim para ele era hipócrita, pois, para ele, mais cruel seria torturar, queimar ou esquartejar alguém em nome de uma fé, coisa comum na Europa dividida pela Reforma e Contrarreforma Protestante. Sobre os indígenas ele ainda escreve: “Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade, mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado”. Entretanto, o pensamento colonial racista segue associando apenas a povos “não brancos” atos considerados bárbaros, enquanto eventos recentes como o holocausto nazista não faz com que os alemães de hoje sejam vistos como menos “civilizados”, por exemplo.



P. Marietti sculpsit

Joachin Du port pinxit

Ce sont icy les vrais portraits des sauvages de l'isle de Maragnon appelez Topinambous amenez au tres-Christien Roy de France et de Navarre par le S.^r de Razilly en la presente annee 1613. On y sont representees les postures qu'ils tiennent en dansant.



Marietti sculpsit

P. Ferrez sculpsit

Portrait au naturel des barbares amenez en France du pair de Topinambours . par le S.^r de Razilly pour estre baptizez et convertiz a la foy de Jesus Christ et presentez a sa Ma.^{te} en l'annee presente 1613.

Joachin Du port pinxit

Gravuras francesas de 1613 retratando os indígenas Tupinambás que foram à corte da França. Aqui aparecem em uma cena de dança com maracás. Por serem indígenas de origem Tupi, os Tupinambás são ainda hoje muito próximos culturalmente de nós, **Potiguaras Ibirapi**.

CAUIM

Detalhe de mapa holandês de 1606, feito por **Jodocus Hondius**, mostrando detalhes da fabricação de **Cauim**. Aqui indígenas de origem **Tupi** preparam e bebem essa importante bebida ancestral. A ilustração mostra ainda a importância das mulheres na fabricação da bebida, homens a bebendo enquanto um deles aparentemente toca uma flauta e usa um **manto Tupi** de penas verdes. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc / USA.





LES SINGVLARITEZ
tres racines, lequel apres auoir bouilly est de semblable
couleur que le vin clair. Les Sauvages le trouuent si bô



Da esquerda para a direita: Gravura de André Thévet, de 1558. Mostrando indígenas de origem **Tupi** colhendo caju para a fabricação de **Cauim** com a fruta. **Cauim** são diversas bebidas alcoólica feitas da fermentação de mandioca, milho e, também, de frutas como caju e abacaxi. Habitantes mais antigos do Vale do **Ceará-Mirim**, como meu pai **Jânio Varela**, ainda hoje conhecem o preparo e o sabor dessa bebida ancestral, chamando-a de “Cauam”.

Outra bebida parecida muito apreciada por indígenas que sobrevive no Vale é o **Aluá**, feito com abacaxi, jenipapo e mel.



A direita, pintura de Cajus por **Mark Catesby** em 1722.



BOIS DE BRÉSIL.

PAU-BRASIL

Pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) também conhecido como *arabutã*, *ibirapiranga*, *ibirapitá*, *ibirapitanga*, *orabutã*, *pau-de-tinta*, *pau-pernambuco* e *pau-rosado*. É uma árvore leguminosa nativa da **Mata Atlântica**. Era abundante no **Vale do Ceará-Mirim**, mas a invasão europeia vitimou essa espécie com voracidade e hoje, ela praticamente sumiu de nossa terra ancestral.

“Jerônimo de Albuquerque quando procurava juntar-se a Mascarenhas, em 1597, avistou naus francesas carregadas de **pau-Brasil** (Rocha Pombo – H.R.G.N.). Já em 1608, diz Diogo de Campos na sua *Razão do Estado do Brasil*, o **Rio Grande “tem algum pau-Brasil fino, muito raro, pois os franceses lhe arrancaram até as raízes”**. O regimento de 12 de dezembro de 1605, regulamentando o corte, não impediu a devastação.”

“É o próprio Sr. Marques de Pombal que exige a remessa exclusiva de pau-Brasil para Lisboa, em carta autorizada pelo Reino” – “O Marquês se esvai em recomendar fiscalização, multa, etc., determinando, enfim, mais 9 ANOS (NOVE ANOS) para a Companhia explorar o comércio de madeiras e remeter para a Corte 20.000 quintais, somente de pau-Brasil (O “Nordeste” – G. Freire).”

“**Segundo Diogo Campos, já não existia quase a preciosa essência nos albores do século XVII, na terra potiguar**. Entretanto, a Companhia ainda em 1775, obediente a um contrato que durou DEZOITO ANOS, compromete-se a enviar para Lisboa, não trinta como vinha sendo, mas vinte quintais por ano, de madeira escolhida. Resta-nos agora dizer que o **pau-Brasil** originou a navegação do **rio Guajirú**, no município de **Ceará-Mirim**, e é justamente nas suas margens que não se conhece mais um só exemplar dessa leguminosa.”

Entre aspas, trechos do livro: “Ceará-Mirim Exemplo Nacional” vol. II, de Júlio Senna, 1974.

Pau-brasil / Bois de Brésil – 1829

Gravura de Pierre Jean François Turpin

RIO BAQUIPE

“Baquipe” palavra de origem **Tupi** que significa: no rio das frutas. ‘Ybá (fruta) + ‘y (rio) + pe (no, em, na, para).
Um dos nomes registrados na história para o atual Rio Ceará-Mirim.

Gabriel Soares de Souza era um empresário português, agricultor, estudioso e um dos primeiros historiadores do Brasil. Ele descreve em seu “Tratado Descritivo do Brasil” de **1587** o “Rio Baquipe” em **Ceará-Mirim** e outras localidades:

“Do cabo de São Roque até a ponta de Goaripari são seis léguas, ao qual está em quatro graus e 1/4, onde a costa é limpa e a terra escalvada, de pouco arvoredo e sem gentio. De Goaripari à enseada da Itapitanga são sete léguas, a qual está a quatro graus e 1/4; da ponta desta enseada à ponta de Goaripari são tudo arrecifes, e entre eles e a terra entram naus francesas que surgem nesta enseada à vontade, sobre a qual está um grande médão de areia; a terra por aqui ao longo do mar está despovoada do gentio por ser estéril e fraca. **Da Itapiranga ao rio Pequeno, a que os índios chamam Baquipe**, são oito léguas, a qual está a cinco graus e um seismo. Neste rio entram chalupas francesas a resgatar 54 com gentio e carregar do pau de tinta, as quais são das naus que se recolhem na enseada de Itapitanga. Andando os filhos de João de Barros correndo esta costa, depois que se perderam lhes mataram neste lugar os potiguares, com favor dos franceses, induzidos deles muitos homens. Deste rio Pequeno ao outro rio Grande são três léguas, ao qual está em altura de cinco graus e 1/4; nesse rio Grande podem entrar muitos navios de todo porte, porque tem a barra funda de dezoito até seis braças, entra-se nele como pelo arrecife de Pernambuco, por ser da mesma feição.”

A aliança **franco-potiguara** (ou **franco-Tupi**) durou quase todo o século XVI. Em **1536**, o donatário português **Ayres da Cunha**, vindo de Portugal para explorar sua suposta “capitania” (ele havia recebido, juntamente com João de Barros, as **capitanias do Rio Grande** e do **Maranhão**), desembarcou na foz do **Rio Baquipe**, hoje **Rio Ceará-Mirim**, porém a oposição **franco-potiguara** foi tamanha que ele foi obrigado a voltar urgentemente para sua nau.

“Em **1597**, organiza-se em Pernambuco uma expedição para combater os franceses e os potiguares do **Rio Grande**. Os portugueses têm o auxílio dos tabajaras (paraibanos). Na luta que se travou, tomaram parte **50 franceses casados entre os potiguares**. Os índios pegados de surpresa, foram barbaramente mortos. As suas aldeias foram assaltadas e estragadas, mesmo desertas, sem resistência. A maior foi tomada para alojamento da tropa invasora” - “Povo genuinamente agrário, comedor de camarão pela etimologia de sua designação e pela característica do ambiente, que determina a função fisiológica – logo aos primeiros contatos com os portugueses, virou *fera*. Não saltava em terra um português para não ser *devorado*. Os franceses, não: podiam negociar. Os holandeses, idem. Um espanhol foi encontrado entre os índios, vivo, gozando a confiança do pajé e, por sinal, com o beijo furado, escreve Diogo Paz. Trechos de Tavares Lira – “N.H.R.G.N.”.

Por isso foram os portugueses, sem dúvida, os maiores propagandistas da ideia de “indígenas selvagens comedores de gente”. Tivemos relações diversas com os invasores e muita complexidade com todas elas, mas sem dúvida a relação entre nosso povo e os portugueses foi traumática, desigual, desqualificadora e assassina desde o início das tentativas de invasão de nossa terra por parte de Portugal.

O GADO “SELVAGEM” DOS POTIGUARAS EM CEARÁ-MIRIM

Não se sabe o ano exatamente que o gado foi inserido no Rio Grande do Norte, porém sabe-se que foram os franceses que trouxeram enormes quantidades desses animais para serem utilizados como moeda de troca com nosso povo. Por isso, inúmeros registros dos invasores mostram que a região da Zona Norte de Natal, **Ceará-Mirim** e parte do litoral norte do RN eram o lar de grandes rebanhos. Nossos tabuleiros costeiros se mostraram a morada ideal para o gado que rapidamente se adaptou e se espalhou. O holandês **Watjen** afirmou em **1638**, que o bovino era “um animal quase selvagem, errante e sem dono” em nossa região. Em 1631, o soldado holandês **Ambrósio Richshoffer** ficou um tempo em Genipabu (na época parte do mesmo município onde hoje fica **Ceará-Mirim**), e lá por três dias, registrou ter matado tanto gado que o volume correspondia ao suposto consumo de um ano inteiro. Ainda na década de **1630**, nossa região exportava couros diversos de bovinos e caprinos, que eram enviados para serem curtidos na Holanda. No mesmo período, o também holandês **Ussalinx** considerava um erro julgar que só ouro e prata deveriam ser explorados e exportados para Europa. Ele sugeria, portanto, que ao tomarem as “Índias Ocidentais”, que fossem exploradas outras riquezas nossas: açúcar, madeira, couros, anil, gengibre, cochonilha (extraído do pequeno inseto *Dactylopius coccus*, passou a ser amplamente utilizado como corante vermelho nas mais diversas indústrias), entre outros produtos originários do Nordeste do Brasil e das Américas.



O intenso contato com os invasores teve muitas consequências. Muitas doenças também varreram incalculáveis volumes de vidas indígenas na costa do Brasil ainda no século XVI, matando-os quase que instantaneamente durante esse primeiro século de ocupação e contato. Relatos apontam que simples resfriados podiam matar um indígena e, por isso, milhares, talvez milhões, de indígenas padeceram vitimados pelos males trazidos pelos invasores, sobretudo por varíola. Em 1555 uma epidemia dessa doença vitimou possivelmente mais de 30 mil Tupis na costa brasileira. Os franceses só deixaram nossa região em **1597** quando foram vencidos e expulsos pelos portugueses em batalhas violentas entre o litoral da Paraíba, RN, também envolvendo nosso povo, desnecessário dizer o quanto perdemos parentes nesses episódios.

Para se ter ideia da violência durante a retomada portuguesa, um registro jesuíta sobre as batalhas para tomada na foz do **Rio Potengi**, nas proximidades onde hoje está o Forte dos Reis Magos, **conta que os indígenas Potiguaras, armados com flechas em suas canoas, foram recebidos com balas de canhão pelos navios portugueses.**

E, assim, o “Rio Grande” se tornou um rio de sangue.

E O "RIO GRANDE" SE TORNOU UM RIO DE SANGUE...

1598 – LISTA DE MASSACRES NA REGIÃO ENTRE NATAL E CEARÁ-MIRIM

1- Morte por afogamento de SURUPIBA, Chefe da Aldeia Velha de Igapó e de seu povo;

2- Massacre de uma vez, de 400 índios e 80 prisões;

3- Trucidamento em massa de toda uma aldeia nas proximidades de Natal (entre Ceará-Mirim e Extremoz). Com 1.500 fugas duvidosas, porque os fugitivos não mais apareceram;

4- Incêndio de cerca-trincheira e casas de aldeia indígena, onde grassava a varíola.

Foi assim a entrada portuguesa no litoral do Rio Grande de Norte. E esses são apenas alguns números.

Registros da tomada de Natal descrevendo alguns números de assassinados por portugueses. As informações foram obtidas com base nos registros do **Frei Viscente Salvador** que registrou a tomada de Natal e região. Fonte: Júlio Gomes de Senna “Ceará-Mirim Exemplo Nacional” vol. II, 1974.



ALDEIAS POTIGUARAS COM MILHARES DE PESSOAS EM CEARÁ-MIRIM

Sobre as aldeias Potiguaras (e outros Tupis possivelmente) com milhares de habitantes, o ilustre escritor cearamirinense Júlio Senna registrou:

“No início da ocupação portuguesa – 1599-1600- a zona polarizada CEARÁ-MIRIM – GUAJIRU continha umas 16 aldeias”, segundo ROCHA POMBO (pág. 51), “mais ou menos afastadas”, abrigando uma população nativa de **11.200 pessoas**, na proporcionalidade de 700 por unidade geográfica, completamos nós. Gente branca francesa, quase nada.”

“Mesmo depois dos massacres, degolamentos incêndios e migrações em direção as áreas cariri e tapuia.”

“Para os cronistas do tempo, matar assim, não era barbaridade... Bárbara, estúpida, cruel, só a matança de Uruassú! Matar *gente do mato*, não. Até valia uma condecoração!”

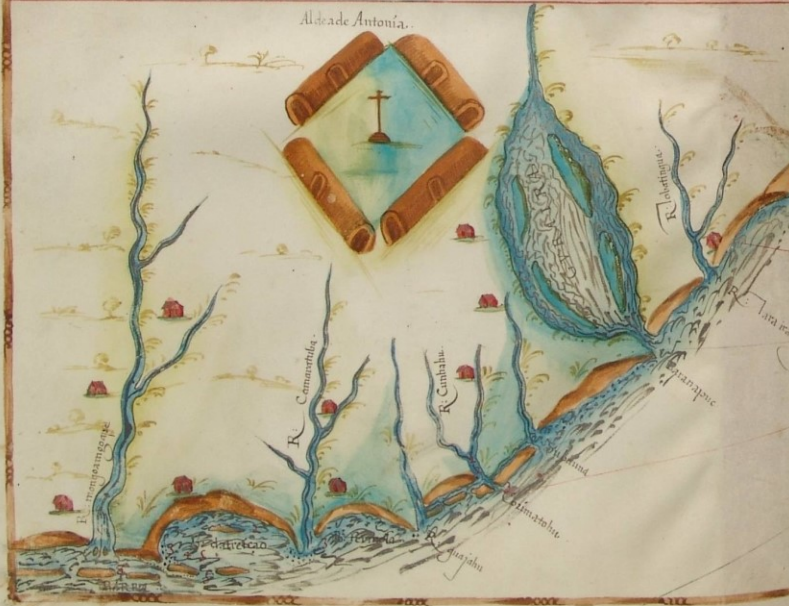
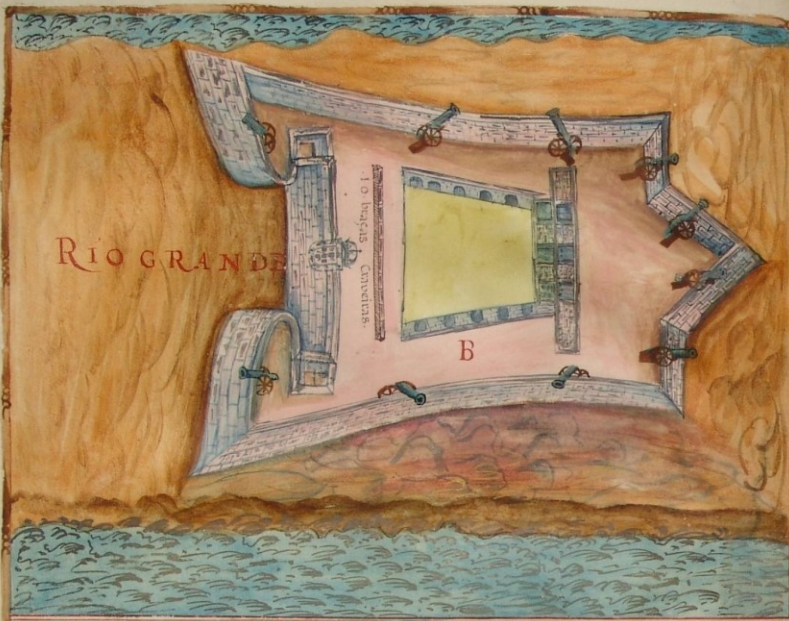


REZAÕ DO EST
DO DO BRASIL
NO GOVERNO
DO NORTE SÕME
TE ASI COMO O
TEVE DÕ DIOGO
DE MENESES. A
TÈ O ANNO DE
1612.



Aldeia de Santa Helena

*N. 126
Doutor
1612*



1612

Rio Ceará-Mirim aparece como "R. Ciara", conectando, cruzando o que parece ser uma lagoa ou barragem.

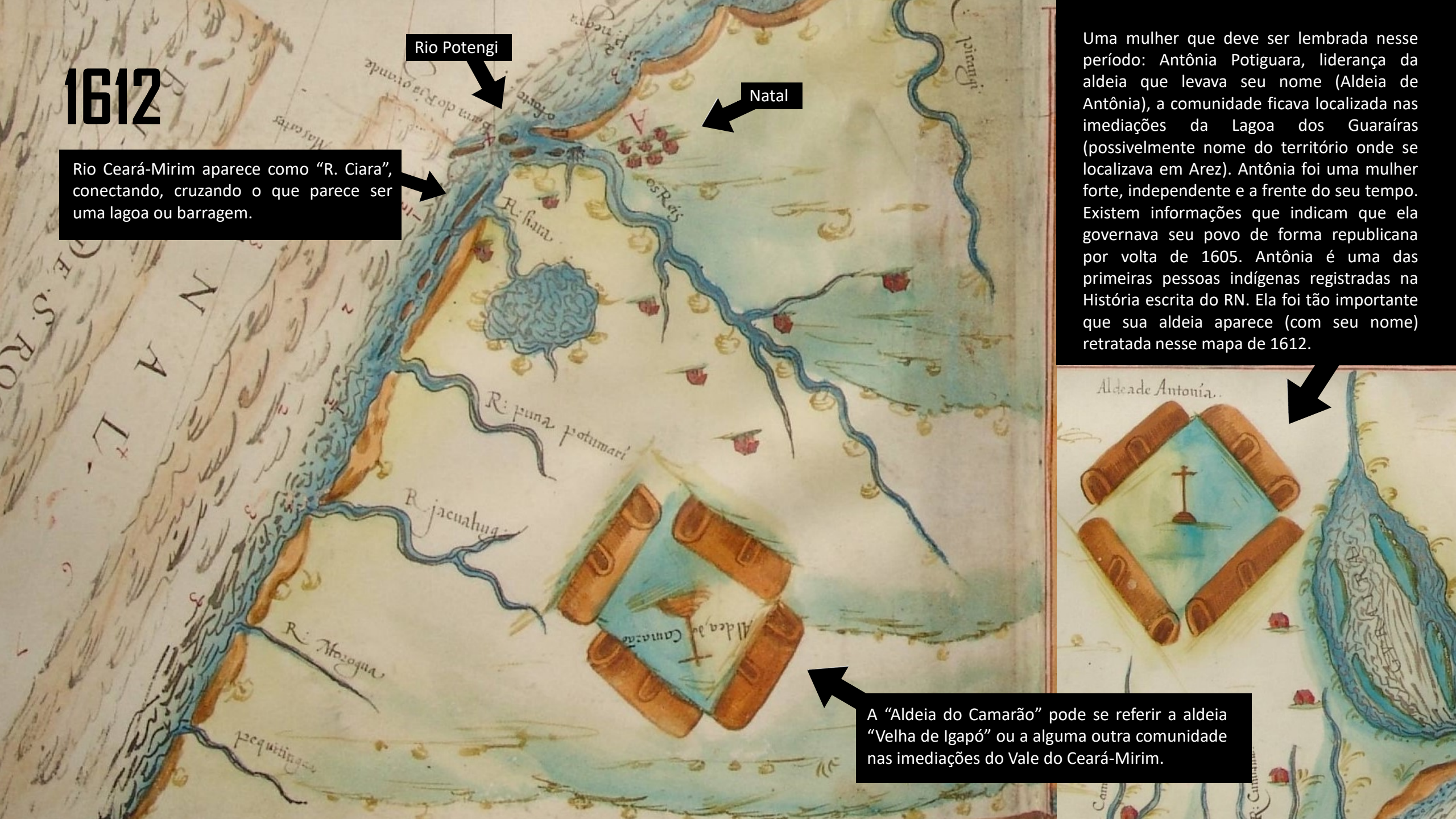
Rio Potengi

Natal

Uma mulher que deve ser lembrada nesse período: Antônia Potiguara, liderança da aldeia que levava seu nome (Aldeia de Antônia), a comunidade ficava localizada nas imediações da Lagoa dos Guaraiás (possivelmente nome do território onde se localizava em Arez). Antônia foi uma mulher forte, independente e a frente do seu tempo. Existem informações que indicam que ela governava seu povo de forma republicana por volta de 1605. Antônia é uma das primeiras pessoas indígenas registradas na História escrita do RN. Ela foi tão importante que sua aldeia aparece (com seu nome) retratada nesse mapa de 1612.

Aldeia de Antônia..

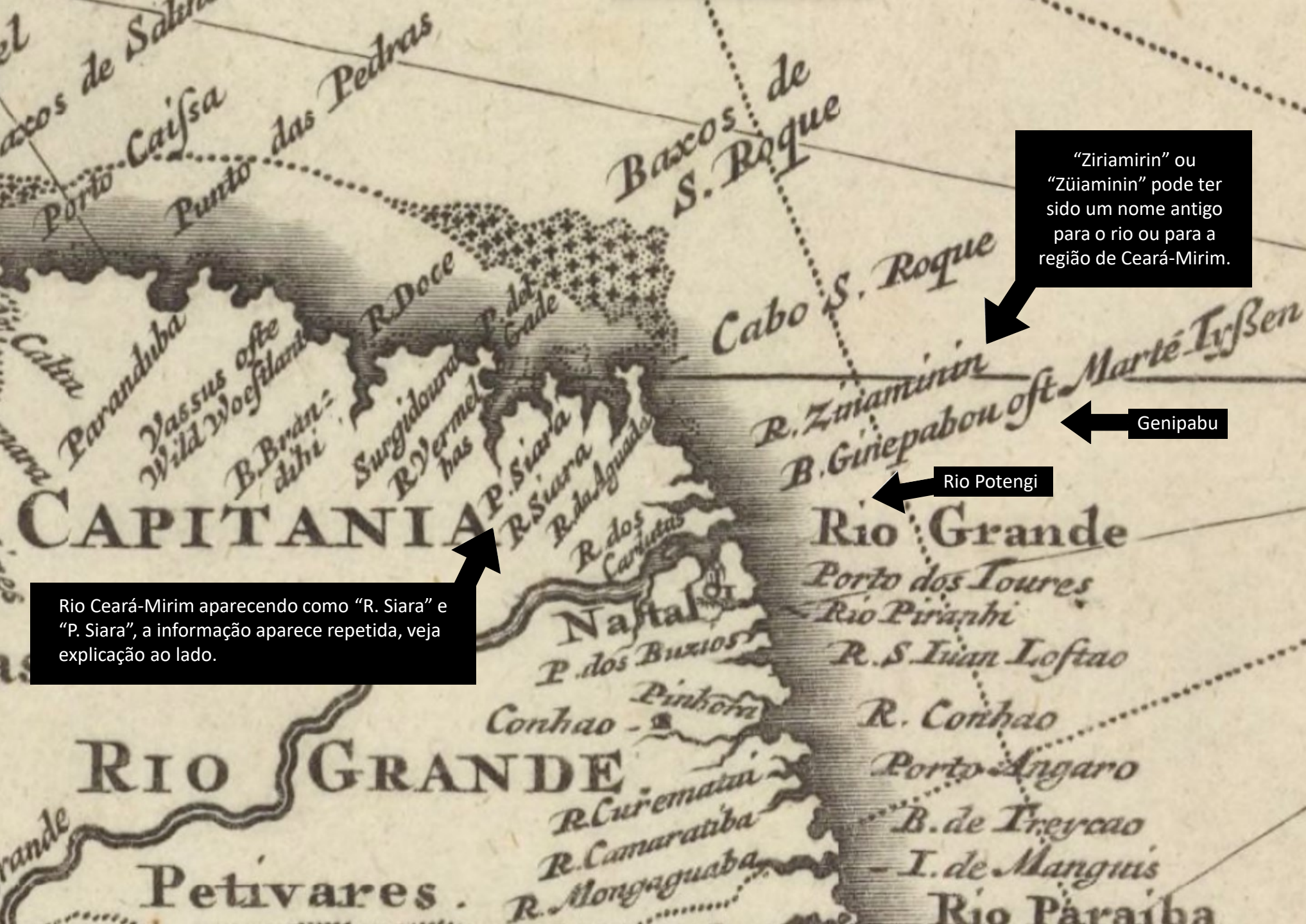
A "Aldeia do Camarão" pode se referir a aldeia "Velha de Igapó" ou a alguma outra comunidade nas imediações do Vale do Ceará-Mirim.



1625

Detalhe de mapa holandês feito em 1625 por Joanne Blaeu I. F. contendo possivelmente a mais antiga citação à região de Ceará-Mirim com uma palavra que tem referência com o nome moderno. No mapa aparece **Ziriamirin** (ou **Züiamirin**), uma possível tentativa holandesa de compreender o que estava sendo dito em Tupi pelos nossos ancestrais. Note também a dualidade do termo **Siara**, essa repetição pode ser para marcar muito bem a região com três referências, referindo-se a uma possível bifurcação no delta do **rio Ceará-Mirim**, resultando em dois cursos distintos ou simplesmente um erro do cartógrafo, já que alguns mapas eram elaborados baseados em mapas anteriores ou em relatos de viajantes.

Acervo: Gallica Biblioteca Nacional da França.

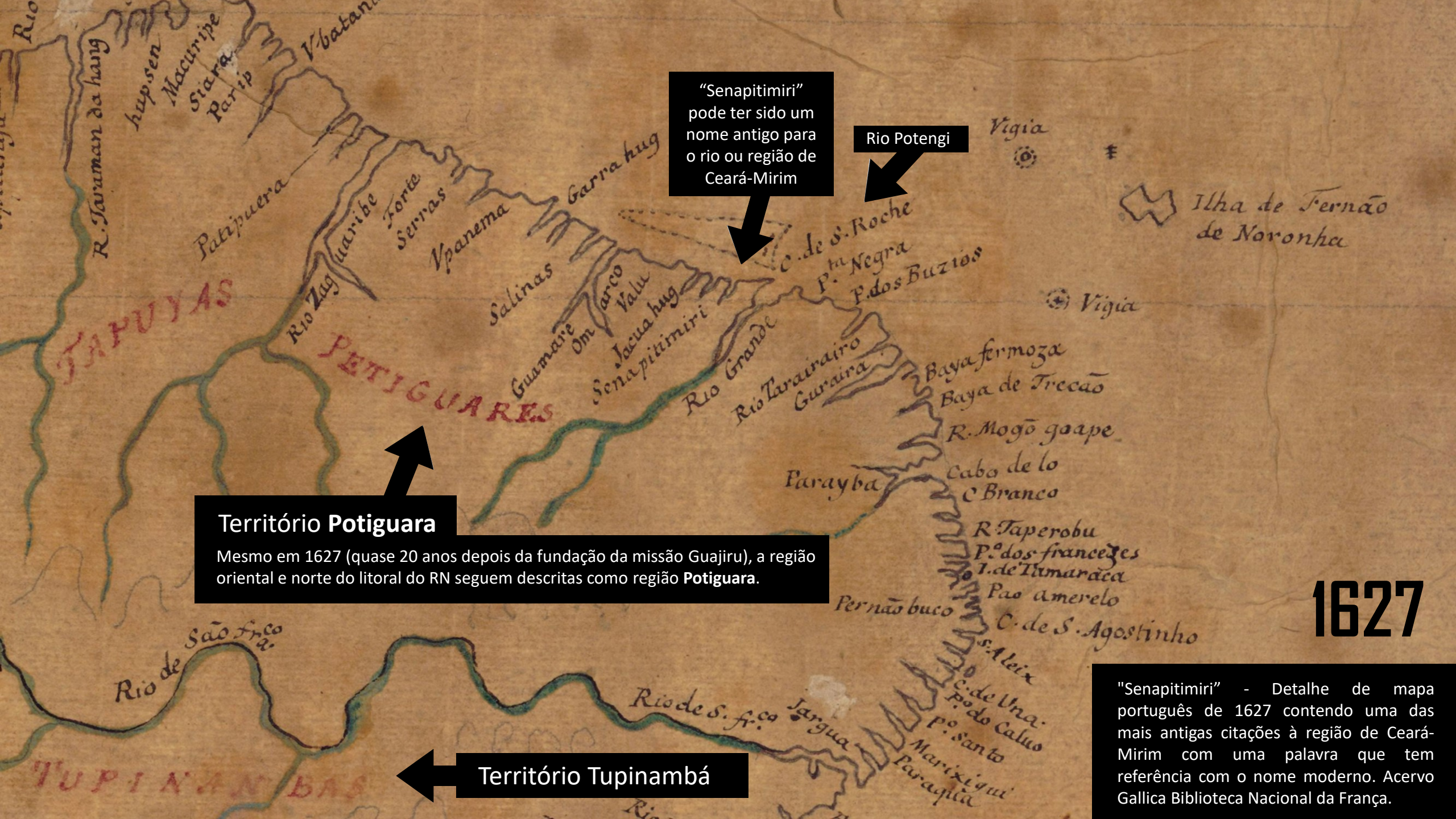


“Ziriamirin” ou “Züiamirin” pode ter sido um nome antigo para o rio ou para a região de Ceará-Mirim.

Genipabu

Rio Potengi

Rio Ceará-Mirim aparecendo como “R. Siara” e “P. Siara”, a informação aparece repetida, veja explicação ao lado.



“Senapitimiri”
pode ter sido um
nome antigo para
o rio ou região de
Ceará-Mirim

Rio Potengi

TAPUYAS

PETIGUARES

Território Potiguara
Mesmo em 1627 (quase 20 anos depois da fundação da missão Guajiru), a região
oriental e norte do litoral do RN seguem descritas como região Potiguara.

Território Tupinambá

TUPINAMBAS

1627

“Senapitimiri” - Detalhe de mapa
português de 1627 contendo uma das
mais antigas citações à região de Ceará-
Mirim com uma palavra que tem
referência com o nome moderno. Acervo
Gallica Biblioteca Nacional da França.

Indígenas Potiguaras & a "Nieuw Holland"

Veroveringe van
RIO GRANDE
in Brasil. Anno 1633.



1633

Fazia pouco mais de 30 anos que os portugueses haviam conseguido se estabelecer na Capitania do Rio Grande e, então, foi a vez dos holandeses tomarem o território durante o conhecido período de ocupação do atual Nordeste brasileiro pela **Companhia das Índias Ocidentais**, que se iniciou no estado do RN oficialmente no começo da década de 1630, quando Natal passou a ser chamada de **Nieuw-Amsterdam** (Nova Amsterdã) e o *Forte dos Reis Magos* de **Kasteel Keulen** (Castelo de Ceulen). Nascia então a **Nieuw Holland** (Nova Holanda).





O primeiro retrato pintado da cidade do Natal foi feito nesse período por ninguém menos que **Frans Post**, um dos principais artistas holandeses do período, que integrava a missão artística e científica do **Príncipe Johan Maurits van Nassau-Siegen**. Essa pintura de Natal está hoje em um dos mais importantes museus do mundo, o **Louvre em Paris**, depois de ter sido presenteada por Nassau ao rei **Luiz XIV** da França, famoso “rei Sol”. É também do período holandês os registros visuais mais fiéis de nosso povo, de nossa fauna e flora.

Imagem: Obra “*Kasteel Keulen*” 1638, Frans Post. Acervo do Museu do Louvre em Paris.

Existe muito debate sobre qual seria a etnia pintada por Frans Post, se seria de Potiguaras ou de outra etnia. Porém, sabemos que os Potiguaras eram ótimos navegadores e bons canoeiros, o que pode ser um indício. Canoas parecidas com essas foram achadas na Lagoa de Extremoz em 2013 e também em outros anos. Os achados que foram examinados são datados entre 700 e 200 anos.





Ao lado, uma das grandes **canoas Potiguaras** encontradas em Extremoz nos últimos anos datadas aproximadamente entre **700 e 200 anos**, segundo datações científicas. Típicas da zona da mata, as grandes árvores de nossa região serviam de matéria-prima para nossa produção náutica. Essas canoas eram feitas por nosso povo há milênios, possivelmente desde quando nossos ancestrais ainda estavam na Floresta Amazônica. Na região também **foram encontradas muitas cerâmicas em pasta Tupi** (segundo avaliação de especialistas), algumas contendo ainda resíduos de farinha de mandioca, possivelmente eram utensílios usados para fazer tapioca ou grude. O **grude** é um dos mais fortes elementos culturais que permanecem vivos entre indígenas de Ceará-Mirim e Extremoz.

Fotos: Lenilton Lima



Cena com indígenas e holandeses em frente ao Kastel Keullen. Note que os indígenas foram retratados ainda com aparência **renascentista**. “Kaat van het eiland Antonio Vaz, ca. 1636-1644” feito por Jan Van Brosterhuyzen e Jahannes Willemszoon Blaeu: 1645/1647. Acervo do Rijksmuseum Amsterdam / Países Baixos.



As grandes e exuberantes emas eram aves abundantes na Caatinga do RN e, possivelmente em menor ocorrência, também nas regiões dos tabuleiros próximas a **Ceará-Mirim**, já que essa ave não é típica da Mata Atlântica densa. Era uma importante fonte de alimento para vários povos antes de serem extintas no estado. Foram, durante o período holandês, a ave-símbolo da Capitania do Rio Grande do Norte. Possivelmente uma referência a liderança indígena **Janduí** (apesar do nome em **Tupi** ele era possivelmente **Tairariú** ou pertencente a alguma outra nação **Macro Jê**, existem registros que seu nome era “Drárug” em sua língua materna), forte aliado holandês, ou por realmente terem sido animais abundantes no passado.



No topo, à direita, brasão da Capitania do Rio Grande. A alegoria apresenta uma ema e a inscrição em latim “Fluvius Grandis” – Pintura de *Georg Marcgrave*. Ao centro a direita, selo da Capitania do Rio Grande também mostrando a mesma ave. E, embaixo, cena de indígenas caçando emas (autor desconhecido).





1639

Mapa holandês de 1639 Feito por Willem Janszoon Blaeu. Na página a seguir aparecerá em detalhes. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc/USA.



“Ziriámirin” pode ter sido um nome antigo para o rio ou para a região de Ceará-Mirim.

Genipabu

Rio Potengi

Rio Ceará-Mirim aparecendo como “R. Siara” e “P. Siara”, a informação aparece repetida, veja explicação na página 47 (onze antes dessa).

Trabalhos como os do artista **Albert Eckhout**, embora seguisse sendo uma visão externa de nós, se tornaram referência com um olhar mais realista e menos estereotipado, em relação aos primeiros retratos de indígenas brasileiros feitos anteriormente, onde somos apresentados com traços europeus renascentistas e descritos apenas como supostos “selvagens comedores de gente”.



Ao lado pinturas de **Albert Eckhout**: “A Mulher Tupi” e “O Homem Tupi” Apesar do povo não estar identificado pelo artista, pelos elementos visuais apresentados, tão comuns em nossa cultura e graças ao espaço geográfico ocupado pelos holandeses, podem facilmente ter sido retratados dois **Potiguaras**. 1641 / Museu Nacional da Dinamarca.





O ambiente onde a mulher foi representada é característico da Zona da Mata Atlântica, já desmatada naquela altura, pois exibe uma enorme plantação colonial no horizonte e ao lado direito, uma bananeira, fruta introduzida pelos invasores, mostrada também como uma marca dessa presença.



No cesto de palha, típico de nossa cultura, é possível ver o grafismo da “resistência” em formato de “X”, um dos mais importantes grafismos para os Potiguaras. Dentro do cesto são vistos: landuás, redes de pesca, possíveis armadilhas para captura de peixes e objetos de cerâmica (outra marca forte associada a nossa cultura). Todos são elementos típicos dos indígenas Tupis do litoral. Afinal nossos ancestrais eram reconhecidos por serem excelentes pescadores, utilizando todos esses objetos nessa prática. Landuá, em nossa região, é associado à pesca feita por mulheres. A logomarca dos Indígenas do Vale foi inspirada no grafismo da “resistência” que aparece no cesto de palha em formato de “X”.



Uso de tranças, elemento cultural e estético extremamente comum entre os habitantes indígenas **Tupis** do Vale do Ceará-Mirim. O mais comum é vermos tranças que saem da parte de trás da cabeça, exatamente como na pintura.

Cabaça ou cerâmica, duas de nossas mais conhecidas habilidades manuais. Até hoje seguem fortes entre os habitantes do Vale.

A mulher aparece vestida, uma forma de dizer que essa pessoa era alguém que vivia entre seu povo e não que era considerado pelos europeus a “civilização”.

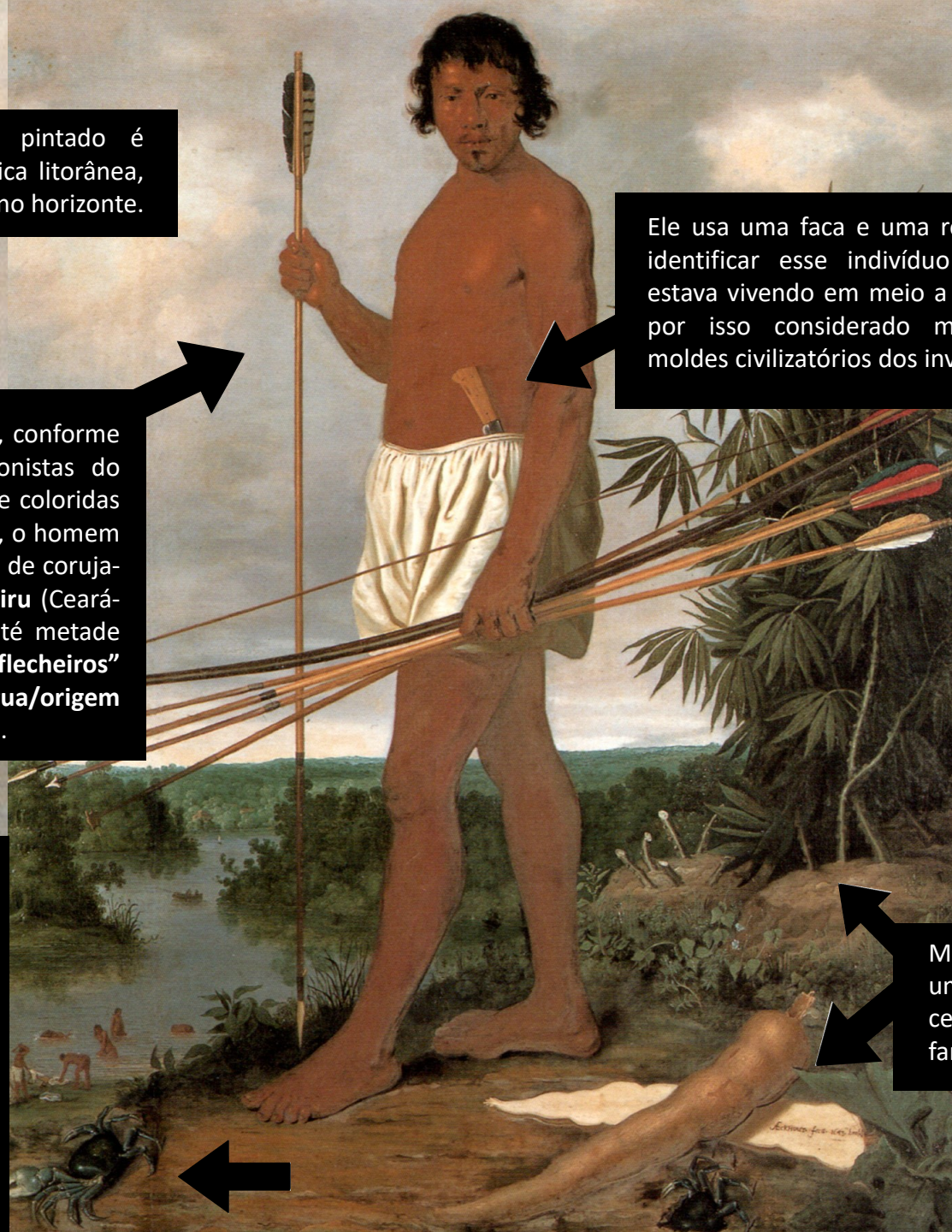
O ambiente onde o homem foi pintado é característico da Zona da Mata Atlântica litorânea, mostrando mangues e matas fechadas no horizonte.

Ele usa uma faca e uma roupa como forma de identificar esse indivíduo como alguém que estava vivendo em meio a elementos europeus, por isso considerado mais “civilizado” nos moldes civilizatórios dos invasores.

Os **Potiguaras** eram excelentes flecheiros, conforme registraram diversos historiadores e cronistas do tempo. Flechas eram feitas com diversas e coloridas penas das mais variadas aves. Na imagem, o homem parece segurar uma flecha feita com pena de corujaburaqueira ou gavião. Na missão do **Guajiru** (Ceará-Mirim/Extremoz) existia possivelmente até metade do século XIX, um **regimento de “flecheiros” separados somente de indígenas de língua/origem Tupi**. Ou seja há cerca de 150 anos apenas.

Mandioca à frente, em segundo plano uma plantação. Essa é uma de nossas mais importantes raízes ancestrais, elemento central em nossas dietas. Importante dizer que a agricultura familiar é parte vital de nossa cultura até hoje.

Caranguejos, siris, camarões e diversos crustáceos eram e são parte vital de nossas dietas até hoje. No séc. XIX, jornais conservadores e racistas de Natal/RN resumiam pejorativamente as pessoas indígenas de nossa região a “catadores de caranguejos”. Esse termo parece ter sido uma “ofensa” frequente às pessoas de **Extremoz e Ceará-Mirim**, mesmo município até a década de 1960.



Ao lado pinturas de **Albert Eckhout** retratando indivíduos mestiços de indígenas com outros povos: “A Mulher Mameluca” e “O Homem Mestiço” – 1641. Museu Nacional da Dinamarca.



1648. Ao lado de Willem Piso, Georg Marcgrave escreveu após também visitar nossa região a famosa coleção em oito volumes **Historia Naturalis Brasiliae**, resultado das expedições científicas e artísticas patrocinadas pelo governo holandês. A obra ilustrada sobre botânica, zoologia, remédios e doenças do Brasil, logo se tornou uma importante contribuição para a ciência moderna e chegou a ser empregada pelo cientista **Lineu** para ajudar a conceber o conceito de “espécie”. Foi até o século XIX o mais importante registro científico sobre a fauna e a flora das Américas. Entretanto, de forma previsível e injusta, a História tradicional não credits também os povos indígenas (incluindo os **Potiguaras**) que guiaram muitos dos holandeses em suas expedições fornecendo preciosas informações sobre medicina, geografia, fauna e flora da região.



Certamente não é exagero dizer que o vasto conhecimento de nosso povo sobre medicinas, espécies de ervas, plantas, animais e sobre a geográfica da região, milênios de observação e vivências transmitidas através da oralidade, **foram fundamentais para a elaboração dessa importante obra científica.** Não estamos creditados nessa e em outras muitas obras científicas, mas nosso conhecimento ancestral segue lá, mesmo que em “silêncio”.



pallidior: saporis est adstringentis in acetum, vinoso saporis Augusti, maxime autem floret in campos. Quando multum nascuntur, ut factum anno 1701. Decembri & Januario ma-



nt ha: arbores aspectu; tunc
r, novis subnascuntibus: quae
ctu grata; hinc late viridia
rentia & colore plane simile
es annos aetatis suae per casta-
nt autem vocant *Acagnacaya*
furpatur in structura scaphae
e basis scaphae sunt.
interdum certae pluviae ca-
Acagnacayracoba.

recoit: medetur fignis ventriculi, affedibus cum decocto Chamomeli, frutex, coftigunt enim & fupercant humores crudos, atque ad corroboranda ventriculum: ficantur fignis & morbofatis, praeteritum fi ad hunc via remedia opportuna, ut ad hunc Mercurium, qui praeteritum vocant, huiusmodi quibusdam.

Naturam locis calidis partem ad opus fieri in omni & in vallibus, Saccos radicum & bobotum exprellit: & huiusmodi vel per emissa infusa, exarant humores qui generant hydropeum: deinde huiusmodi hanc coeca utuntur, digerendo huiusmodi praeparato, qui illos generant: mucos merulis formantur: ad peltis floris, & lentis doctores ex illis occiderit hanc vultura, utaque quibusdam fignis vultura: unquam dolores huiusmodi vultura: refidit huiusmodi gummis & alios quoque, maxime huiusmodi ad hunc Mercurium: refidit huiusmodi vultura: facit hanc: amoverit hanc: curat praeteritum & fignis.

Vitruvius quoque fignis ut huiusmodi ad frigera & cyperos pelandura, Clarissimus vir Carolus Clavius lib. 4. Exortorum cap. 22. dedit nobis iconem ramuli huius plantae & coniuncti cum hoc Aulocoe folia huius plantae & pipere nigri folia parva defere. Leaves unguis plantae facit hanc. Gaciaz rames ab floribus dicit longi aliam esse plantam & non pluri habere similitudinis cum planta nigra & alii pipere quam fignis cum ois: in quo tamen loquitur huius huius decem.

Allia: sunt nobis & armata huiusmodi ex India Orientis, lignis vultura: illis, quos huiusmodi dicitur appellari Caribae, quod nomen normalis alii dicit ad ois, & quidem normalis decem: sed in illa ois deprehendo tam acrem & vericacem odorem, fieri autem proest non esse ad modum recenter: qui autem amuletur de vultura: & illa nihil poterat nos docere.

FRUTEX (vultura) huiusmodi non ad fraxinam: vultura: Salicis: pumila nativum in arenosis locis. Lignum & folia habet Salicis, sed paulum lateriora, egregia vultura: huiusmodi: nervo prominente secundum longitudinem, vultura: in latitudinem eodem dicitur.

Huiusmodi ferit umbellam congestas abbas, parvas, huiusmodi: post quos



proveniunt folliculi plane compicilli, figura ut in Leone (quam ex herba facta ab Aulocoe fignis colligit, ex pumila curae) valde eleganter, commutatos semen rotundum, magnum, macula alba vultura.

FRUTEX (vultura) huiusmodi non ad fraxinam: vultura: Salicis: pumila nativum in arenosis locis. Lignum & folia habet Salicis, sed paulum lateriora, egregia vultura: huiusmodi: nervo prominente secundum longitudinem, vultura: in latitudinem eodem dicitur. Capsula autem habet rotunda, vitula, in longis pediculis, qui de ista folia & separantur e corde crassum, & in illa congestas huiusmodi minimas locos. Post huiusmodi proveniunt capitulum in lapo.

in lapulo: minoris olive magnitudine, sed duris & qui semen continet triangulare. Iconem non debent Aulocoe sed illius ex herba sicca ab ipso colligitur delinendam curare, & de Scapiolem qua leviter defidit vultura, refidit. An autem sic alcajus vultura dicitur non possit.

CAP. XIV.

Guajera, Novanda Guaca. Frutex inordinatus. Alter inordinatus. Curandatus. Frutex inordinatus. Frutex huiusmodi.

GUAJERA huiusmodi. Frutex arborescens, cortice fibroso huiusmodi. Folia habet ovata imbricata, subtus, subovata, huiusmodi, huiusmodi pediculis huiusmodi: certo secundum longitudinem pediculis parte pumila. huiusmodi, & collis fixant septem obliqua pumila, que in munitas vultura se fignis, pediculis huiusmodi parte prominentes, & magis conspicuas. Folliculis ferit multos, umbellam pumila, quibus foliulis congestas, pallide alba, in ois autem vultura pumila huiusmodi pediculis, que fignis pumila habent. Fructum producit magnitudine & figura pumila vultura, nigricans ex vitro coloris quando immat. Carum habet aliam, dicitur non tamen in munitas huiusmodi, & comitae lapidum aliar pumila, cum cracio. Est huiusmodi huiusmodi.



Nativum passim (pote in silvis arida maritimis. Iconem hanc cum fructu & foliis delinendam curare ex herba sicca ab Aulocoe nostro colligit, utraque vultura ferat.

NOVANDA GUACA huiusmodi. Frutex arborescens, cortice fibroso huiusmodi. Folia habet ovata imbricata, subtus, subovata, huiusmodi, huiusmodi pediculis huiusmodi: certo secundum longitudinem pediculis parte pumila. huiusmodi, & collis fixant septem obliqua pumila, que in munitas vultura se fignis, pediculis huiusmodi parte prominentes, & magis conspicuas. Folliculis ferit multos, umbellam pumila, quibus foliulis congestas, pallide alba, in ois autem vultura pumila huiusmodi pediculis, que fignis pumila habent. Fructum producit magnitudine & figura pumila vultura, nigricans ex vitro coloris quando immat. Carum habet aliam, dicitur non tamen in munitas huiusmodi, & comitae lapidum aliar pumila, cum cracio. Est huiusmodi huiusmodi.

FRUTEX (vultura) huiusmodi non ad fraxinam: vultura: Salicis: pumila nativum in arenosis locis. Lignum & folia habet Salicis, sed paulum lateriora, egregia vultura: huiusmodi: nervo prominente secundum longitudinem, vultura: in latitudinem eodem dicitur. Capsula autem habet rotunda, vitula, in longis pediculis, qui de ista folia & separantur e corde crassum, & in illa congestas huiusmodi minimas locos. Post huiusmodi proveniunt capitulum in lapo.

Ao lado e nas páginas a seguir, detalhes da obra Historia Naturalis Brasiliae de Willem Piso e Marcgrave. Acervo: Coleção Brasileira Itau São Paulo/SP (mesmo crédito nas imagens a seguir)

corniculorum rectorum, acutorum, anteriorum scater. Oculi prominentes cylindracei, & post eos duo cornua fere recta anteriorum inclinata, digitorum longa: ante oculos supra os qua-



tuor cirrhi exortum sumunt, & primo duo magni pollicis humani crassitie in exortu, ubi quatuor internodiis constant, longi sequepedem & undique spinosi; inter hos duo minores, quatuor internodiis, teretes sine spinis, ac ultra medietatem bisecti, decem in totum digitos singuli longi.

POTIQUIVYIXE Brasiliensibus, Squilla lata vocari potest. Vide Geseherum.



TAMARYGVACY Brasiliensibus: *Camaron de Salgado* Lusitanis. Locustæ marinæ species, novem digitos longa, vel paulo plus. Capitis longitudo duorum digitorum: latitudo corporis prope caudam, ubi latissima, duorum digitorum; versus caput magis magisque angustatur. Corpus autem habet undecim quasi juncturas, quemadmodum cauda in Gammaris: in postica parte corporis ad quodlibet latus duos habet procerius subhiatos. Totum corpus tectum est crusta cancerina, albicante, splendente instar cornu polii, ad juncturas autem subnigricat aut purpurascit; pedes in quolibet latere tres, nimirum ad tertiam, quartam & quintam junctura.

juncturam à collò numerando, exilia, duos circiter digitos longa. Caput triangulare, olive magnitudine subrecta albicante splendida laret, duos digitos longa. Pone caput ad quodlibet latus habet brachium unum, septem digitos longum, quatuor juncturis constans, eisque ex-



tremâ pars brachii ab ultima junctura incurvata instar falcis majoris & novem dentibus acutissimis prædita: his brachiis ferit, & qui vulnerati sunt ægre sanantur. Oculos habet prominentes, oblongos: barbâ cancerinam octuplam: prope oculos duas prominentias retroriorum veritas, digitorum longas, laves, at in extremitatibus hirsutas: infra caput adhuc octo prominentias, duos digitos longas, quæ in extremo lata tubercula gerunt. Versus pollicem corporis partem inferius multas latas quasi pinnas habet, quæ narrationi hand dubio intervniunt, & quasi folia complicata ventri inferius adjacent. Non commeduntur.

ANOTATIO. Male meo iudicio Author refert ad Locustas, cum potius ad Squillas sit referenda, neque multum differt à Squilla quæ *salda* dicitur, & à Rondoleto describitur lib. xviii. cap. xi. in eo tamen differt, quod in anteriori parte corporis pedes non habeat, & brachia illius non sint interius ferrata.

CAP. XXI.

Guari curu, Carara pinima, Potipema, Parancare, Potatinga, Potiguacu.

GUARICURU Brasiliensibus, Gammarus vulgo Camaron; quatuor digitos longus: crura habet sex, tribus internodiis constantia, cum unguiculo in extremitate: anterior par crurum quasi furas habet, crassius reliquis & vicem brachiorum fungens, paulo plus duobus digitis longum: medium par sequequidigitum longum, ultimum paulo plus uno: omnia aculeata seu spinosa. Cirrhos prope os prodeuntes habet sex, duos longissimos, nimirum tres digitos singulos, versus posteriora reflexos, duos unum digitum, & duos semidigitum: sub ore parva tenaculâ quatuor crassissimâ, & quatuor tenuiora, quibus cibum tenet. Oculi similes reliquis. Color totus fuscus. Crudi edantur.

CARARA PINIMA Brasiliensibus; *Marinheiro* Lusitanis, quia arbores scandit. Cancer parvus, licet paulo major *Cararansus*, arbores *mangis* dictas ascendens, acutissimos enim unguiculos habet, sed breves. Figura pene est ut Maotia pebuna, sed paulo major & longiori corpore atque compresso. Crura octo compressa latiora quam illius. Brachia eadem cum altera, ut & oculos. Differt colore. Tecta nigra multis punctulis flavis variegata. Pectus circa os etiam nigrum, refert textum panni subtilissimi linei. Oculi nigri punctulis flavis variegati, haud longi. Crura pallide flavescentia, fimbriata circumcirca minato colore, & minutissimis pilis fulcitis vestita: brachia rufescent & forcipes pilis nigris crassis vestiuntur.

POTIPEMA Brasiliensibus; Gammarus prælongis brachiis: corporis longitudo quatuor digitorum, eadem crassities, ubi crassissimus: cauda plus quatuor digitis longa, sex constans juncturis. Crura sex: brachia duo, novem digitos longa, sube-otantia: circiter digitum humanum crassa, quæque juncturis constantia. Sexta est tenaculum: pene duos digitos longum & aliquot minutissimis dentibus munitum ex adverso flantibus: Ante hæc brachia, adhuc duo paria brachiorum habet. Barba illi octupla, quælibet sex pilis constans tenuibus & tenuis sibi invicem appositis, duabus autem singularum positis, quarum quilibet pilus novem digitos longus.

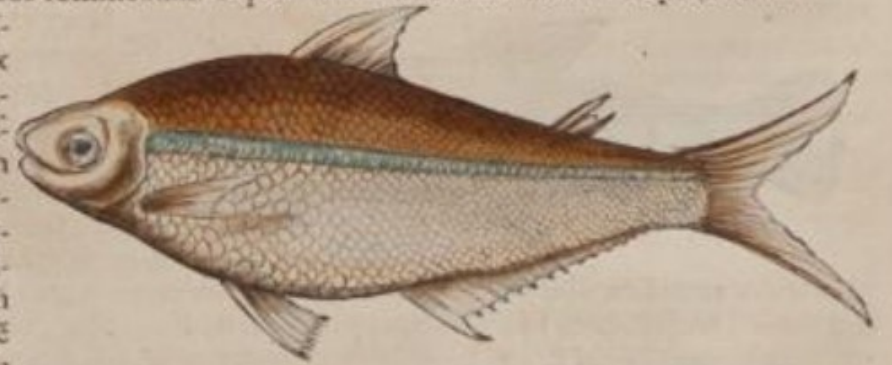
Detalhes da obra mostrando diferentes espécies de crustáceos como “camarões”, alimento ancestral de nosso povo.

Piaba. Piabucu. Nhaquunda. Guebucu. Guara tereba.

PIABA Brasiliensibus: magnitudine nostratis *Elduze* (vide Gesnerum de Phoxino) pisciculus duos aut tres digitos longus (interdum quatuor aut quinque quando maximus) ocellos habet nigros, circello aureo. Squamulis vestitur. In medio dorso pinnula erecta triangularis: post quamlibet branchiam unam habet oblongam; duas in medio infimo ventre & post has unam, quæ ad caudæ exortum protenditur: cauda est furcata. Caput ad latera auro & argento splendet: torum dorsum argenteo viridi & multo Indico: medium laterum secundum longitudinem argenteo & Indico mixtum: Venter aureo & argenteo & pauco Indico. Post quamlibet branchiam maculam habet rotundam satis magnam Indici coloris & statim post hanc ejusdem coloris maculam lunæ corniculatæ figura, ejusdemque coloris oblongam in quolibet latere ad caudæ exortum. Pinnae omnes & cauda aurei coloris, quæ in infimo ventre rubræ. Capitur in omnibus fluviis dulcibus currentibus Brasiliæ ac summa vi contra aquæ cursum nititur. Brasiliani involvunt foliis arborum & cineribus condunt, desuper ignem imponentes; sic præparatos comedunt. Saporis sunt haud contemnendi: sæpius comedi.



PIABUCU Brasiliensibus: pisciculus sex digitos longus, sesquidigitum latus, ubi latissimus, ventre paululum extuberante, oculis elegantibus, pupilla crystallina, circulo argenteo, cui superius parum rubri admixtum. Septem habet pinnas, octavam pro cauda furcatam: nimirum postbranchiales duas in infimo ventre, unam in medio dorso, circa anum unam longam extensam versus caudam; & è regione hujus in dorso parvulam. Tegitur squamulis argenteis splendidibus. Per medium laterum secundum longitudinem tendit linea alba lata non splendens. Dorsum autem ad hanc lineam olivacei est coloris, cui viri-



Detalhes da obra mostrando diferentes espécies de peixes como o **Piabuçu** e a **Piaba**, alimentos ancestrais de nosso povo. Além das espécies os autores descrevem ainda as técnicas de pesca indígena utilizando objetos como **landuás** e **tarrafas**.

ut nostrates Cuniculi: in fronte rufescit paulum, sub gutture nonnihil albicat & circum album habet circa collum; quidam tamen illo carent & tantum sub gutture, pectore & ventre parum albicant; nullam habet caudam; barbam ut nostrates cuniculi; oculos nigros. Caro comeditur.

CAVIA COBAYA Brasiliensibus, Cuniculi itidem species, diversicolore pelle: nostratis cuniculi junioris magnitudinem aequat; capite autem est gliribus simillimo; oculos habet nigros; aures subrotundas; os simile *Aguti*: crura breviora & pedes quatuor digitis praeditos: pili hujus sunt molles & pellis variegata diversimode maculis albis nigris & ruffis. Mansuescunt ita ut grunnendocibum petant.

Caro illorum edulis. *Cavia* autem Brasiliensibus nomen est commune omnibus silvestribus *Ratos do mato*, ut Lusitani appellant.

ANNOTATIO. Meminit Gesnerus hujus animalis, & dat illius Iconem haud abfimilem huic nostrae. Cuniculus, inquit, Indus, ante paucos annos primum in Europam inventus è N. Orbe: nunc ubique frequens; est enim fecundissimum animal, cum octonos vel plures uno partu edat. Magnitudine fere cuniculi nostri, at minor plerumque & corpore breviora. Crura ei breviora: digiti seni antierius, quini posterioris. Dentis ut in muribus. Cauda vestigium nullum, &c.

PACA Brasiliensibus, Cuniculi etiam est species: magnitudine porcelli, pingui & crasso corpore, & circiter decem digitos longo: Capite instar Cuniculorum nostrorum crasso, auribus pilis nudis & paulum acutis. Nares habet amplas; os inferius brevius superiori: rimam instar leporis, non tamen fissuram, barbam felinam seu leporinam prolixam, & post oculos pone aures iterum tales pilos. Crura priora paulo breviora posterioribus: in pedibus digiti quatuor. Cauda brevissima ut *Aguti*. Pili corporis sunt Umbrae coloris, breves & ad tactum duri. In lateribus autem secundum longitudinem maculas habet cinereas, in ventre albicat. Cibum oblatum pedibus non tenet ut *Aguti*, sed in terra positum devorat, instar suis, atque ad eundem pene modum grunnit. Carnem habet eximiam & pinguem ita ut non habeat opus lardo quando asatur, unde Lusitanis *Caca real* vocatur illorum venatio. Capiuntur opera canaliculae, nam ab illa loco habitationis demonstrato, venator ab utraque parte fodit, & cuniculum actum ab utroque latere obturat & demum in locum quo confidere autumat longum cultrum infigit, ut ita transfigat animal sub terra latitans; alias si exeat, actum est, nec capi potest, vehementer enim mordet; possunt tamen & vivi capi.

AGUTI, vel **ACUTI** Brasiliensibus; vulgo corrupte *Cotia* vocatur; alia cuniculi species, magnitudine nostratium, pilis ex ruffo & brunno mixtis, cum pauxillo nigro. Pili autem illius crassi ut in porcis junioribus, & splendentes; in ventre autem magis flavescences. Aures habet rotundas, non ut nostrates. Caput tamen & barbam ut nostri. Inferior mandibula ei brevior superiori, ut in fuis: labium superius fissum instar leporis, os tamen acutius nostratibus cuniculis. Crura anteriora breviora, quatuor digitis, posteriora longiora sex praedita. Sed pedibus directe extensis incedit antierius, non reptit: unguis habet acutos: crura glabra sunt & sine pilis fere, dentes



tur scorfum, in medio etiam est dens albicans. Color totius cancri vivi saturate rubens, ut



pruna nostratia majora esse solent, in medio corpore saturatior, reliquis partibus diluitor: extremitas tenicularum ruffi cum brunno mixti, ut cerasa nigra tingere solent. Coctus retinet colorem.



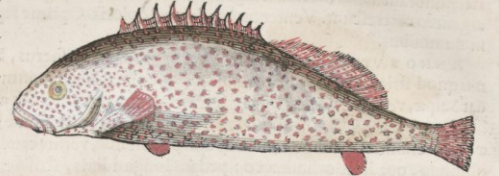
GVAIA MIRI Brasiliensibus, cancerulus in salis fluviis degens, numquam excedit pruni magnitudinem; testa illius est elliptica, anteriore parte in multos angulos desinente: ocelli parvi, breves: brachia duo, dextrum paulo minus sinistro: crura octo, quatuor internodiis constantia, & brevibus pilis hirta: color testae ferrugineus: brachiorum & crurum obscure violaceo-purpureus. Pili crurum pallidi, inferius forcipum latus albicat.

ARATY PEBEA Brasiliensibus: Cancer marinus, corpore rotundo & figura pomi. Crura habet octo: duo brachiola exigua: oculos elatos. Totum corpus tegitur testa, anteriori parte dentata, ex rubro, brunno, viridi, caruleo, albo mire mixto colorata & punctulata, in cuius medio macula rubra, instar pyramidis fere & ad quodlibet latus globus ruber depictus. Crura & brachia flavescunt ex albo, multis striis brunnis variegata. Oculi carulescunt. Boni est saporis.



CIRI APOA Brasiliensibus: Cancer marinus, testa quasi elliptica rectus, quae in medietate anterioris ora dentata, & in quolibet latere in acutum desinit angulum; mediocri magnitudinis. Brachia habet duo mediocria, itidem dentata: sex crura & septimi & octavi loco posterioris duos remiges planos, quatuor internodiis, circum circa pilosos, quibus utitur natans. Oculi longe à se invicem distantes, parvuli, cylindracei, crassiusculi, non tamen longi & ad quemlibet cirrhulus eminet instar pili. Totius testae color fuscus seu nigricans, in qua diverso fusco cordis figura, aliaque depictae. Brachia fusca, forcipes ex carulescente albet. Crura ad medietatem internam viridi & albo mixta: medietates exteriores caruleae: remigum extrema pars, quae lata est, carulea, reliqua viridis & albo mixta. Corpus interius etiam carulescit. Boni sunt saporis. Ciri ordinari

digitos longam & totidem latam, subrotundam & carnosam: duas junctas angustas in medio pene infimo ventre, unica spina singulas firmatas: unam mediocrem post anum spina munitam: Septima est pro cauda, duos fere digitos longa & totidem lata, non secta sed extremo ambitu subrotunda. Tegitur squamulis parvulis per totum corpus, ad tactum glaber nisi à cauda versus caput digitis fricetur. Totum corpus, caput, pinnae, cauda ex albo flavescunt: & per totum variegantur maculis sanguinei coloris diluti, rotundis, magnitudine seminis cannabis: quaedam etiam in ventre majores. Pinnae eodem modo maculae in ambitu suo obscurius rufescunt. Figuram fere Auratae habet. Edulis est ac boni saporis. Captus per trihorium extra aquam potest vivere: bihorium postquam mortuus esset aperiebam illum & cor adhuc movebatur exemptum: cor situm erat statim post fauces, & aspera arteria in id inferebatur, cratque digitum remotum à reliquis visceribus per mediastinum; minimum utique & vix granum tritici aequans etiam quando spiritu inflatur.



Piscis hic (quem *Auctor non nominat*) in septem digitorum longitudinem excrecit; figura similis illi quem vulgo *Hader* appellamus; pinnas tamen aliter formatas: duae enim quae in infimo ventre anteriore sub branchiis sunt, magnae & latae, duae post branchias in lateribus parvae; in dorso duae mediocres, & in inferiori ventre posteriori parva. Cauda constat pinna furcata. Os parvum, oculi magni. Cutem habet glabram, sine squamis: in dorso nigricantem, ac in utroque latere quatuor nigricantes maculae magnae à dorso protenduntur, in ambitu suo violaceae coloris: inter maculas autem versus dorsum prominens thalassinus color: reliquum corpus argenteum. Pinnae nigricantes cum violaceo mixtae; & duae illae magnae sub ventre quinque argenteis maculis singulae insignitae. Insignis coloris piscis quando natans videtur. Vicinat venenatis illis *Besaenen*.



Sallemam seu *Salema* Lusitanis (Salpa Graecis & Latinis, de qua vide Gesnerum) piscis in pedalem magnitudinem excrecit, paulo minor Sargo, cum quo figura, ore, dentibus,

CAP. VII.

Sallemam. Ubarana. Piraaca. Capenna.

SALLEMA seu *Salema* Lusitanis (Salpa Graecis & Latinis, de qua vide Gesnerum) piscis in pedalem magnitudinem excrecit, paulo minor Sargo, cum quo figura, ore, dentibus,



pinnis plane convenit, ut & squamarum ordine: colore tantum differens à Sargo, qui argenteus quidem est, at superius in capite paulum fuscescens, in lateribus flavescens. In utroque autem

eminentibus nervis sunt foliorum pyri magnitudine: levissime fricata aromaticum spirant odorem: quare insignem in balneis ulum præbent, calida ad secundum gradum. Aqua quoque fragrans, sicuti è floribus ex illis elicitor.

Quantum pulvis hujus ligni in Carbonem redacti, oculis inflatus conferat, alias demonstravi.

CAP. XXV.

De Araca-Iba, ejusque facultatibus & usu.

Hujus arboris fructus à Brasiliensibus appellatur *Araca-miri*; prunum Granatensem vocant nostrates. Externa facie, frequentia, tempore, & loco natali, convenit cum *Guabiraba*, de qua capite præcedenti egimus.

Frutex est, ligno, foliis & floribus ut *Guajaba*, sed magnitudine differunt & fructu. Sed ut varius & mirus est naturæ lus, omnes dignitates, easque eximias, fructui & radici inævit, cum *Guabiraba* nullas, nec in fructu, nec in radice, sed omnes in floribus & foliis insitas virtutes dederit.

Locis gaudet apricis, raroque in silvis aut umbrosis nemoribus conspicitur.

Floret bis quotannis, bis quoque fert fructum, mense nimirum Martio & rursus Septembri. Pruna coronis, mespilorum instar, eleganter ornata, innumerisque acinis turgentia profert, quæ, ubi maturuerint, flavent, musteamque habent in se dulcedinem, atque fraga quodammodo referunt sapore. Cruda potius quam cocta appetuntur, suavissimique odoris existunt & saporis. Oportet autem ut tempestive decerpantur; nam omni fructui, propter intensissimam Solis ardorem, non minor injuria fit, si paulo tardius quam si citius avellatur.

Conditus qui ex hoc fructu fiunt, jucunde refrigerant, adstringunt & corroborant, locoque carnis cidoncorum, conservæ rosarum, aliorumque similium exhibentur.

Cæterum ipse fructus virtute medicinali non destituit. Ex foliis siquidem & oculis utpote adstringentibus, optima balnea componuntur, tam contra internos quam externos corporis affectus, ut supra in capite de ulceribus diximus. Præ cæteris autem hujus fructicis partibus, radix dictis qualitatibus excellit. Atque hoc peculiare habet, quod summe sit diuretica, partiumque subtilium & subdulci sapore cum adstringendi facultate polleat. Proinde præter eximias quas præstat virtutes, lienis & renum affectibus conicit.

Alia ejusdem generis *Araca* reperitur, sed non ita frequens, quæ tamen fructum facile præstantiorem procreat, & multo majorem. Quapropter ab indigenis *Araca-guacu*, id est, *Araca major*, appellatur, quod in justam arborem excrescat: folioque est glabro, late viridi, figura & fragrantè odore Lauro multum simili. Fructum fert mali mediocris magnitudine, rotundum, superne umbilicum continentem: carnem habet albam, carni *Araca-miri*, odore, sapore & substantia similem: in medio multos lapides, pisces minoribus æquales, continentem, obrortundos, paulum compressos, ex albo subflavos & duros, ut nuclei cerasorum, intus continentes nucleum album. Adherent hi lapides carni per multa tenuissima filamenta.



CAP. VI.

De Vestitu & ornatu Virorum, & Mulierem Brasiliensium.

Viri subligaria jam ex linteamine plerumque induunt, quidam quoque indusia habent, & pileis utuntur, sed maximam partem nudo incedunt capite, & capillis more Lusitano-



rum tonsis. Nudis incedunt pedibus, nullis calceis induti. Quidam etiam solummodo subcinctorio panno lumbos regunt, cætera sine vestitu.

Mulieres vero jam longis indusiis vestiuntur factis ex linteo vel gossypino panno, neque quicquam præterea vestimentorum habentes. Comas autem capitis vel dependere sinunt, vel etiam more foeminarum nostratium teniolis involvunt.

Tam viri quam foeminae & infantes variis coloribus cutem tingunt, nigro, rubro, flavo, ad quem usum usurpant succum è fructu *Tanipaba* immaturo, qui nigro; *Vracon* qui rubro tingit, & ita in cæteris aut fructu aliquo aut ligno utuntur.

Tapuyæ tam mulieres quam viri fere nudi incedunt, & pilos circa pudenda evellunt. Viri membri sui genitalis fistulam in se contrahunt & involvunt, ligantes teniola quadam, vocantque id quo ligant membrum *Tacoaynahad*. Religant autem quando opus est ut meiant. Majore autem pudore afficiuntur monstrando virgam explicatam quam nos. Eodem modo & alii quidam Brasilienses membra sua genitalia ligant.

Capillos capitis ad humeros usque dependentes alunt, & inferius æqualiter prædicunt more rusticorum Sæviæ. In fronte quoque æqualiter detonsum gerunt, sed præcisione æqualiter facta usque ad aurium regionem superius, & angulis ita factis in utroque latere ad tempora. Eodem plane modo etiam foeminae cum comis suis agunt, & virorum more gestant.

Viri corollas factas ex pennis *Guara* vel *Caninde*, capiti circumligant: dependent à posteriore parte corollæ aliquot longiores pennæ à cauda *Arara* aut *Caninde*. Angulos itaque factos cum capillis adprimè firmanet ne corollæ circumligatè sese ipsas deligent. Quidam etiam solum funiculum è gossypio capiti circumligant, è quo postica parte aliquot pennæ longæ rubræ vel cæruleæ propendent, vocant *Acanbusuacaba*.

Pallia quoque consuevit è filiis crassis gossypinis instar retis nexis, & cuilibet nodo innexa est penna, ita ut pallium totum pennatum sit, & eodem pene modo & concinno ordine pennæ sibi invicem incumbunt, uti squamæ piscium. Pallium autem hoc superius cucul-



Escrito originalmente em latim, é o primeiro livro médico que trata do Brasil (região do litoral do Nordeste ocupado pelos holandeses e que incluía nossas terras). Publicado em 1648, o livro foi um sucesso imediato na Europa daquele momento e durante os séculos seguintes.

**NÃO FOI
POUCO
CONHECIMENTO
TRANSMITIDO!**



MANTOS TUPIIS





Imagem da página anterior: Detalhes do manto Tupinambá da **Pinacoteca Ambrosiana de Milão, Itália**.
Acima: Gravura em cobre, de *Theodore de Bry*. “*Dança ritual dos Tupinambás*” usando os famosos mantos de penas **tradicionais das culturas de origem Tupi**. Os indígenas retratados aparecem ainda usando rapé (torradinho), tradição que sobrevive ainda hoje entre nosso povo. E, ao lado esquerdo: “O Grande Manto Tupinambá”, possivelmente pertencente a nosso povo, já que existem registros que um dos seis levados para a Europa teria sido um presente da liderança **Potiguara Antônio Paraupaba** ao Príncipe **Maurício de Nassau**. Atualmente no acervo do **Nationalmuseet da Dinamarca**. Foto: Niels Erik Jehrbo.

Existem somente **seis mantos Tupis** (ou tupinambás) ainda hoje no mundo, todos em museus da **Suíça, Itália, Alemanha, Bélgica, Dinamarca e França**. Os únicos que conseguimos rastrear a procedência são os que pertenciam a **Johan Maurits van Nassau-Siegen**. Ele teria ganho de presente alguns objetos de indígenas aliados dos holandeses. Entre esses artefatos estaria um manto Tupi dado pela Ilustre liderança **Potiguara Antônio Paraupaba**, conforme já citamos. Por isso, um desses sagrados mantos ritualísticos **Tupi**, feito com penas da aves como: guará, íbis e araras, pode ter saído de nosso povo. Não achamos registro de qual aldeia ou região **Potiguara** teria feito a peça. No retorno para Europa, já em seu Palácio em Haia, Nassau organizou recepções para a nobreza com objetivo de exibir sua rica coleção de artefatos do Novo Mundo. Ele convidou uma comitiva de indígenas **Potiguaras** e de outras etnias para protagonizarem espetáculos de dança, causando grande curiosidade na elite germânica. Existem registros que mostram que Nassau também presenteou suas sobrinhas, as Princesas **Maria Henriqueta**, Condessa de Nassau, filha do rei Charles I da Inglaterra e **Sofia de Hanôver**, esta, filha do Rei da Boêmia Frederico V. As duas princesas foram pintadas mais tarde vestidas com mantos de penas feitos por indígenas Tupis. Com relação às outras peças, nem todas têm rastreada a rota até chegar aos outros museus nos países já citados.

**Tupinambá* pode se referir de forma restrita a um povo, em especial: os Tupinambás da Bahia, e, de forma ampla, a todos os indígenas que falavam Tupi na costa do Brasil por volta de 1500. Entretanto, para evitar confusão e reducionismos, resumir todos os povos Tupis como “Tupinambás” tem sido menos frequente.

Imagem: “Procissão da Rainha da América”, detalhe, 1599 - Klassik Stiftung Weimar





Ao lado, retrato de **Maria Henriqueta**, princesa da Inglaterra, de Orange e Condessa de Nassau e a princesa **Sofia de Hanover** usando os mantos **Tupis** com penas de Guará, um deles feito possivelmente por **Potiguaras**. Na imagem no canto a direita: Príncipe **Maurício de Nassau**.



A conexão entre as culturas Tupi

A esquerda detalhe de cerâmica em pasta Tupi achada em Vila Flor/RN (Acervo: Museu Câmara Cascudo) e a direita um manto ritualístico Tupinambá do séc. XVII pertencente a coleção da Pinacoteca Ambrosiana de Milão, Itália. A peça, feita em penas de Íbis teria sido dada de presente aos jesuítas por um pajé após sua conversão ao cristianismo. Note a semelhança entre o grafismo que parece se repetir nas duas peças, poderiam representar uma figura humana com as mãos para cima, em sinal de ritualística ou dança?

*Vesta di sacerdoti d'India Java di piume di corvo preziosa donatami da l'or. mo. Sig. Brenzite Landi come arnese nel
Storia del Brasile alla pagina 228 delle navigazioni nel libro terzo dove si vedono come le loro funzioni con musica
e alla loro usanza in S. Ambrogio di r. me*



Imagens da direita para a esquerda:
Manto Tupi feito de penas de Guará.
Parte do acervo do **Musées Royaux
d'Art et d'Histoire" de Bruxelas** (Foto
Facebook: Embassy of Brazil in
Brussels). Na foto ao lado outro manto
Tupi presente aparentemente no acervo
do **Nationalmuseet da Dinamarca**
(Foto: acervo do museu).



Os imperadores do Brasil **Pedro I** e **Pedro II** usavam em seus trajes majestáticos uma murça (espécie de manto) feita com penas amarelas de tucano, uma clara alusão aos **mantos Tupis**. Esse uso tinha o objetivo de construir a imagem de uma nobreza brasileira, influenciada pela cultura dos povos tradicionais e pela fauna local. Ao contrário da crença popular as cores nacionais amarelo e verde não seriam respectivamente símbolos de nosso “ouro” e “florestas”. Idealizadas por Debret, a bandeira e as cores nacionais simbolizavam o casal real: o “amarelo”, a casa **Real de Habsburg** – representada pela **Imperatriz Leopoldina da Áustria** – e o “verde”, a cor da casa **Real de Bragança** – representada por **Pedro I**. Fotos mantos: Museu Imperial de Petrópolis.

1638



A CAPITANIA DE PARAIBA

A CAPITANIA DE RIO GRANDE

A CAPITANIA DE PARAIBA

III. In anno A. M. DCXL. Clasis
Sulambica composita in fovea conficitur,
et ab orbe Cap. Albi. fovea Blanca, huc abducitur.

An. A. DCXL. In anno XIV. conflucere clifles
terris ad Paraitan huc abducitur.

An. A. DCXL. In anno XIV. conflucere clifles
terris ad Paraitan huc abducitur.

IV. In anno A. M. DCXL. Clifles
Clifles huc abducitur fovea Blanca.

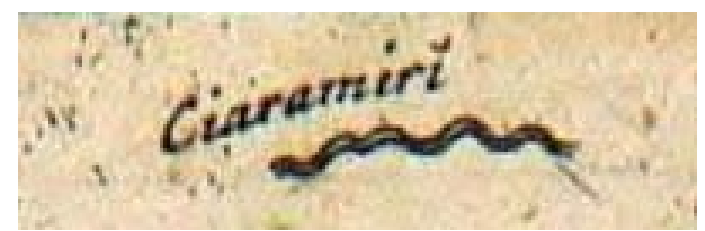
PREFECTURA
DE PARAIBA, ET
RIO GRANDE.

Millaria horaria quorum novemdecim sunt gradus latitud. respondent.

Millaria horaria quorum novemdecim sunt gradus latitud. respondent.



Detalhe do mapa holandês de 1638 feito por Georg Marcgrave ou por Cornelis Golijath



É do período holandês também os preciosos mapas de **Georg Marcgrave** (e por Cornelis Golijath), onde hoje é possível através de georreferenciamento moderno, sabermos sobre a localização de aldeias **Potiguaras** na Zona Norte de Natal e em Ceará-Mirim, que haviam resistido àquela altura do século XVII, locais como: “Apua”, **Ciaramiri** e “Tappewappe” citada no mapa de Golijath.



Georreferenciamento moderno de Ceará-Mirim (que a região e o rio aqui aparecem como *Ciaramiri*) e a localidade de Massangana (local chamado anteriormente de *Apua* e *Tappeweppe*) Detalhe de mapa de 1638 feito por Georg Marcgrave.

A região abrigou muitas aldeias **Potiguaras** no entorno da Lagoa de Extremoz (Itijuru), conforme constam registros. A própria missão do Guajiru pode ter sido uma dessas aldeias antes do estabelecimento jesuíta.



Arárembé
alleberg
pacura

Indígenas partidários dos holandeses (Potiguaras e possivelmente outros) marchando armados com a Bandeira da Holanda. A imagem ilustra bem a tensão do período no Rio Grande do Norte. Detalhe do mapa de Georg Marcgrave feito em 1638.



Rio Grande

1640

Mapa holandês de 1640 Feito por Willem Janszoon Blaeu. Na página a seguir aparecerá em detalhes. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc / USA.



1640

Detalhe do mapa holandês de 1640 feito por Willem Janszoon Blaeu. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc.

“R. Siara” nome antigo para o rio e região na atual Ceará-Mirim. “R. Senapatumeri” que aparece logo acima, hoje sabemos que é também uma possível palavra para o rio Ceará Mirim que aparece em outros mapas. Mas, pode estar repetida aqui por um erro do cartógrafo.

Rio Potengi

Costa leste do RN sinalizada como território “PETIGUAR”. Palavra para se referir também aos Potiguaras.

Pititinga

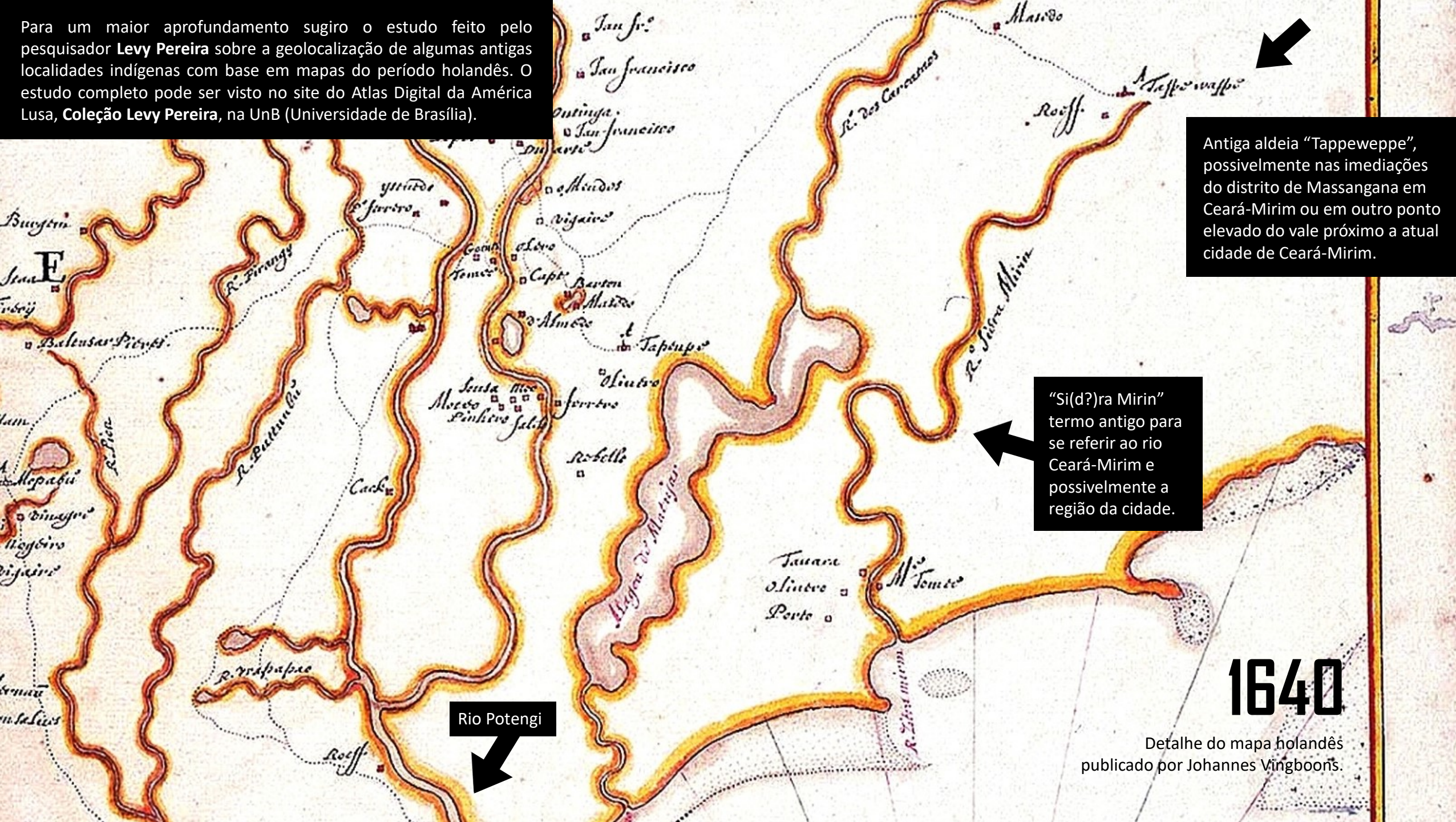
A



Detalhe do mesmo mapa holandês de 1640. Além de animais de diversas espécies, o mapa mostra um indígena deitado em uma rede, hábito típico de nosso povo (e também de muitas outras nações indígenas das Américas). Nosso povo as fabricava e ainda as faz com grande maestria. Mesmo com camas disponíveis, muitos seguem ainda hoje dormindo apenas em redes em nossa região. Mapa feito por Willem Janszoon Blaeu. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc / USA.

ANIA

Para um maior aprofundamento sugiro o estudo feito pelo pesquisador Levy Pereira sobre a geolocalização de algumas antigas localidades indígenas com base em mapas do período holandês. O estudo completo pode ser visto no site do Atlas Digital da América Lusa, Coleção Levy Pereira, na UnB (Universidade de Brasília).



Antiga aldeia "Tappeweppe", possivelmente nas imediações do distrito de Massangana em Ceará-Mirim ou em outro ponto elevado do vale próximo a atual cidade de Ceará-Mirim.

"Si(d?)ra Mirin" termo antigo para se referir ao rio Ceará-Mirim e possivelmente a região da cidade.

Rio Potengi

1640

Detalhe do mapa holandês publicado por Johannes Vingboons.

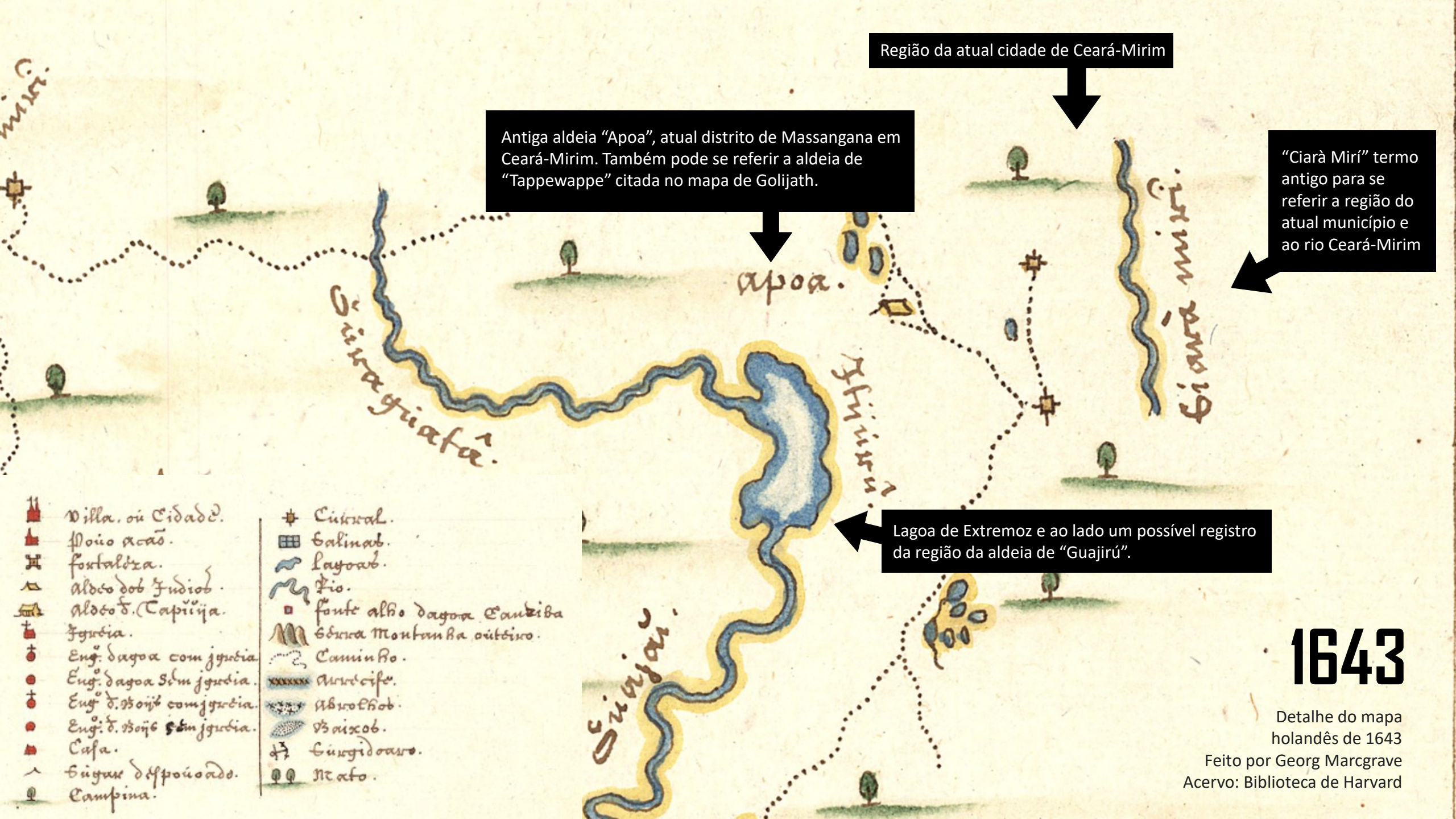
DE CAPITANIE VAN RIO GRANDE.



Nossa região
 Sinalizada por
 palavras como:
 "Ciarà Mirí" e
 "Apoa", ambas se
 Referindo
 respectivamente
 ao rio Ceará-Mirim
 e a região do atual
 município.

1643

Detalhe do mapa holandês
 de 1643 feito por Georg Marcgrave
 Acervo: Biblioteca de Harvard / USA



Região da atual cidade de Ceará-Mirim

Antiga aldeia "Apoa", atual distrito de Massangana em Ceará-Mirim. Também pode se referir a aldeia de "Tappewappe" citada no mapa de Golijath.

"Ciarà Miri" termo antigo para se referir a região do atual município e ao rio Ceará-Mirim

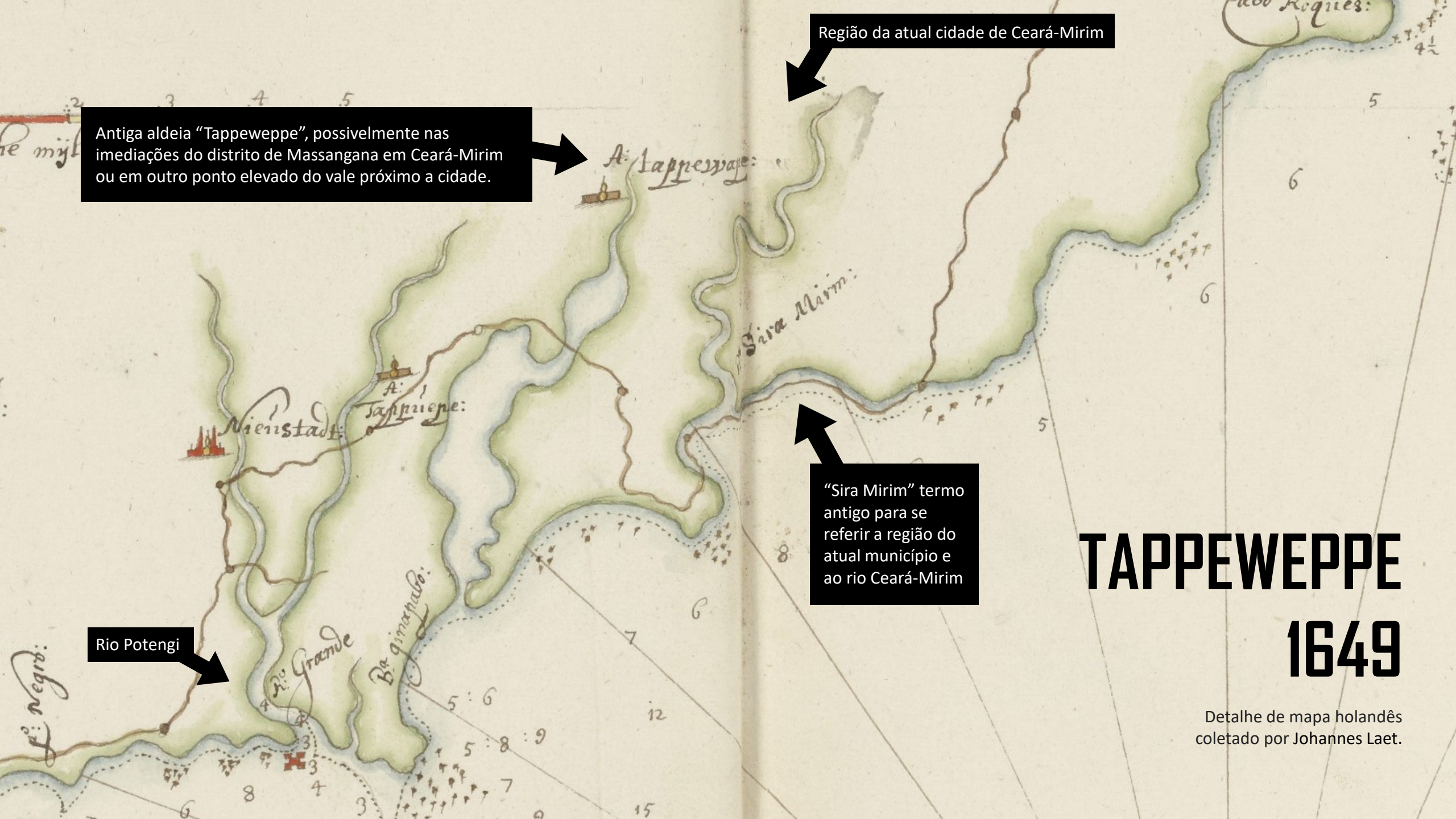
Lagoa de Extremoz e ao lado um possível registro da região da aldeia de "Guajirú".

- Villa, ou Cidade.
- Pouso ou casa.
- Fortaleza.
- Aldeia dos Índios.
- Aldeia d. Capijá.
- Igreja.
- Eng. d'agua com igreja.
- Eng. d'agua sem igreja.
- Eng. d. Boje com igreja.
- Eng. d. Boje sem igreja.
- Casa.
- Lugar despojado.
- Campina.

- Cruzal.
- Salinas.
- Lagoas.
- Rio.
- Fonte alho d'agua e anziba.
- Serra Montanha outeiro.
- Caminho.
- Arrecife.
- Abrolhos.
- Baixos.
- Engidoouro.
- Mato.

1643

Detalhe do mapa holandês de 1643
Feito por Georg Marcgrave
Acervo: Biblioteca de Harvard



Região da atual cidade de Ceará-Mirim

Antiga aldeia "Tappeweppe", possivelmente nas imediações do distrito de Massangana em Ceará-Mirim ou em outro ponto elevado do vale próximo a cidade.

"Sira Mirim" termo antigo para se referir a região do atual município e ao rio Ceará-Mirim

Rio Potengi

TAPPEWEPPE

1649

Detalhe de mapa holandês coletado por Johannes Laet.

Muitos registros do período holandês se referem aos indígenas **Tupis**, a região de **Ceará-Mirim** e de todo o **litoral norte** do **RN**. Em 1625, dezenas de Potiguaras foram levados a Holanda onde permaneceram por muitos anos, lá os **Potiguaras** deram detalhes sobre nossa região a **Kilian Van Rensselaer**, um dos mais importantes comerciantes e articuladores holandeses das **Índias Ocidentais**. Ele foi o fundador da rica região de **Rensselaerswijck** em **Nova York**.

Transcrição do registro de **Kilian**: ““Declaração de **Gaspar Paraopaba**, do Ceará. De 50 anos de idade. De **Andreas Francisco**, do Ceará. De 32 anos de idade. De **Pieter Poty** da Baía da Traição. De **Antonio Guirawassauay**, **Antony Francisco** e de **Lauys Gaspar**, todos da baía da Traição, sendo um dos quais da nação dos **Tiguars**, na costa setentrional do Brasil. Anotada pelo senhor Kilian van Renselaer no dia 20 de março de 1628, em Amsterdam.

Potiu ou Rio Grande (Potengi), um grande rio com um castelo (Forte dos Reis Magos) sobre a costa leste, bem próximo da margem, munido com 9 canhões de metal e 40 soldados.

➔ **Siara (Ceará-Mirim)**, pequeno rio de água doce, sem portugueses. Os navios vão ali para pegar água. A 2 léguas de Potiug (Potengi).

Piracabuba, pequeno rio, sem portugueses, a uma légua do Siara.

Pecutinga (Pititinga), uma praia com água doce, bom ancoradouro, sem portugueses, a 2 léguas de Piracabuba.

Uguasu (Touros), um pequeno rio de água doce, bom ancoradouro, sem portugueses, a 6 léguas de Pecutinga.

Raasay (Ponta de Santo Cristo), na praia, sem portugueses, a 3 dias de viagem de Uguasu.

Guamare, rio navegável, sem água fresca, a 2 léguas de Caalsa (Enseada de Caiçara); Aretauwa (Porto de Galinhos), meio légua mais distante.

Carwaretame, rio navegável, pouca água fresca e uma salina. A 3 léguas de Carwaretame.

Guararug (Açu), rio navegável, desabitado, a meio dia de viagem de Barituba. Os Tapuias habitam as florestas do interior.””

***Antonio Guirawassauay** era possivelmente um nome para Antonio Paraupaba. **Tiguars** era um termo para “Potiguaras”, indígenas Tupis.

Apesar de invasores interessados em lucro quase sempre, os holandeses eram vistos por muitos dos nossos parentes como aliados e “libertadores” contra os portugueses e, por isso, em **1625** muitos **Potiguaras** foram levados à Holanda na frota de **Boudewyn Hendricksz**, onde permaneceram por alguns anos aprendendo a língua e muitos dos costumes holandeses. Uma das primeiras igrejas reformadas protestante das Américas talvez tenha sido a Potiguara. Foram muitos os indígenas “brasilianos” (como eram chamados os Tupis) que tiveram destaque durante o período holandês, entretanto duas figuras de enorme destaque de nosso povo foram **Antônio Paraupaba** e **Pedro Poti** (ou Pieter Poti), ambos lutaram inclusive contra a escravidão indígena e africana, foram dois dos mais importantes articuladores de nossa resistência e protagonismo.

Pedro Poti foi um comandante militar extremamente articulado, de tão proeminente chegou a ter um secretário holandês. Pedro estava em importância para os holandeses como seu primo **Felipe Camarão** estava para os Portugueses. Lutou bravamente em diversas ocasiões, mas foi preso depois da Batalha dos Guararapes em Pernambuco. Foi duramente torturado por meses pelas forças portuguesas, morreu em **1652** a caminho de Portugal, onde seria julgado pelo **Santo Ofício** (Inquisição), como traidor e herege por ajudar os holandeses e por ter se convertido ao Calvinismo. Pedro foi mais um de muitos outros que lutaram por nossa independência e por uma aliança com os holandeses, considerados “menos ruins” e com “melhores condições” que as portuguesas, sobretudo em questões de comportamento, pela “não imposição” forçada de costumes e a suposta liberdade religiosa promulgada por **Nassau**. Muitos holandeses e outros estrangeiros trazidos por eles, casaram-se com indígenas em **Ceará-Mirim**, como é o caso de **Jacob Rabbi** que morava na região de **Ceará-Mirim** com sua esposa e povo. A obra *Historia Naturalis Brasiliae*, de Marcgrave, exibe uma descrição do litoral do RN feita por Jacob Rabbi, nela ele se referia a Ceará-Mirim como: **Syrac Minor**. A localidade cearamirinense de **Ponta do Mato** até hoje é o lar de muitos descendentes de holandeses.

O **Potiguara Antônio Paraupaba** foi nomeado Capitão e Regedor da Capitania do Rio Grande em junho de **1645** (até 1649) e em menos de um mês, no dia 3 de julho, redigiu um pedido exigindo a libertação de todos os escravizados indígenas “brasilianos” (Tupis). Foi um legítimo estadista de nosso povo, alguns registros sugerem que ele **falava cinco línguas: francês, português, espanhol, holandês e o Tupi**.

Twee Herscheyden Remonstrantien OFTE VERTOGEN,

Overgegeven

Aen hare Ho:Mo:de Heeren Staten
Generael der Vereenighde Nederlanden.

Door

ANTHONIO PARÄUPÁBA,

*In syn leven geweest Regidoor vande Brazilianen
inde Capitania van Rio Grande: Ende met het laetste onge-
luckigh verlies van Brazyl, vande gantsche Braziliaensche
Natie afgesonden; aen hare Ho:Mo: om derselver Natie
erbermelycken en jammerlycken toestant te vertonen,
ende met eenen hulpe ende bystant te versoeken.*



In 's GRAVEN-HAGE,

Gedrukt by HENRICUS HONDIUS, woonende
inde Hofftraet, inde nieuwe Konst-en-Boeck-Druckery. 1657.

Voltou para a Holanda em **1643** na comitiva do príncipe **Maurício de Nassau-Siegen** onde permaneceu por algum tempo. De volta ao Brasil lutou na Batalha dos Guararapes ao lado do parceiro **Pedro Poti**, após o conflito liderou uma retirada Potiguara para o interior fugindo das retaliações portuguesas e depois voltou para a Holanda, onde viveu por muitos anos. Através de um feito inédito e inimaginável por muitos, a liderança **Potiguara Paraupaba**, chegou a discursar no parlamento da Holanda, mais de uma vez, como um legítimo **Embaixador Internacional de nosso povo**, propondo uma nova aliança entre a **Holanda** e os **Potiguaras** para que juntos retomássemos nossas terras expulsando os portugueses, que haviam conseguido retomar o domínio da região em **1654**, infelizmente conforme a história confirma, esses planos de **Paraupaba** não decolaram.

Entretanto, o desempenho espetacular desse estadista nas relações internacionais **Potiguaras** naquele momento não deve ser esquecido. Certamente um nome para nos orgulharmos. Morreu na Holanda por volta de **1657**, onde vivia com sua esposa **Paulina** e filhos, depois de ter sido **um dos primeiros refugiados políticos da história dos Países Baixos**. Temendo as terríveis e conhecidas retaliações portuguesas aos indígenas que apoiaram os holandeses, muitos jamais retornaram ao Brasil.

Na imagem: Panfleto sobre **Antonio Paraupaba**, o descrevendo como o regedor da Capitania do Rio Grande, chefe dos Tupis “brasilianos” no RN. Possivelmente uma chamada para a fala dele no parlamento da Holanda.

Essas alianças entre nosso povo e os holandeses são quase sempre motivo de deboche, desinformação e reducionismos parciais. Sobretudo quando tratam indígenas e holandeses como reles “hereges”, não-católicos e assassinos cruéis nos supostos massacres de **Cunhaú** e **Uruaçu**, esquecendo as complexidades daquelas relações coloniais e todo mal que o domínio português havia cometido contra nossos povos. Definitivamente, um indígena do ano de **1645**, não contaria a história como ela é contada hoje, sobretudo na versão da Igreja Católica, que transformou essas pessoas em “santas” vítimas de “selvagens”. Discurso que presta um enorme desserviço e desqualificação de nosso povo e de nossas lutas. **Nós gostaríamos muito de saber quando instituições do estado também decretarão feriados ou prestarão homenagens aos milhares, talvez milhões, dos nossos que foram massacrados não apenas em um, mas em incontáveis episódios de crueldade e extermínio.**

Anos anteriores e também nesse mesmo período, alguns dos nossos foram convertidos ao catolicismo, se aliaram aos portugueses e foram vistos como traidores pelo grupo de indígenas contrário aos lusitanos, como é o caso do conhecido e também Potiguara **Felipe Camarão**, visto por muitos, sobretudo pelos não indígenas, como um herói. Felipe nasceu em **Araçá** ou **Raposa** ambos em **Ceará-Mirim**, sabe-se que ele foi batizado no **Guajiru** (que depois viria também a se tornar Ceará-Mirim) em 1614 na antiga igreja de São Miguel Arcanjo. Na ocasião recebeu o nome de Antônio e adotou o “Felipe Camarão” em homenagem ao rei Filipe III da Espanha (II em Portugal), pois era o momento da união das coras ibéricas. Muitos indígenas em nossa região possuem o sobrenome “**Felipe**”, incluindo minha bisavó Nazaré, talvez pelo mesmo motivo. Entretanto, até hoje a figura de Felipe Camarão divide opiniões em nosso povo. **Clara Camarão**, também nascida em **Ceará-Mirim** ou na **Aldeia Velha de Igapó** é um nome que também deve ser citado. Esposa de Felipe, é um exemplo da bravura das guerreiras **Potiguaras**, conhecidas pela sua liderança e habilidades em batalhas. **Os nomes de muitas outras guerreiras Potiguaras certamente foram apagados pela História oficial, que comumente celebrou e registrou apenas homens.** A Potiguara **Paulina Paraupaba**, esposa de **Antônio Paraupaba**, também parece ter sido uma guerreira muito articulada, inteligente e presente em todos esses episódios, embora restem poucos documentos sobre ela.

De acordo com os registros que temos no Brasil, essas devem ter sido as primeiras cartas escritas em Tupi pelos próprios indígenas.

Pedro,

Sai desse lugar que é como o fogo do inferno. Não sabeis que sois cristão?

Porque vos quereis perverter? O senhor Deus não permite que fujam ou se percam.

Felipe Camarão

Carta escrita por **Felipe Camarão** aliado dos portugueses

Felipe,

Jamais se ouviu dizer que tenham escravizado algum índio. Eles nos chamam e vivem conosco, como irmãos. Em todo o país encontram-se os nossos, escravizados pelos perversos portugueses, abandonai, portanto, primo Camarão, esses perversos.

Pedro Poti

Carta escrita por **Pedro Poti** aliado dos holandeses

“Quando instituições do estado também decretarão feriados ou prestarão homenagens aos milhares, talvez milhões, dos nossos que foram massacrados não apenas em um, mas em incontáveis episódios de crueldade e extermínio?”



Mapa do período holandês feito possivelmente por franceses em 1650. Nossa região de Ceará-Mirim (assim como todo o Litoral Norte do RN), segue descrita como área/território "Petiguare" (uma palavra para se referir a nós Potiguaras). Além da área de Ceará-Mirim (sinalizado pelas setas pretas no mapa), é possível ver Pititinga descrita como "Picquetinge". Acervo: Gallica Biblioteca Nacional da França.

Território dos Potiguaras

Rio Potengi

Natal, Ponta Negra e o Fort Kasteel Keulen



Em 1663, o capitão-mor do Rio Grande **Valetim Tavares Cabral**, fez uma gigantesca concessão de terra na ribeira do rio **Ceará-Mirim** a **João Fernandes Vieira**. *“a começar da barra do rio, correndo pela costa até o porto de Touros, com dez léguas de comprimento e outras tantas para o sertão”* (desembargador Lemos – “Capitães-Mores e Gov. do Rio G. Norte”).

“Foi pois, em **1663**, o atual município do **Ceará-mirim** e mais alguma coisa, propriedade de um só homem, que nada produziu. Dessa sesmaria absurda nasceram as questões e os litígios. Tanta gente ficou sem teto, tantas mulheres perderam seus maridos em lutas corporais, que a felicidade deixou de viver no lar do camponês.” – “O índio andou de Herodes a Pilatos, batendo por paus e por pedras, sem ter um palmo de terra onde cair morto... Tudo motivado por um presente atrapalhativo, injusto e descortês, sem qualquer base de ciência sociológica. Os herdeiros desse mimo ainda hoje atormentam os nossos homens do campo.”

Júlio Senna “Ceará-Mirim Exemplo Nacional” vol. II, 1974. Quando o autor usa os termos “homens do campo” e “camponês”, ele está se referindo a indígenas, ao nosso povo.



“Costa de Petiguares”

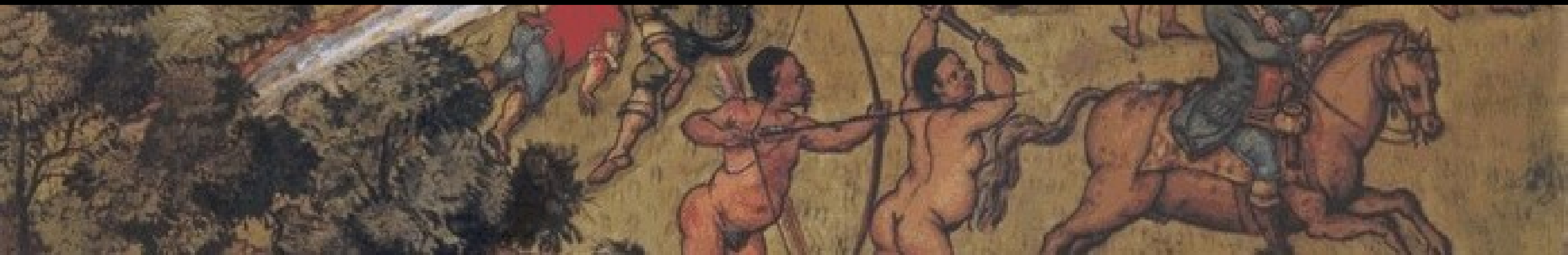
Região de Ceará-Mirim

Rio Potengi

Neste mapa de 1666, feito pouco antes da “Guerra dos Bárbaros” ou “Confederação dos Cariris”, nossa região segue descrita como: “Costa de Petiguares”, uma das palavras para se referir aos Potiguaras. Ou seja, mesmo em meio a violências diversas, doenças e extermínios, mesmo em meio à ocupação francesa, portuguesa e holandesa por quase 200 anos, nosso povo seguiu sendo apontado na área do litoral oriental e norte do Rio Grande do Norte.



O MASSACRE DOS "BÁRBAROS"



E ENTÃO A TERRA FICOU VERMELHA!
NÃO ERA URUCUM, NEM IBIRAPITANGA, ERA SANGUE!



Foi com a retomada dos portugueses diante da expulsão dos holandeses em 1654, que nossas derrotas e perdas se intensificaram com o início da grande perseguição aos antigos apoiadores dos holandeses. Existem registros que mais de **4.000 Potiguaras deixaram a costa do RN fugindo dessa retaliação**. Começaria logo na sequência a traumática e sangrenta **Guerra dos Bárbaros**, um conflito generalizado que custaria a vida de muitos dos nossos de diferentes etnias.

As guerras duram de **1683** até meados de **1713** e contaram até com a presença de bandeirantes paulistas, como o terrível *Domingos Jorge Velho*, que foram contratados para vir ao Rio Grande do Norte assassinar e perseguir indígenas que não aceitavam o domínio português e seu avanço, sobretudo em direção ao sertão. Com isso, a desterritorialização se intensificou, tanto de indígenas tidos como “Tapuias” (termo genérico para se referir a diversas etnias falantes de línguas vinculadas ao tronco linguístico Macro-Jê), como de **Potiguaras**, falantes do Tupi, ambos aliados dos holandeses. O preço dessas décadas de guerras e mortes foi o declínio numérico ainda maior de nossas populações e escravização de muitos dos que ficaram vivos.

“ÍNDIOS PARA VENDA NO RIO DE JANEIRO

Ao contrário dos holandeses, que PROIBIAM TERMINANTEMENTE a venda dos índios no Nordeste entre 1630 e 1654, período de domínio batavo na Holanda EQUINOCIAL, o Governo de PERNAMBUCO, cumprindo Ordem Suprema de El Rei de Portugal, em carta régia de 9-5-1714, tomou a medida de que “TODOS OS TAPUIOS DO RIO GRANDE DO NORTE DE 7 ANOS PARA CIMA, LHE FOSSEM REMETIDOS PARA SE VENDEREM NO RIO DE JANEIRO”. Repetimos: “PARA SEREM VENDIDOS NO RIO DE JANEIRO”. História do Rio Grande do Norte ROCHA POMBO – PÁG. 173 – Rio – 1922.



Esse decreto foi dado justamente após a **Guerra dos Bárbaros** e a **Confederação dos Cariris**. A maioria dos indígenas que combateram os portugueses eram de nações Macro-jês, tendo em vista que ocupavam todo o território longe da costa do Rio Grande do Norte (área Potiguara), claramente uma porção muito maior de terras. Dessa forma, desterritorializavam esses indígenas que não eram mortos e os escravizavam. Para impedir novas alianças entre indígenas, levavam esses indivíduos para terras estranhas, onde a fuga e o retorno para seu lar ancestral era praticamente impossível. Morriam cedo e longe de casa. É impossível precisar quantos indígenas **Potiguaras** e/ou de nações Macro-jês foram levados para longe para serem escravizados. A escravidão é sem dúvida uma das nossas mais vergonhosas feridas históricas. Feridas que ainda sangram.

Muitos têm a ilusão de que a escravidão indígena foi logo no começo de 1500, só para extrair pau-brasil e que logo depois nossos ancestrais foram substituídos pelos africanos. Na verdade, foi algo muito mais complexo. As relações comerciais do começo da invasão europeia eram, na maioria dos casos, baseadas em “troca” (principalmente com franceses), em uma complexa relação comercial, onde recebíamos sobretudo objetos de metal, muito úteis para nós naquele momento, e os trocávamos por madeira, animais e especiarias, como pimenta.

Em nosso estado, por exemplo, os portugueses demoraram cerca de 100 anos para entrar, e a escravização indígena vai se tornar realmente expressiva após a Guerra dos Bárbaros, pendurando até o final do século XIX, variando em ocorrência e número, ou seja, alguns de nós podem ter tido bisavós e tetravós indígenas que foram escravizados. **Embora a bula papal de 1537 proibisse a escravidão indígena**, pois determinava que "Os índios eram seres humanos e não deveriam ser roubados de sua liberdade ou posses", assim como algumas leis do estado português (como o decreto do Marquês de Pombal de 1755), isso nunca foi respeitado.



E havia uma exceção importante de ser citada: o conceito de “guerras justas”! Por isso, aqueles indígenas presos em conflitos contra os colonos portugueses tinham sua escravização autorizada pelo estado. Existem registros inclusive de jesuítas também usando mão de obra escrava indígena em suas fazendas, que eram muito lucrativas para a igreja católica.

Por isso quando alguns resumem que o período holandês “não foi bom em nada” para o RN, a pergunta que precisamos fazer é “para quem estamos falando?”, essa era possivelmente a opinião da elite portuguesa que ganhou o conflito e se estabeleceu em definitivo em nossas terras, porque, definitivamente, no jogo de complexidade das relações entre nosso povo e os diferentes invasores, a opinião de muitos dos nossos não era essa. Essa não é uma defesa dos holandeses, mas sim uma sugestão para vermos de forma mais ampla e a partir de diferentes pontos de vista a história que nunca é contada a partir de nosso povo. Houve muitos tipos diferentes de relações entre nosso povo e as diferentes nacionalidades que invadiram nossas terras. Ao contrário do que muitos pensam, nosso povo possuía articulação e poder de análise suficiente para diferenciar os idiomas, os costumes e os termos daqueles que chegavam. **Nossos antepassados estavam fazendo cálculos políticos complexos a todo momento e isso explica as diferentes relações que tivemos com franceses, holandeses e portugueses.**

O período histórico que se segue depois da expulsão dos holandeses é um dos mais obscuros do Rio Grande do Norte.

Mesmo em meio a tantos acontecimentos nos dois primeiros séculos de ocupação, nosso povo seguiu em **Ceará-Mirim**. E com a cartografia colonial e os muitos documentos de estado descritos anteriormente, é possível, através do trabalho de georreferenciamento, localizar as antigas comunidades e perceber que muitas seguem existindo até hoje, contando uma história de resistência e transformação no decorrer dos séculos sem nunca deixar de existirem, sem nunca perderem o entendimento do que nosso povo é, sobre quem somos. **Apuá, Ciarami, Tappewappe, Cidade dos Veados, Jacoca, Quiri, Ilha dos Cavalos, Maturaia, Sítio e Lagoa Grande**, todos esses nomes aparecem nesses documentos e descrevem assentamentos indígenas no Vale.

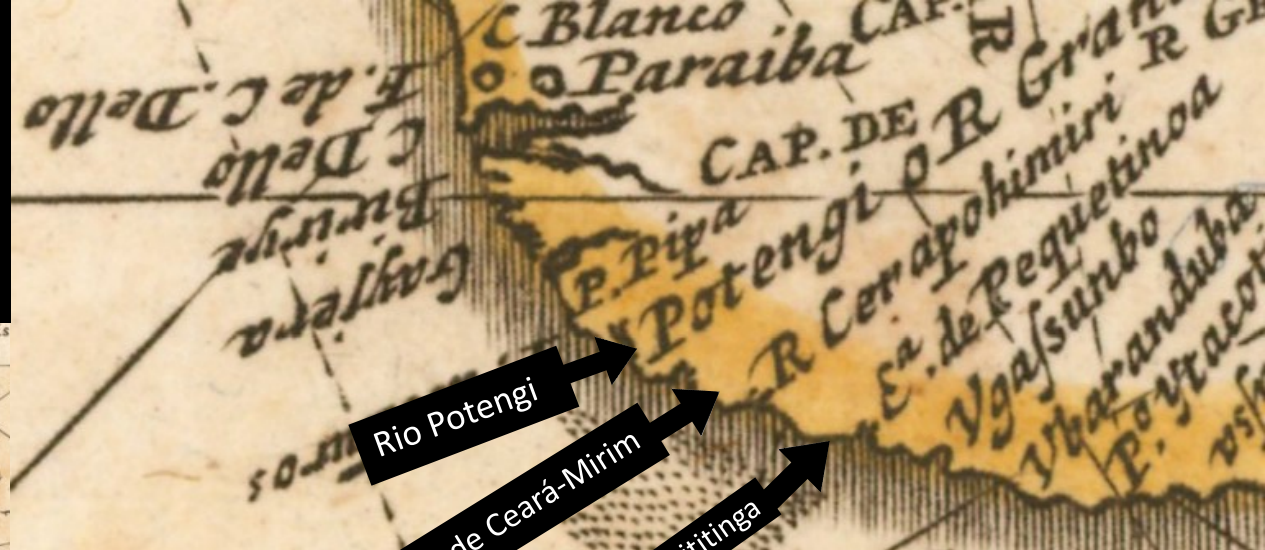


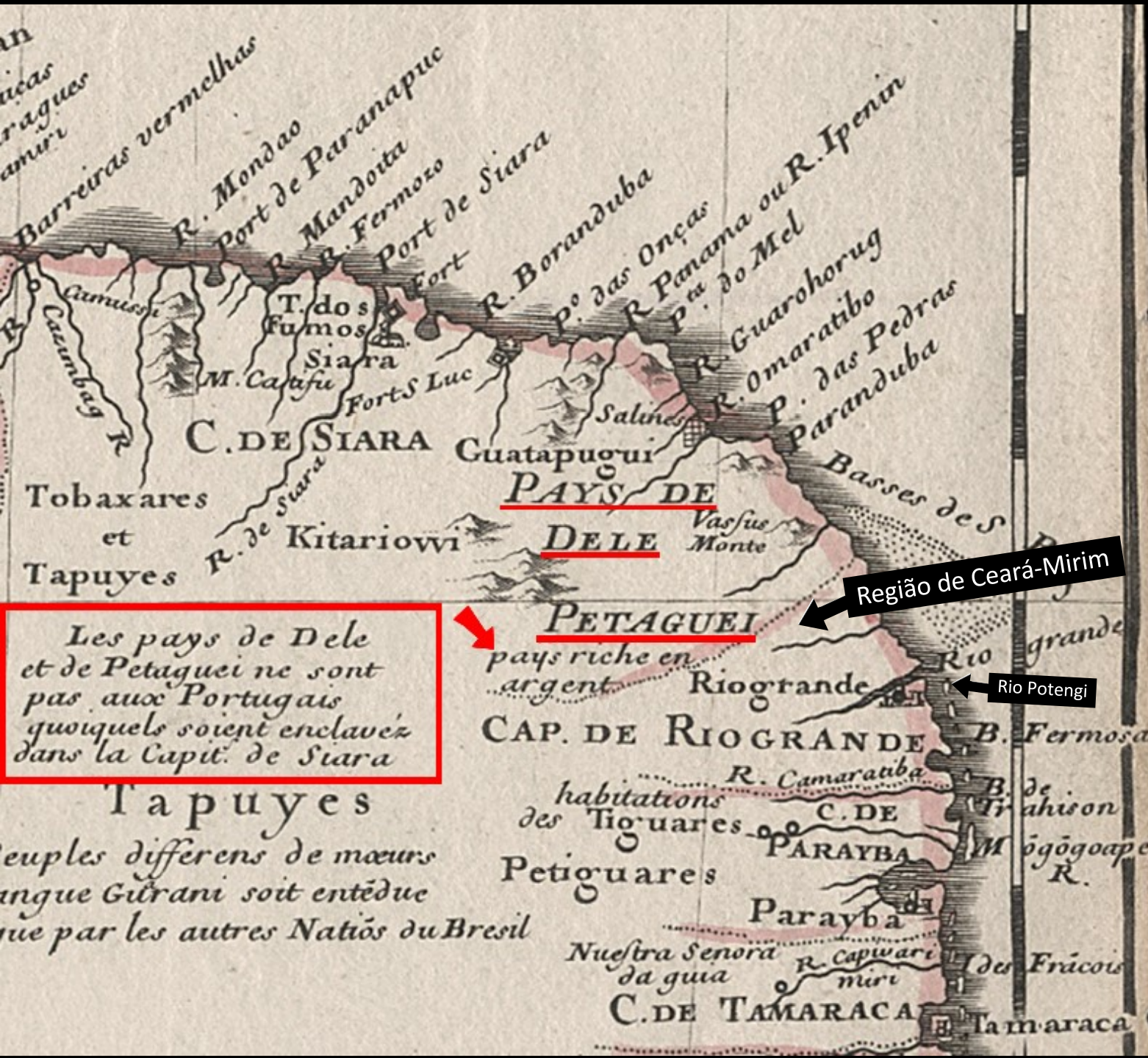
A presença "Potiguara" sempre foi tão marcante na capitania, que o nome chegava a ser registrado em mapas como: "Rio Grande Tiguares". "Tiguares" é uma forma histórica para se referir também a nosso povo, os Tupis da costa do RN. Mapa "Le Bresil - Paris 1656 Sanson Nicolas.

1656

“Cerapohimiri” – Sabemos que essa pode ter sido uma das formas que o rio e a região da atual Ceará-Mirim eram chamados no século XVII, conforme aparece em registros não só ingleses mas também holandeses. Raro mapa feito por John Ogilby, Londres 1671. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc / USA.

1671





Neste mapa de 1703, uma informação chama atenção, é possível ler “PAYS DE DELE PETAGUEI” - em português: “PAÍS DOS POTIGUARAS” - sobre a área do litoral norte do RN. O contato francês parece ter deixado marcas profundas na relação entre as duas nações, tendo em vista que nosso povo seguiu, mesmo depois de 200 anos, sendo visto como um “país/nação” diferente da sociedade colonial portuguesa que já estava instalada na capitania. Nossa região seguia sendo vista como um local rico para exploração, como mostra a frase presente no mapa “pays riche en argent”, traduzido como “país rico em dinheiro (ou prata já que “argent” em francês possui esse duplo significado)”.

Ao lado esquerdo é possível ler também outra informação de extrema importância: “Os países (regiões) de Dele e de Petaguei não pertencem aos Portugueses embora sejam inseridos na Capitania de Siara.”, mostra que o governo francês seguia reconhecendo nosso povo como independente e autônomo das garras de Portugal, como se diplomaticamente fosse reconhecido um “estado Potiguara” enclavado na colônia portuguesa. Acervo Gallica Biblioteca Nacional da França.

Les pays de Dele et de Petaguei ne sont pas aux Portugais quoiqu'ils soient enclavés dans la Capit. de Siara

Região de Ceará-Mirim

Rio Potengi

“PAÍS DOS POTIGUARAS”

**NOSSAS TERRAS JÁ FORAM ASSIM CHAMADAS EM 1703!
E ERAM RECONHECIDAS POR ALGUNS COMO
UM ESTADO NACIONAL!**

Fonte: mapa da página anterior de 1703. Acervo: Gallica Biblioteca Nacional da França.

1739

Detalhe do mapa "Littora Brasiliae – Pascaert Van Brasil" de 1739, possivelmente holandês, feito por L. Renard. Acervo Gallica Biblioteca Nacional da França.

Rio Potengi

"Cenapohimiri" pode ter sido um nome antigo para o rio ou para a região de Ceará-Mirim.

Pititinga





Littora
BRASILIÆ

Apud L. Renard.

Pascaert van
BRASIL

Gedruckt by L. Renard.



Pititinga

"Cenapolumir" pode ter sido um nome antigo para o rio ou para a região de Ceará-Mirim.

Rio Potengi

Detalhe do mapa "Pascaarte vande Zee custen van Brasilia", dos anos de 1700, feito na Holanda por Jacobus Robijn. Acervo: Gallica Biblioteca Nacional da França.



Pascaarte Landt.

Zee custen van

GUINEA;

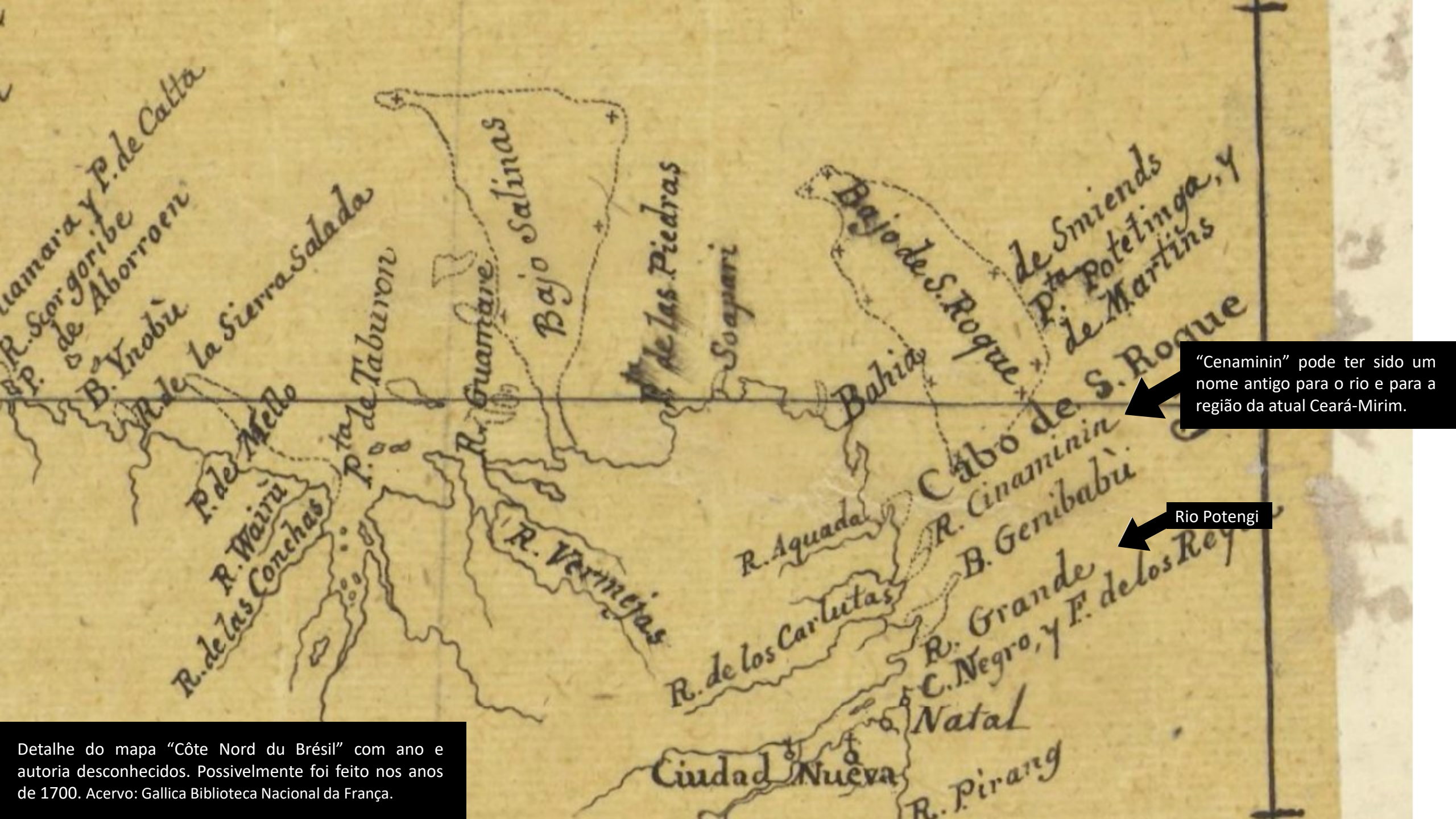
en

BRASILIA

*van Cabo de Verde, tot C. de bona Esperanca,
en van R. der Amazonen tot Rio de la
Plata, alles op Waffende Graaden gestekt.
t' Amsterdam*

by **JACOBUS ROBYN.**

*inde Nieuwen brugh Steegh inde Stuer-man.
met Privilegio.*



“Cenaminin” pode ter sido um nome antigo para o rio e para a região da atual Ceará-Mirim.

Rio Potengi

Detalhe do mapa “Côte Nord du Brésil” com ano e autoria desconhecidos. Possivelmente foi feito nos anos de 1700. Acervo: Gallica Biblioteca Nacional da França.

A comunidade hoje conhecida como **Rio dos Índios** era relativamente próxima à antiga **Tappewappe** (atual Massangana) e à também indígena **Lagoa Grande** (Jaçanã?). Desde meados do século XVII, nossa comunidade é chamada de “Cidade dos Veados” ou “Veados” pelos portugueses e jesuítas, talvez pelo número de animais dessa espécie que viviam na região. Porém sempre sendo apontada como aldeamento indígena, local de trânsito e de agricultura de nosso povo. Na época, muitos dos Potiguaras de nossa região estavam “subjugados” ao mosteiro **Jesuíta de São Miguel do Guajiru**. A missão jesuíta foi iniciada na região em 1607, em terras ancestrais **Potiguaras**, possivelmente abrigando indígenas das aldeias de **Ceará-Mirim** e as ao norte do Rio Potengi, como a de **Igapó**, que com cerca de **2.000 moradores Potiguaras** transferidos para a missão, teria sido esvaziada. Após a “Guerra dos Bárbaros” em **1713**, além de Potiguaras, a missão recebe cerca de 100 Tapuias (possivelmente Paiacus, Panatis e Caborés) e 12 casais de indígenas Janduís. **Por isso mesmo abrigando indígenas de outras etnias, os indígenas de origem Tupi eram numericamente mais números na Missão do Guajiru.**

Essa reunião forçada de diferentes povos causava muitas vezes problemas de relacionamento entre esses indivíduos indígenas de diferentes etnias, que não tinham respeitadas suas individualidades culturais, diferenças e conflitos entre os grupos. Passavam a ser visto como uma só “coisa” resumidos a “índios”. Os indígenas de origem **Macro-Jês** (os não-Tupis em nossa região), que eram trazidos para a missão eram em sua maioria indivíduos que foram capturados, desterritorializados (retirados de suas terras originais) e depois aldeados no Guajiru. Alguns desses indígenas podem ter sido os primeiros escravizados de nossa região.

Existem registros que muitos indígenas eram levados diariamente para a **Cidade dos Veados** (hoje Rio dos Índios) para “trabalharem” na agricultura. As condições de trabalho passavam no mínimo por “subordinação”, regime análogo a escravidão e servidão, pois esses indivíduos indígenas não eram livres para retornarem e ocuparem suas antigas terras ancestrais, sobretudo os “Macro-Jês”, retirados forçadamente dos sertões do Rio Grande do Norte, em grande número principalmente após a Guerra dos Bárbaros.



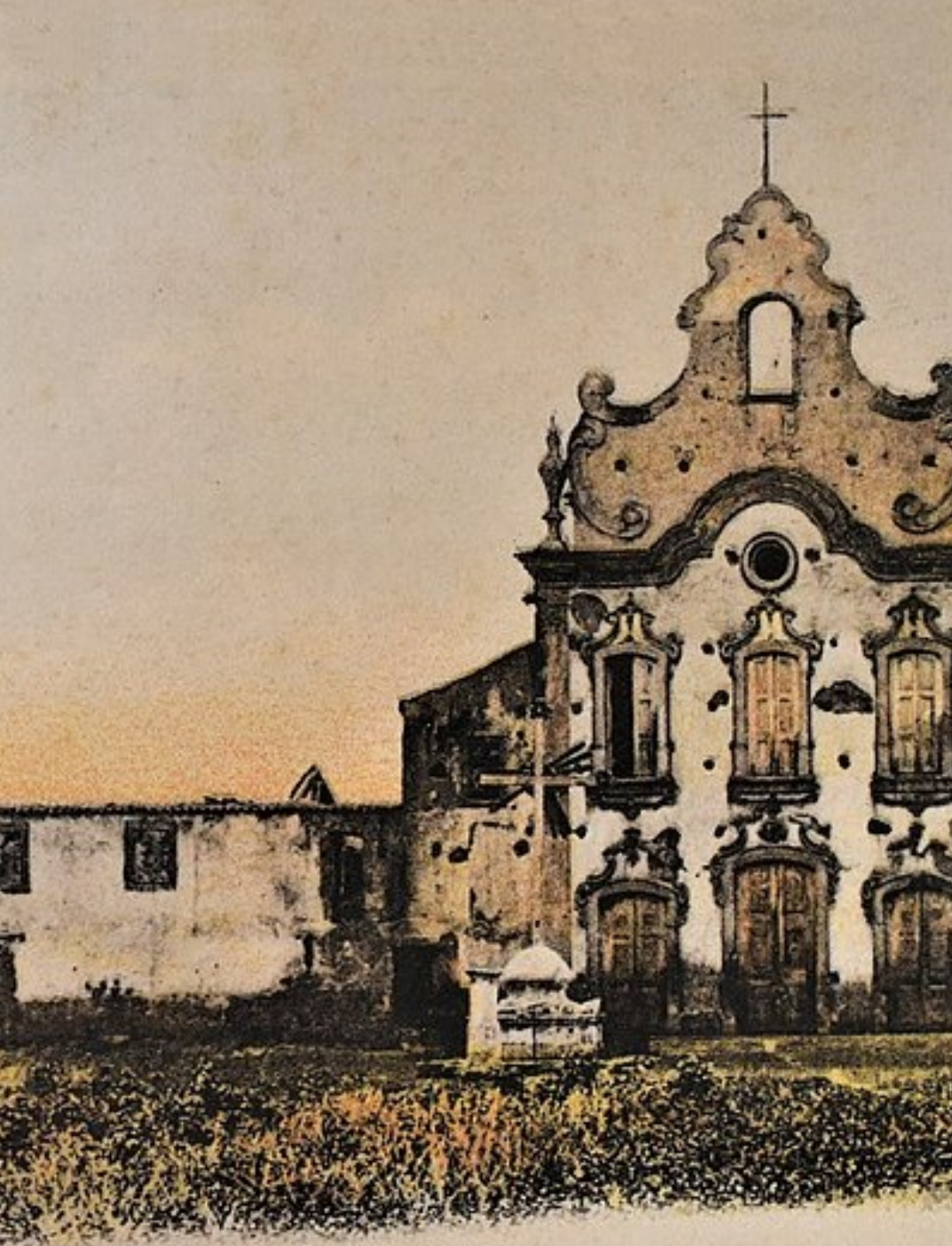
*“Aos 16 de julho de 1756... na Matriz desta Cidade, batizou e pos os santos óleos o Reverendo Padre João Freire de Amorim a Miguel, filho de Manuel Gomes e de sua mulher Suzana Ribeiro Índios de (Igramació) foram padrinhos: João Rodrigues e sua mulher Natália Dias, índios da Aldeia da **Jacoca** de que mandou lançar este assento a muito Reverendo Senhor Doutor Visitador que abaixou assinou.”*

“Jacu”
Pintura de
Albert Eckhout 1648

Por volta de 1756, a **Jacoca** (ninho do Jacu em Tupi) passa a ser citada como local indígena, conforme mostra o registro de casamento acima, que existe na Arquidiocese de Natal/RN. O escritor Júlio Senna cita **Jacoca** como um dos locais onde teria supostamente começado a introdução da cana-de-açúcar em Ceará-Mirim ainda no séc. XVIII. Alguns registros paroquiais citam a suposta nação indígena a qual pertenciam esses indivíduos por meio dos termos “Tapuia”, “Poti”, “Sujeito”, “Cabra”, “Gentio” (usado para se referir a indígenas não cristãos) e até mesmo o termo “média fé”, que eram usados para designar indígenas não totalmente convertidos ao cristianismo e que seguiam com suas práticas de fé originais.

Muitas uniões entre indígenas e brancos foram consentidas, isso é um fato, conforme mostram esses registros civis dos séculos XVIII e XIX, onde são apontadas as etnias e as origens dos indivíduos que estavam se casando ou nascendo (Registros Paroquiais da Freguesia de Extremoz/ Ceará-Mirim. Em guarda da Arquidiocese de Natal). É impressionante o volume de casamentos entre brancos e indígenas. Relações de amor existiram, os estupros, porém, também eram práticas frequentes, conforme também provam os registros de nascimento de filhos de indígenas “cativas” escravizadas, onde o nome do pai é ausente na certidão de nascimento. Além da escravização de nosso povo, a tomada de terras e a morte de muitos foram frequentes em muitos momentos desse período, **surpreendendo os que acham que indígenas também não foram escravizados**. O conceito de “guerra justa” foi aplicado com voracidade, e os perdedores em conflitos (como os “revoltos” que apoiaram os holandeses e os capturados durante a Guerra dos Bárbaros) eram escravizados ou mortos.

Mesmo unindo indígenas de várias etnias na missão do **Guajiru** (palavra Tupi para uma árvore), eles parecem ter mantido uma certa distância do ponto de vista de organização de suas comunidades em muitos momentos. Um exemplo disso é o fato de existirem registros de dois regimentos diferentes de flecheiros na missão do **Guajiru**, um dos Tupis e outros do “povo da língua travada”, outra forma pejorativa de se referirem aos povos “Tapuias” falantes das línguas Macro-Jê. Outro detalhe que mostra certo “distanciamento” e que ainda sobrevive até hoje entre os mais velhos do nosso povo é o uso do termo “Tapuia” para se referirem de forma pejorativa e preconceituosa para desqualificar pessoas. Também costuma ser associado aos “Tapuias” construções consideradas “malfeitas” por essas pessoas, como o “boga”, uma estrutura mais simples de palha e madeira, mas que cumpria bem sua função, pois era coerente com as necessidades práticas de um povo nômade (em sua maioria) e que muitas vezes não se fixavam como esses povos resumidos a “Tapuias” no RN. Mas nem todas as relações entre falantes do Tupi e “Tapuias” se mantiveram distantes e muitos devem ter formado famílias misturando suas etnias, gerando indivíduos multiétnicos. **Entretanto, observa-se na atualidade que são os costumes característicos e registrados como sendo típico dos Tupis que melhor sobrevivem no Vale do Ceará-Mirim até hoje**. Esses dados sobre como alguns habitantes mais velhos do vale se referem a outras etnias, não refletem minha opinião. E estão aqui apenas como um retrato de alguns comportamentos que ainda sobrevivem mostrando certo distanciamento entre as etnias no passado.



A Vila de Extremoz era composta por muitos indígenas (quase sua totalidade), era próspera e, segundo Câmara Cascudo, abrigava a mais bela igreja do período colonial no estado. **Segundo dados havia em determinado momento do século XVIII: 1.410 indígenas, 15 africanos escravizados da Guiné e 4 padres Jesuítas.** Mas, a partir do momento que surgiram os planos de trocar a sede do município de lugar, transferindo-a para onde hoje está a cidade de Ceará-Mirim, sua decadência e abandono foram se tornando uma realidade.

Os jesuítas foram sem dúvida parte da violenta máquina colonizadora, tendo uma atuação questionável para conversão de indígenas desde o começo da presença invasora. Entretanto, se opunham à violência (sobretudo física) que era amplamente praticada por colonos portugueses e bandeirantes contra indígenas e, por isso também, desde a Guerra dos Bárbaros, sua atuação (e suas críticas!) começam a incomodar o governo colonial. É, então, que em 1759 o Marquês de Pombal decreta a expulsão de todos os jesuítas do Reino de Portugal (incluindo as colônias) e, assim, eles são obrigados a abandonar a missão do Guajiru. Com a expulsão dos jesuítas, Extremoz é elevada a categoria de Vila e ganha uma câmara de vereadores.

Ao lado ruínas da antiga Igreja de São Gabriel Arcanjo. Foto de 1902, autor desconhecido.

SÉCULO XIX GENOCÍDIO INDÍGENA EM DETALHES

RESISTÊNCIA, BATALHAS JUDICIAIS, INVASÕES E ROUBOS DE NOSSAS TERRAS.
CONSOLIDAÇÃO DOS ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR, IMPACTOS AMBIENTAIS E
VIOLÊNCIAS COLONIAIS DIVERSAS NO VALE DO CEARÁ-MIRIM.

*Esboço
da Carta das Províncias
do Rio Grande do Norte e*

“Ceará Merim” - Mapa do século XIX sem data. Época em que o município de Ceará-Mirim englobava: Extremoz, Poço Branco, Taipu e João Câmara. Acervo Biblioteca Nacional do Brasil.



Detalhe do mapa inglês "A New Map of South America from the latest authorities" (um novo mapa da América do Sul com as últimas autoridades) de 1807 de autoria de John Cary Engraver. O território e a articulação política Potiguara são reconhecidos com o uso do termo "Comarca del Potaguey", escrito sobre área de parte de nossas terras. "Potaguey" é uma palavra para também se referir aos Potiguaras. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc. / USA.

1807



A
NEW MAP
OF
SOUTH AMERICA,
FROM THE LATEST AUTHORITIES.
By JOHN CARY, Engraver.
1807.



Colombia Prima

OR SOUTH AMERICA,

In which it has been attempted to delineate the Extent of our Knowledge of that Continent.

Extracted Chiefly

*FROM THE ORIGINAL MANUSCRIPT MAPS OF
His Excellency the late Governor Pinto,*

Likewise from those of

João. Joaquin da Rocha. João da Costa. Ferreira;

El Padre. Francisco Manuel. Sobrevilla &c.

AND FROM THE MOST AUTHENTIC EDITED ACCOUNTS OF THOSE COUNTRIES.

Digested & Constructed

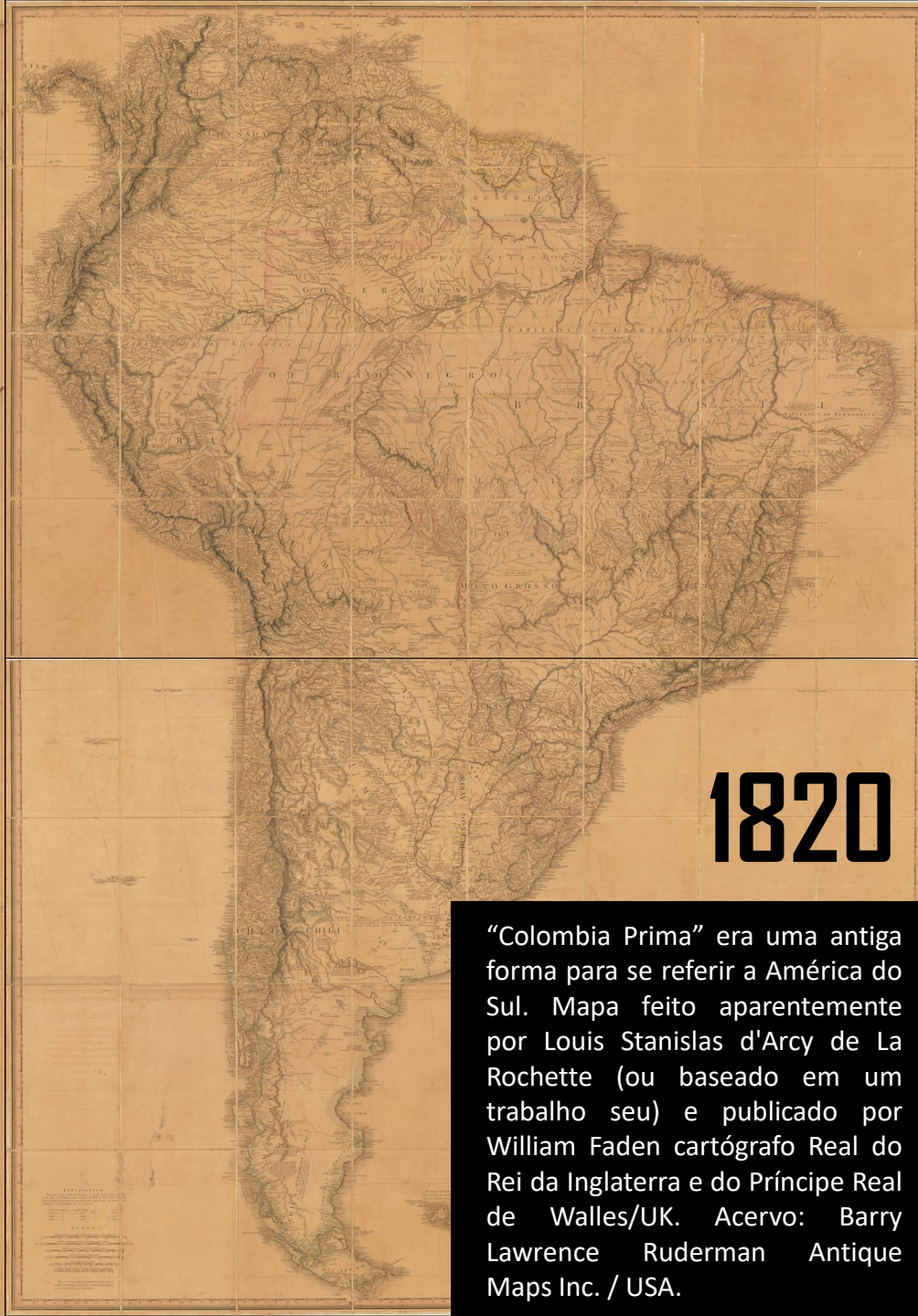
The late eminent and learned Geographer

LOUIS STANISLAS D'ARCY DE LA ROCLETTE.

LONDON

Published by William Faden,

Geographer to His Majesty and to His Royal Highness the Prince of Wales, Jan. 1. 1820.



1820

“Colombia Prima” era uma antiga forma para se referir a América do Sul. Mapa feito aparentemente por Louis Stanislas d'Arcy de La Rochette (ou baseado em um trabalho seu) e publicado por William Faden cartógrafo Real do Rei da Inglaterra e do Príncipe Real de Walles/UK. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc. / USA.

1820



Praia de Touros

Pititinga

Ceará-Mirim

Rio Potengi

“Ciaramiri” - Mapa feito aparentemente por Louis Stanislas d'Arcy de La Rochette (ou baseado em um trabalho seu) e publicado por William Faden cartógrafo Real do Rei da Inglaterra e do Príncipe Real de Walles/UK. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc. / USA.

takes Serra

PETIGUARES
who are always at war with the Portuguese

“PETIGUARES ~ Que estão sempre em guerra com os Portugueses”

Detalhe do mesmo mapa inglês de 1820, comprova impressionantemente, que nossa luta contra o domínio português seguia forte e era amplamente reconhecida até internacionalmente, mesmo após 320 anos de invasão europeia. É nesse período que acontece no Vale do Ceará-Mirim um grande embate, uma das maiores lutas judiciais do RN até aquele momento, entre nosso povo e os colonos portugueses, sobretudo contra a elite pernambucana, que tinham o objetivo de roubar nossas terras para a instalação de engenhos de açúcar. Mapa feito por William Faden cartógrafo do Rei da Inglaterra e do Real Príncipe de Walles/UK. Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc.

**E SEGUIMOS RESISTINDO E
EXISTINDO ATÉ HOJE!**

IBIRAPI
TAPPEWEPPE
BAQUIPE
ZIRIAMININ
SENAPITIMIRI
SIARA
APOA
CIARAMIRI
CIARÀ-MIRÍ
CERAPOHIMIRI
GUAJIRU
VEADOS
EXTREMOZ
BOCA DA MATA
GEARÁ-MIRIM



**MUITOS NOMES,
A MESMA TERRA
ANCESTRAL**

**NOSSA REGIÃO NO RIO GRANDE DO NORTE, JÁ FOI
CHAMADA NO PASSADO POR DIFERENTES GRUPOS DE:**

“PAYS DE LA PETAGUEI”

“COMARCA DEL POTAGUEY”

“RIO GRANDE TIGUARES”

“COSTA DE PETIGUARES”

**É HOJE O ÚNICO ESTADO DO BRASIL QUE NÃO TEM
NENHUM TERRITÓRIO INDÍGENA DEMARCADO!**



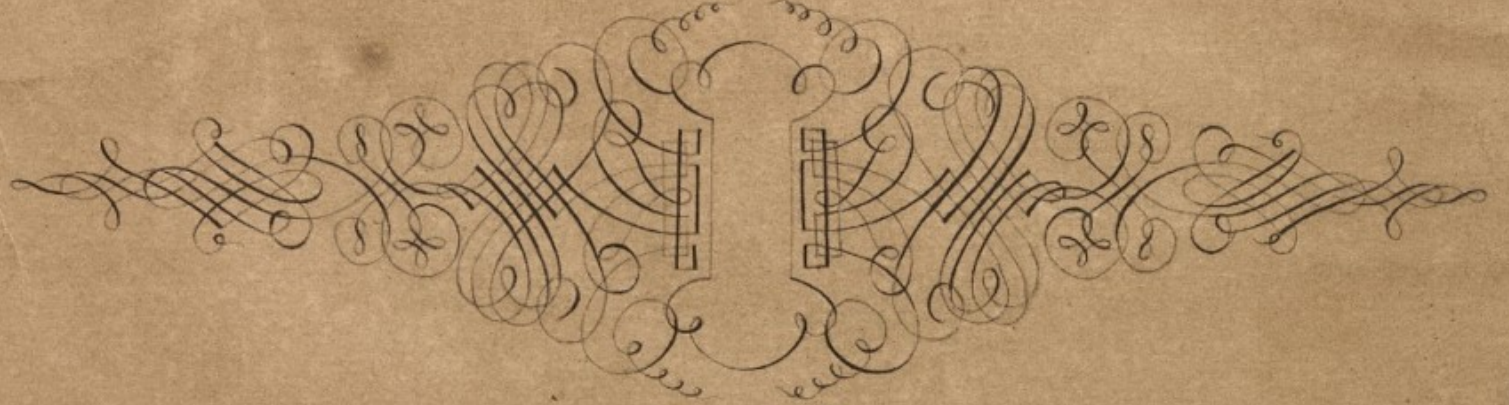
PLANTA

DOS RIOS CEARA-MIRIME MASSA-
RANGUAPE; DESDE AFOZ DAS BARRAS TE SUAS NASCENTES

EXPLICAÇÃO

Após da Camba por onde duagua em tempo de cheias o Rio Ceará-Mirim está situada na lat^o sul 5.° 30', e long^o O. de Greenwich 55.° 16'. No Recife que guarnece parte da costa da Baía de Pernambuco, pelo lado do Norte, ha huma quebrada que serve de Barreira por onde somente podem entrar e sair de mui- tas embarcações para esse transitto humas meutas chamadas de Cassandás, que ficam enfiadas na costa. Os Passageiros valem-se na maré baixamar, e fora desta Camba, no que se chama Barra de Ceará-Mirim, havendo apenas nesse lugar em suas occasiões alguns lagos pequenos e rios d'agua, sendo o mais profundo e mais perigoso a travessar no tempo das cheias, e que corre da Camba e se desce encostado ao Recife. A Camba de entrada no embarcamento amanha hora em que elle podem entrar a Barreira, isto he, sem a mesma maré, e por ella podem subir a dist^a de 2 de Legua por fundo de la 3 braças d'agua, lama molle. As margens são guarnecidas por manguezil intermedios, sem de largura d'humo e outra m^o de 6 a 10 braças.

A Barra do Rio Massaranguape está situada na lat^o sul 5.° 30', e long^o O. de Greenwich 55.° 16'. Se he occupada apiquenas Matas, Barragens e lagoas, he separada por cima do qual se faz a travessada pelo Norte do Recife que de parte do Sul vai quasi da Costa em direccão a N, no proximo das marés, que em toda esta parte da costa seguem a dist^a de 2.° 30'. O Recife abriga quatro das Cinco dist^{as}. Os Passageiros valem-se a Barra na baixamar das marés. Não he navegavel ti a parte de parte, Estreito de Rego, e não he para cima a nascentes, e que sempre voltando em todas as direccões por meio da Paul e Alagadizes, guarnecidos suas margens de capim Marimbó, Amangás e Araliuns. Puzo a cima da Barra remonta na agua doce, no tempo chuveiro chego a ser doce na Barra. Quando do Rio he o lugar em que he navegavel regula de 1. a 2. a braças de agua, lama pedrea. Subscriptas da Barra na embocadura do Rio ha 8 braças de largura, e a qualquer dist^a para cima se vai estreitando mais. Veja-se a explicação que acompanha esta Planta apresentada pelo Capitão Tenente Felipe José Perreira, que alevantou por ordem do Governo da Provincia do Rio Grande do Norte, o D.^o C. J. M. Sarmiento, em 1847. Avariação da Agulha calculada com toda exaccão 8.° 00' NO. Alinha Norte Sul, he verdadeira.



PLANTA

DOS RIOS CEARA-MIRIME MASSA-
RANGUAPE; DESDE AFOZ DAS BARRAS TE SUAS NASCENTES

se vai estreitando mais. Veja-se a explicação que a acompanha esta Planta apresentada pelo Capitão Tenente Felipe José Perreira, que alevantou por ordem do Governo da Provincia do Rio Grande do Norte, o D.^o C. J. M. Sarmiento, em 1847. Avariação da Agulha calculada com toda exaccão 8.° 00' NO. Alinha Norte Sul, he verdadeira.

MAPA - 1847

REGIÃO DE CEARÁ-MIRIM

ACERVO DA BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL



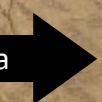
Atual cidade de Ceará-Mirim



Lagoa Grande e Jaçanã



Usina Ilha Bela



Rio dos Índios



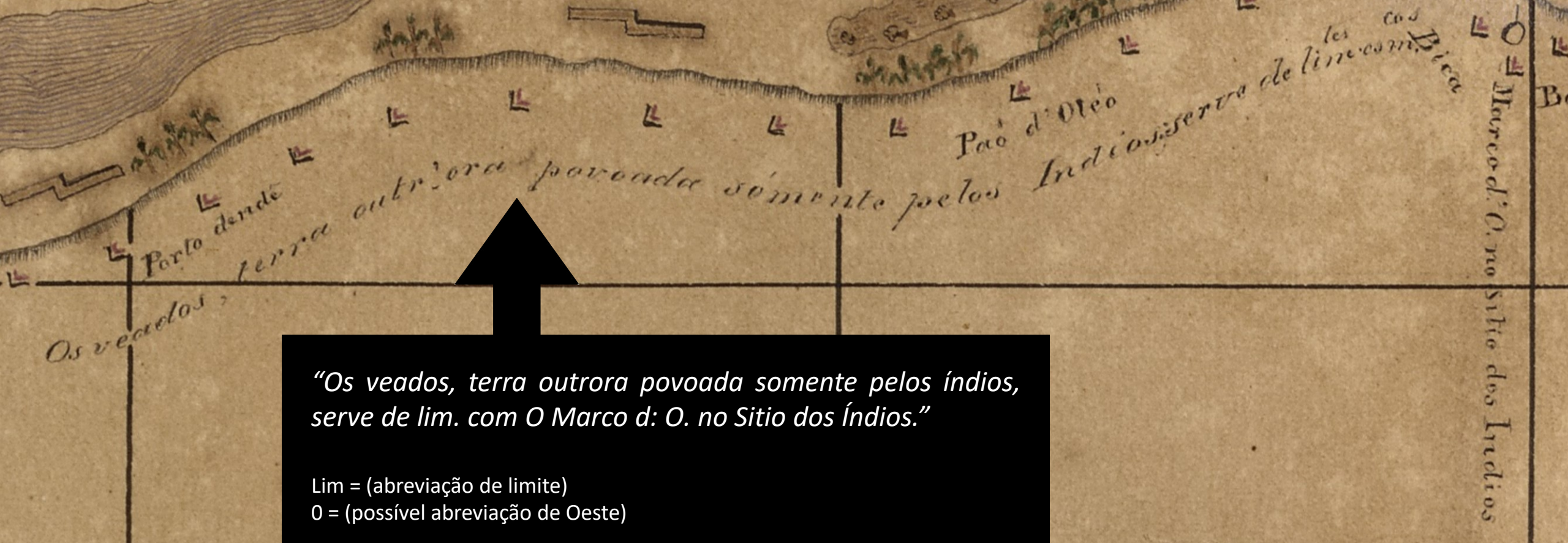
Quiri





O símbolo ao lado a esquerda, significa residências. No mapa em destaque, em Rio dos Índios, elas aparecem enfileiradas ao longo de parte do território. E até hoje, curiosamente a maioria das casas seguem posicionadas da mesma forma ao longo da principal estrada que corta a comunidade.





“Os veados, terra outrora povoada somente pelos índios, serve de lim. com O Marco d: O. no Sitio dos Índios.”

Lim = (abreviação de limite)

O = (possível abreviação de Oeste)

Segundo o dossiê **“Processo de Hipólito da Cunha Assunção e mais oficiais índios da Vila de Estremoz; Litigantes: Manuel Pegado de Siqueira Cortez, demarcação e restituição de terras em Cidade dos Veados (1811 - 1812)”**, em 1759, durante a primeira sessão da Câmara Municipal de Estremoz, os vereadores decidem, autorizados pelo rei **Dom João V de Portugal**, devolver as terras dos **Veados (Rio dos índios)** ao nosso povo. Porém, já em 1760, as terras garantidas a nós começam a ser questionadas, sobretudo pela elite pernambucana, que tinha interesse econômico na região. E, com isso, iniciou-se uma grande batalha judicial no RN colônia, talvez a maior envolvendo indígenas que temos registros até hoje no estado. Pois parece que os recursos da “lei” disponível para os homens de poder estavam a substituir a matança deliberada do “passado” recente, tornando talvez mais “supostamente civilizado” o roubo de terras.

Em **1811**, indígenas unidos entraram com um processo através da Comarca da Paraíba e do Governador de Pernambuco (a justiça provincial do RN surge apenas depois de 1821). Nesse mesmo ano é enviada uma carta ao rei **Dom João VI**, na época regente do *Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves* (que havia acabado de chegar ao país em 1808, fugindo de Napoleão Bonaparte) para que funcionasse como juiz e decidisse a questão envolvendo as terras indígenas, dando um veredito sobre de quem seria a posse da **Cidade dos Veados** (hoje **Rio dos Índios**). Nesse momento, somos defendidos por um herói desconhecido por muitos, filho de nossa terra e indígena **Potiguara Hipólito da Cunha Assunção**. Hipólito era diretor geral dos índios (Capitão-mor dos índios), um título, função estatal que existiu até o final do império em 1890, ou seja, um porta-voz de nosso povo. Tudo que temos registrado aponta que não foram pequenos os esforços e que **Hipólito** usou toda sua influência, força, articulação e a lei da época em todas as suas instâncias, para defender os direitos a terra de nosso povo no **Vale do Ceará-Mirim**.

Segundo este mesmo documento, durante os conflitos os indígenas (reduzidos a “índios”) formaram frentes militares distintas etnicamente e tinham, cada um, seus representantes. Os indígenas de “fala travada” (como eram conhecidos os falantes de idiomas **Macro-jês**) eram representados pelo capitão-mor **Pedro Chagas da Cruz**, e os indígenas da “língua geral” (como eram conhecidos os falantes do **Tupi**, nosso povo) eram representados por **Hipólito**. Não está claro se **Pedro** era indígena ou não, entretanto há grandes chances, uma vez que esses povos estavam organizados entre os seus culturalmente equivalentes, de serem. Quanto a **Hipólito**, sem dúvida, **um dos maiores heróis Potiguara**.

O próprio documento **Processo de Hipólito da Cunha Assunção e mais oficiais índios da Vila de Estremoz** indica que as documentações desse processo estavam sumindo já naquela época, ou seja, a cópia que analisamos só sobreviveu porque foi enviada ao Rio de Janeiro, já que os indígenas da Câmara de Estremoz foram até as últimas instâncias possíveis para garantir a posse de suas terras, recorrendo até mesmo as supremas cortes do reino. Essa forte articulação judicial indígena, rara no Brasil Colônia, deve ter surpreendido muitos, que nunca esperam, até hoje, posturas semelhantes dos nossos povos.



Esse fato, portanto, comprova que há menos de 200 anos toda a cidade de Ceará-Mirim pertencia aos indígenas, entre eles nosso povo, os **Potiguaras Ibirapi**, povo ancestral da região há milênios. O desaparecimento desses processos em terras potiguares prova que ele era uma ameaça aos planos invasores e, por isso, um documento como esse precisava ser apagado, esquecido. Essa tensão judicial pode também explicar a grande destruição que em geral aconteceu com os documentos da época da transferência da sede de Extremoz para Ceará-Mirim. O governador de Pernambuco na época, o português **Caetano Pinto de Miranda Montenegro** (foto ao lado), era forte aliado da elite portuguesa e pernambucana que tinha grande interesse em expulsar os indígenas do Vale do Ceará-Mirim. Ele responde ao **Príncipe Regente Dom João VI**, após este pedir detalhes do processo, que o problema dos indígenas não era falta de terras e relativiza a questão. Sugerindo, inclusive, que Dom João não deferisse a favor dos indígenas.

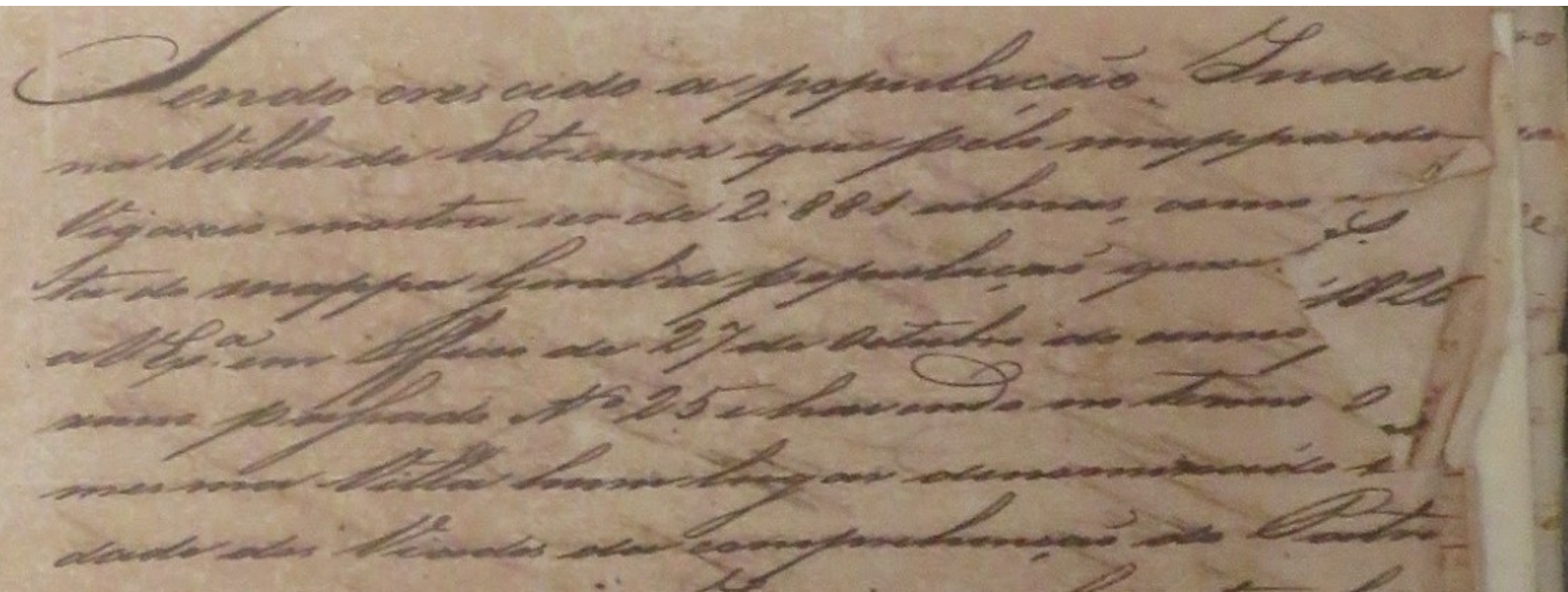
“O requerimento incluso do Capitão-mor, e mais índios da Vila de Extremoz, parece ter sido ditado pelo mesmo espírito de intriga que daquela Vila tem enviado outras queixas a Real Presença de Vossa Alteza Real. A informação do desembargador ouvidor geral da comarca da Paraíba, com a qual me confirmou, e os documentos produzidos pelos interessados, excluem a pretensão dos suplicantes, cuja pobreza e atraso procede de outras cousas, e não de falta de terras em que trabalhem. Parece-me, pois que o seu requerimento deve ser indeferido: Vossa Alteza Real, porém mandará o que foi justo. A Muito Alta, e Real Pessoa de Vossa Alteza guarde Deus os anos que seus fiéis vassallos lhes pedimos.”

Recife de Pernambuco em 11 de outubro de 1811

Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Governador de Pernambuco”



Após a questão sobre a posse de nossas terras ter sido levada ao rei, o resultado desse processo saiu em **1813**, infelizmente desfavorável a nosso povo. Essa decisão fez com que a légua que ia das imediações de Capela até a área do antigo engenho Carnaubal fosse perdida para os invasores. Em **1822**, ano da Independência do Brasil, acontece uma grande revolta promovida pelos indígenas de Extremoz/Vale do Ceará-Mirim, possivelmente por causa da grande perda de terra, sete anos antes, que havia deixado muitos desabrigados e em grande miséria. Após a **Rebelião dos Índios**, conforme ficou conhecido o levante em **1822**, **Manoel Ferreira Nobre** foi indicado para ser o diretor geral dos índios. Ele que era militar, parte da elite, branco e pai do político de mesmo nome, que mais tarde foi um dos idealizadores e articuladores para a transferência da sede municipal de Extremoz para Ceará-mirim. Esse **Ferreira Nobre** Filho foi o mesmo que criou o primeiro livro sobre a História do RN. Os registros desse grande levante indígena na década de 1820 e os anos que o antecederam foram investigados pelo historiador e doutorando **Pedro Pinheiro de Araújo Júnior**, que recentemente produziu um estudo com melhores detalhes sobre o incidente, indico, portanto, essa leitura para uma compreensão em melhor detalhe dos fatos descritos.

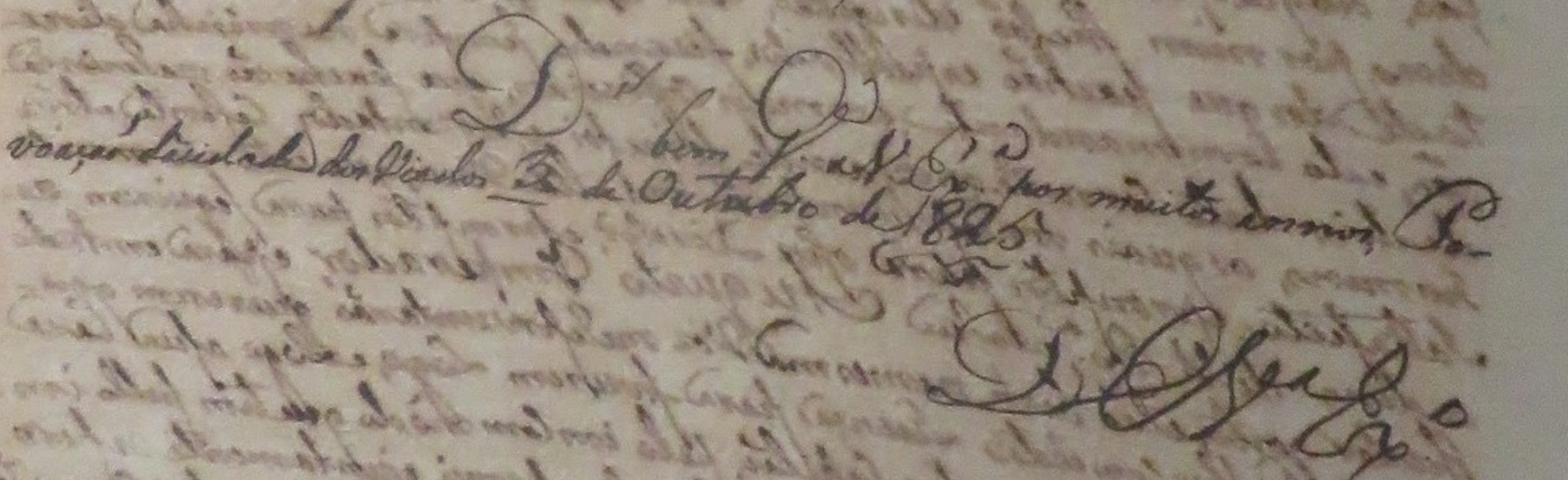


Segundo esse documento do Império datado de **1825**, uma carta escrita pelo presidente da província endereçada ao **Visconde de Barbacena**, Extremoz (território todo incluindo o **Vale do Ceará-Mirim**) tinha quase **3.000** "índios" nessa data. A questão deve ter sido levada para **Pedro I**, já que a data é posterior à rebelião dos índios de 1822.



A questão das terras se arrastava há décadas, como já citamos aqui, desde 1760, quando passaram a questionar judicialmente nossos territórios ancestrais. Por volta de **1771**, o governador de Pernambuco, o português **Luís Diogo Lobo da Silva**, que regia também a capitania do Rio Grande do Norte, respondeu uma carta ao sesmeiro que questionava nossas terras. Surpreendentemente mais que preocupado com a questão de terra, o governador parecia se importar mais com a conversão cristã em nossa região (Extremoz e na região do Vale do Ceará-Mirim). Em sua carta, dizia saber sobre supostos cultos nos matos e florestas, as **Capebas** – do Tupi "Ka'a+peba", que significa "mata achatada". Ou seja, uma ritualística que acontecia em nossas florestas possivelmente ligada a essa planta medicinal e comestível com notáveis propriedades. Além de florestas, os citados "matos" também podiam se referir aos mangues e aos alagadiços, locais que, em nossa teogonia **Tupi**, são o lar de seres encantados. Portanto, o governador parecia mais preocupado em resolver essa questão de fé do que tratar das questões referentes às posses de terra dos indígenas naquela altura.

Para garantir suas terras, os indígenas precisavam viver vidas cristãs e, mesmo espalhados em toda Vila, precisavam vir à missa aos domingos, assim como participar dos eventos religiosos em Extremoz. Entretanto, documentos citam que os indígenas iam até o local, mas que fugiam para entrar no mato e fazer as suas "orações para as árvores", algo corajoso e um ato de resistência dos filhos da antiga terra **Ibirapi** (em Tupi árvore primeira, árvore ancestral), parte de nossa mágica conexão com árvores e matas sagradas. Importante dizer que nem todos os governadores se mostravam indiferentes a essa questão de terras, na verdade a maioria dos que antecederam ou sucederam **Luís Diogo Lobo da Silva** estavam empenhados em suspender o decreto real que nos garantia o território ancestral. Imagem ao lado, "Capeba" - Joaquim José Codina – séc. XVIII.



O diretor geral dos “índios” José Álvares de Carvalho, inclusive esteve em **Rio dos Índios** em 3 de outubro de **1825**, como consta nesse documento relatando a visita à então “Cidade dos Veados”. Essa visita prova que esses eventos movimentaram todas as camadas de poder e chegou longe. De fato, um evento único no RN e raro no Brasil Colônia/Império. O documento mostrado hoje se encontra na Biblioteca Nacional do Brasil.

Em **1858** (ou 1855) a sede do município é oficialmente transferida para o povoado de **Boca da Mata**, que depois viria a se tornar **Vila de Ceará-Mirim**. Portanto, durante o final do século XVIII e começo do XIX, foram muitos os conflitos entre donos de engenhos, usineiros, especuladores financeiros e indígenas em nossa região. Entre o começo do séc. XIX e a década de **1860**, enquanto Extremoz cai estrategicamente em ruínas e Ceará-Mirim (antiga Boca da Mata) ascende como sede do município, fica consolidada a derrota e a perda de grande parte de nossas terras para os donos de engenhos. Algumas terras foram roubadas, indígenas foram expulsos ou mortos de outras e muitos as venderam, ainda, por preços irrisórios, talvez por medo. Muitos jornais da época pejorativamente falavam sobre os indígenas que vendiam suas terras para comprar bebida alcoólica. **Uma campanha de desqualificação e humilhação que segue até hoje, sempre associando indivíduos indígenas ao que é considerado o pior.**

Poucos registros dessas supostas vendas sobrevivem, talvez o caso mais conhecido tenha sido a compra da “Ilha dos Cavalos” (que viria a se tornar a *Usina Ilha Bela*) adquirida por **16\$000 Réis** pelo **Barão de Ceará-Mirim Manoel Varela** de um indígena que era proprietário do local, conhecido como **Chefe Saquete**, irmão de **Zé da Costa Felipe**, liderança indígena da **Lagoa Grande**, comunidade vizinha a nossa. Importante ressaltar também que muitos indivíduos indígenas que perderam suas terras tenham seguido como trabalhadores ou até mesmo escravizados em alguns engenhos de Ceará-Mirim no século XIX.



"Como réplica, um dos presentes contou que a Ilha Bela, também naquela época, fôra vendida por 16:000. Era uma posse de uns caboclos que moravam no alto. O chefe chamava-se Saquete e tinha um irmão, o Zé da Costa, que residia na Lagoa Grande. Quando o Barão de Ceará Mirim soube que os caboclos queriam vender a "Ilha dos Cavalos", apresentou-se como comprador. Pediram-lhe 16mil réis. Êle não regateou o preço. Comprou-a e pôs o nome de Ilha Bela. Só existia naquêle tempo a corôa onde os caboclos tinham suas casas e plantavam em volta milho e feijão. O alagadiço era mata fechada onde viviam os macacos e as serpentes. Os caboclos ao venderem a propriedade, terminaram na miséria e alguns pedindo esmolas."

Acima, trecho do livro "Oiteiro" de Madalena Antunes publicado em 1958. Imagem ao lado: detalhe de um mapa datado de 1847 mostrando a "Ilha dos Cavalos" antiga terra do **Chefe Saquete** e de seu povo. Acervo: Biblioteca Nacional do Brasil.

Resistindo além do tempo, ao lado da chaminé em ruínas da antiga Usina Ilha Bela, existe ainda hoje uma grande árvore de **Jenipapo**, que pode ter sido plantada pelo próprio **Chefe Saquete** no passado, ou por outros membros da antiga comunidade indígena que lá existia, ou que pode ter nascido a partir de uma semente ancestral que brotou.



Esse grande pé de **Jenipapo**, vivo e firme crescendo em direção aos céus do vale, é algo muito simbólico para nosso povo. Lotado de significado, sobrevive nos dias de hoje como uma metáfora que se conecta a nosso renascimento em nossa terra ancestral. Diante das ruínas da força econômica que devastou nosso povo, nós estamos ali, vivos em uma árvore, justamente nós, o povo **Ibirapi, o povo da árvore ancestral, o povo da árvore primeira.**

Os **Jenipapos** são originários da **Amazônia** e da **Mata Atlântica**, principalmente encontrados em florestas úmidas e próximas a rios, ou seja, típicos da Zona da Mata do Rio Grande do Norte. É uma árvore tão forte e adaptável à água que suporta áreas de encharcamentos, tão comuns no **Vale do Ceará-Mirim**. **Jenipapos** sempre foram especiais em nossa cultura, eram e são até hoje utilizados para diversas finalidades, desde usos medicinais, culinários, estéticos e ritualísticos, sendo também a matéria-prima para o preparo da tinta escura que pinta nossos corpos há milênios.


Foto: Cadu Araújo, que o encontrou recentemente em uma visita ao local.

Sempre que se fala no auge do período canavieiro em **Ceará-Mirim**, lembra-se da bela e majestosa igreja símbolo desse período de riqueza que segue sendo a maior do estado até hoje. Contam dos lindos casarões em estilo neoclássico francês, das carruagens com revestimentos de seda, dos saraus e bailes elegantes, dos cavalheiros e das sinhás com vestimentas deslumbrantes, dos artistas que vinham da Europa e dos filhos dos donos de engenho que se tornaram intelectuais e doutores depois de estudar em Paris, Londres etc., que Ceará-Mirim se tornou a mais bela e mais rica cidade do RN imperial, mas o que nunca é contado é o preço de tal “desenvolvimento”.

Nunca é revelado a que custo tudo isso se ergueu, quem estava no caminho nessas terras onde foram instalados muitos dos engenhos e plantações de cana? **Toda essa riqueza baseada no sangue derramado e na violação de corpos indígenas e pretos é esquecida, apagada e relativizada.** Pretos são lembrados como “simples mão-de-obra”, são descritos em muitos relatos bizarros como se parecessem que estavam “voluntariamente” ali. Já indígenas parecem que nunca existiram na região e seguem invisíveis nas palavras da maioria dos cronistas e intelectuais que escrevem sobre a nossa história, contando claro, apenas as suas **versões “açucaradas” e ambientadas em um idílico e falacioso mundo perfeito canavieiro.**

A fundação de Ceará-Mirim não foi uma “emancipação política”, foi apenas uma troca do local da sede administrativa dentro do mesmo município, tirando-a da **Vila Indígena de Extremoz**, uma organizada vila de indígenas (talvez a maior do estado), e a entregando a uma elite canavieira invasora que se instalara no Vale do Ceará-Mirim, formando a nova cidade sem a influência da câmara de índios de Extremoz.





Como bem resumiu Júlio Senna sobre a perseguição aos indígenas e os impactos ambientais no Vale do Ceará-Mirim causados pelos invasores: “*Aroeiras, gulandins, juruparanas, gameleiras, oiticicas, sucupiras*, desapareceram. A cana surge.”

“A floresta desapareceu. O fogo ao mato, combate aos bichos, guerras aos índios, foi a trilogia endiabrada que durou mais de um século! A monocultura da cana avançou.”



Nosso povo foi submetido a todo tipo de privações, violências e extermínio cultural. Os nossos mais simples e inocentes traços culturais foram demonizados, desencorajados e até mesmo punidos. A relação livre com nossos corpos, línguas nativas, cosmologia, nossas bebidas cerimoniais, rituais, grafismos (chamados por muitos de escritos ou marcas do diabo) e nossas práticas ancestrais foram criminalizadas desde o primeiro momento em que tivemos contato com os invasores, como mostra uma carta de **1741** encaminhada ao rei **Dom João V**, em nome do **Santo Ofício** (Inquisição) informando sobre a prisão dos índios feiticeiros que bebiam **Jurema** (nossa bebida cerimonial). A carta, além das prisões, pede a criação de uma junta na Paraíba para nos julgarem como hereges. Vale lembrar que, na época, o RN era uma província submetida judicialmente à Paraíba.



Longe do **Iluminismo**, que ganhava força em alguns lugares da Europa, Portugal seguia dominado pelo fundamentalismo religioso dos **tribunais da Inquisição**. Lá, as representações artísticas de divindades e de corpos greco-romanos também eram proibidas. As estátuas e pinturas mostrando corpos nus, livres relações de prazer e entidades não cristãs eram consideradas paganismo e pornografia, portanto, crimes. **Tudo que conflitasse com o mundo fundamentalista cristão ibérico era rejeitado e severamente punido nos temidos tribunais da Inquisição**. Portanto, nosso povo estava a enfrentar essa terrível força em nossas terras. Tente imaginar a violência que estava determinada a apagar nossos traços culturais. O simples ato de beber **Jurema** poderia te levar à prisão e ao julgamento da Inquisição.

Imagens: Foto e gravura mostrando Indígenas escravizados em diferentes momentos da história do Brasil.



“A devastação foi completa. Do mesmo modo, a expulsão dos índios. A modificação do microclima também. Até a terra perdeu o dono verdadeiro e secular. Os animais migraram para o sertão vizinho. Dono mesmo, legal, aquele que recebeu de graça o papel da sesmaria, só o invasor estrangeiro...”

“A conquista de espaço para cultura da cana, pelas “sesmarias” arbitrárias, transformou o índio, dono legal da terra, em pária. Escorraçado, esbulhado, “fora da lei”, sem “papel” ou “escritura”, ainda assim, manteve-se nas terras altas do **Quirí**, da **Jacoca**, das **Antas**. O português ficou “dono da terra”. O holandês que ficou escondido na Ponta-do-Mato e o africano foragido de Primeira-Lagoa, ficaram à margem, sem terra, sem “papel” também. Núcleos raciais separados, sem reforços dignos de nota, foram rudemente vencidos pelas condições ambientais. Só o aborígine ficou e venceu. E aí está a sua morfologia, o seu “tipo”, a sua raça!”

“E, de resto, a monocultura da cana, foi um mal para o município. Mal que ainda não teve cura e nem tão cedo terá. Aí está a história do português no vale do **Ceará-Mirim**”

“Para os cronistas do tempo, matar assim, não era barbaridade... Bárbara, estúpida, cruel, só a matança de Uruassú! Matar *gente do mato*, não. Até valia uma condecoração!”

Trechos do livro de Júlio Senna “Ceará-Mirim Exemplo Nacional” vol. II. 1974.

O relatório do Presidente da Província do Rio Grande do Norte, datado de 7 de setembro de **1839**, cita “cerca de 700 índios “vilados” na **Cidade dos Veados**, que viviam da agricultura, pesca e de trabalhar por dia de serviço.

Em 25 de abril de **1840**, o Jornal “O Publicador Natalense” publicou um editorial lotado de racismo, ofensas e celebrando o fato dos indígenas na província do Rio Grande do Norte estarem restritos a poucas cidades: “O número **deste indolentes habitantes do Brasil** vai progressivamente diminuindo nesta Província, e hoje apenas existem nos **Municípios de Extremoz, São José, Vila Flor, e Goianinha**. Das informações dos respectivos Juizes de Órfãos, exigidas pela Portaria circular de 2 de maio último; consta que **em Extremoz o número dos índios chegará a 700; possuem uma légua de terras no lugar denominado – Cidade dos Veados; entregam-se pouco a agricultura, posto que o terreno seja muito fértil; vivem da pesca, e de trabalhar a jornal**”. Vale ressaltar que nessa época Extremoz e Ceará-Mirim eram o mesmo município.

Em **1847** um mapa do **Rio Ceará-Mirim**, hoje em posse da Biblioteca Nacional e redescoberto recentemente, cita várias comunidades sabidamente indígenas e chega a apontar “Veados”, hoje **Rio dos índios**, como “terra outrora povoada somente pelos índios”.

Já que desde sempre nosso povo, os **Potiguaras**, viviam na localidade e, depois do convento jesuíta, outros indígenas de outras nações, se somaram vivendo ou trabalhando na região próxima.

Em 5 de agosto de **1849** o Jornal Conservador natalense “O Sulista” publicou contra os filiados do Partido Liberal que estavam a eleger pessoas consideradas menos nobres: “*Em EXTREMOZ votam em homens que VIVEM DE APANHAR CARANGUEJOS*”. Possivelmente a publicação se referisse a indígenas, uma vez que nós os **Potiguaras** tínhamos na caça aos caranguejos uma prática ancestral nossa. Júlio Senna registrou que: “*O Jornal era símbolo da aristocracia que mais tarde se espalhou na Casa Grande do Vale do Ceará-Mirim. O assunto diz bem de uma época que feneceu de leucemia aguada.*”

O jornal conservador natalense “O Sulista” volta a falar, em **1849**, sobre as disputas entre brancos e indígenas no vale, mais uma vez desmerecendo os indígenas chamando-os de “*catadores de caranguejos*” e, ainda, reproduzindo o pior do pensamento aristocrático que chegou para governar nossa região com a expulsão dos jesuítas. A palavra usada por eles para se referirem aos indígenas era: “*desprezíveis*”. Em **1854**, o jornal “O Argos Natalense” desqualificava indivíduos mestiços, como o ocorrido naquele ano com o Dr. Loló, reconhecidamente indígena da região.

Em **1877**, *Ferreira Nobre*, primeiro historiador a escrever um livro sobre a história do RN, volta a registrar a presença de 700 indígenas em nossa comunidade. Sua fonte pode ter sido o relatório provincial (de 1839), ou seja, o número era velho e deveria naquela altura abrigar um número muito maior de indígenas em **Rio dos Índios** e em todo **vale do Ceará-Mirim**. O historiador *Câmara Cascudo* nos dá a informação, através de alguns dados, que no século XIX havia 5.919 indígenas aldeados no RN, inclusive cita que havia só em Natal 169 “índios domésticos” (possivelmente escravizados). Informação complementada pela documentação paroquial que registrava no século XIX que a maioria desses indígenas estavam em Igapó, no **Vale do Ceará-Mirim** e em Extremoz, portanto, não tinha como em pouco mais de um século, sem registro de epidemias nesse período ou massacre generalizado, termos desaparecido por completo como muitos chegaram equivocadamente a defender. Sobretudo depois das leis de terras, onde muitos dos nossos tiveram direito ao reconhecimento de suas propriedades, mesmo que a maioria tenha sido questionada, como já contamos aqui.

A partir do último censo do império de **1872**, os “índios” e descendentes são “invisibilizados”. Passamos a ser contabilizados com os **pardos, negros e caboclos**. **No final do século XIX e começo do XX**, motivados pelas perdas de suas terras e miséria, muitos indígenas deixaram o Vale do Ceará-Mirim e foram levados para trabalhar no ciclo da borracha na **Amazônia**, um desses indivíduos era meu trisavô **Antônio Felipe**, também de origem indígena **Potiguara** da região. Essa ida em massa de muitos a região Norte do Brasil, fez com que muitos dos nossos voltassem ao seu seio ancestral longínquo, tendo em vista que as populações Tupis que habitavam e habitam a costa oriental do RN são de procedência Amazônica. Outros migraram depois da década de **1930** para grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro em busca de trabalho, caso do meu bisavô **Felipe**. Os registros familiares de várias de nossas famílias contam que a maioria foi trabalhar na construção civil e no comércio. Muitos deles, levando esporadicamente, carne e couro de animais vistos como exóticos tais como: **jacaré, preás, camarões e peixes secos** para serem vendidos nas cidades que estavam a se aventurar no Sudeste do país.

Em **1938**, na lista de olarias que ainda existiam no Vale, algumas pertencentes a indígenas, são citadas algumas como a do meu tio bisavô **João Felipe** (filho do meu trisavô **Antônio Felipe**, que citei há pouco), apontado por Júlio Senna como sendo o proprietário da única olaria existente em **Lagoa Grande** naquele ano. Uma prática ancestral que segue em minha família até hoje através de meu trabalho como artista de cerâmica, ofício que me foi ensinado pela minha bisavó **Nazaré Felipe**, irmã do citado **João Felipe**.

Do final do séc. XIX para meados de **1950** nossa localidade deixa de ser conhecida como “Veados” e passa a ser conhecida como **Rio dos Índios**, nome dado pelo fato de lá sabidamente ser um local de forte (e assumida!) presença indígena em Ceará-Mirim. O agricultor Ubaldo Bezerra inclusive registra supostamente uma comunidade como “Rio dos Índios” na década de 1930.

Nossas histórias herdadas através da oralidade e experiências migratórias dos mais velhos mostram que era grande o fluxo entre nossos parentes do **Território Mendonça**, em **João Câmara** (que pertencia a Ceará-Mirim há cerca de um século), entre **Touros, Taipu, Poço Branco, Rio do fogo, Pureza, Maxaranguape** e toda a região do litoral norte oriental do Rio Grande do Norte, o que corresponde à região do **Mato Grande**, descrita como **Ibirapi** em registros mais antigos. Por exemplo, temos familiares e sobrenomes que se repetem até hoje com frequência, como no caso de nossos parentes ao longo do **Vale do Ceará-Mirim** e no **Território Mendonça**, comunidade indígena reconhecida pela FUNAI mais próxima de nós. Os indígenas desse território, nossos parentes familiares diretos e outros **Potiguaras**, migravam temporariamente, até meados da década de **1950**, buscando melhores condições de vida durante os longos períodos de seca em João Câmara.

O fluxo oposto, de pessoas do **Vale do Ceará-Mirim** em direção a **João Câmara**, deve ter ocorrido também em momentos históricos distintos, como durante a retomada portuguesa, pós-expulsão dos holandeses, onde existem registros de que milhares de **Potiguaras** (e possivelmente outros Tupis) abandonaram a costa, nossa terra ancestral, em direção ao interior do estado, para fugir das retaliações portuguesas que puniam indígenas que tivessem apoiado os holandeses, que, conforme conta a história, não foram poucos.

LOCALIDADES E DIVISÕES ÉTNICAS

O conhecido escritor cearamirinense **Júlio Senna** conheceu muitas pessoas do século XIX e, analisada uma infinidade de documentos, escreveu dois volumes muito preciosos sobre nossa história. Ele afirma que **Felipe Camarão** teria nascido em **Araçá**, entre **Ceará-Mirim** e **Extremoz** (na época o mesmo local). Além do conhecido **Guajiru**, o escritor cita ainda povoados (aldeias) que formaram “pontos de etnias”. Segundo ele, **Pedregulho** e **Nascença** perto de **Capela** haviam se tornado comunidades **Janduíis**. O restante do Vale aparentemente permanecia **Tupi/Potiguara**, além de **Araçá**, e seguiram sendo ocupações do nosso povo: **Porto Mirim** (Antiga *Conopotumirim* do chefe *Jacauna*), **Itapaçaroça**, **Jacoca**, **Lagoa Grande**, **Ilha Bela** e **Quiri**, com limite na **Cidade dos Veados** (Atual **Rio dos Índios**). Todas essas informações apontadas pelo escritor batem com a oralidade contada pelos mais velhos ainda hoje e com os **costumes ainda vivos em nosso cotidiano típico das culturas de origem Tupi**. A localidade de **Ponta do Mato** também é citada, mas não como indígena, ela é apontada como assentamento **holandês** e hoje seguem lá muitos dos seus descendentes.

Imagem: Rio do Mudo na Jacoca. Foto: Cadu Araújo



SOBRENOMES DADOS A ALGUNS POTIGUARAS / TUPIS E DIVISÕES POLÍTICAS NO CONTEXTO COLONIAL

Um registro importante também nesse livro de **Júlio Senna** é referente aos sobrenomes. Ele cita que os **Soares**, os **Felipes**, os **Fernandes** e os **Vieiras** formaram grupos separados dos lusitanos. Possivelmente pelo fato dessas famílias terem apoiado os holandeses, como aconteceu com a maioria dos **Potiguaras** e demais etnias no RN na época do **Brasil Holandês** em **1633**.

Existem muitos indivíduos indígenas no vale e em **João Câmara** com esses sobrenomes, sobretudo **Felipe**, um indicativo dessa numerosa família que deixou muitos descendentes em nossa região. Os sobrenomes: **Pinheiro**, **Nascimento**, **Pacheco**, **Araújo**, **Poti**, **Lima**, **Oliveira**, **Santos** e **Costa** (muito dado a Tupis que viviam no litoral) são também sobrenomes extremamente comuns entre indivíduos **Potiguaras** na região do Mato Grande.

“Índigena Tupi” gravura de Jost Amman 1577



1870

Mapa inglês mostrando em destaque o “R. Ceara-Mirim”, as praias do atual município de Ceará-Mirim (“Jacamam” e “Murihu”) e do litoral oriental do Rio Grande do Norte (“Maracajahu”, Pititinga, Touros entre outros). Siga as setas amarelas no mapa para localizar.

Mapa feito por Richard Holmes Laurie / Londres 1870.
Acervo: Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc./USA.





OUTRAS ETNIAS NO VALE

Como já citamos nesse estudo, a região do Vale do Ceará-Mirim recebeu também outros povos ditos como “Tapuias” a partir de determinado momento da colonização. Por isso, apesar de estarmos aqui organizados como uma comunidade **Potiguara Ibirapi/Tupi de Rio dos Índios**, não será surpresa se em breve outras etnias se organizarem na região, visto que seu povo e descendentes também seguem vivos.

Porém, por uma questão de lugar de fala e pertencimento, nós do **Coletivo Indígenas do Vale**, não nos envolveremos na organização de comunidades e etnias das quais não fazemos parte e que não constam em nossas histórias familiares e cultura.

Ao lado pintura “A Dança dos Tapuias” de Albert Eckhout / Acervo Galeria Nacional da Dinamarca.



Em 1998, uma grande enchente causou deslizamentos e destruiu **Rio dos Índios de Baixo**, parte de nossa comunidade que ficava muito próximo da também indígena Lagoa Grande. Hoje nosso povo vive na parte que restou de nossa comunidade, conhecida como **Rio dos Índios de Cima**. Muitos dos nossos vivem em meio a enorme desigualdade e vulnerabilidade social, muitos com grande dificuldade no acesso a alimentos e a políticas públicas ligadas a educação, segurança e saúde. Há também em Rio dos Índios indivíduos não indígenas, que não participam dessa organização.

A low-angle shot of a lush tropical forest. The image is dominated by thick, gnarled tree trunks and a dense canopy of vibrant green leaves. Sunlight filters through the foliage, creating a dappled light effect. A dark, semi-transparent banner is overlaid at the bottom, containing the text 'SOMOS O POVO DA FLORESTA!' in white, bold, sans-serif capital letters.

SOMOS O POVO DA FLORESTA!



IMPACTOS AMBIENTAIS, FAUNA, FLORA E NOSSA MATA ATLÂNTICA SAGRADA!

A Ceará-Mirim de hoje é muito diferente da que existia a época da invasão, nossa região era o lar de densas florestas tropicais (área ultrapassava o Cabo de São Roque), lotadas de biodiversidade, que cobriam a maior parte do município, juntamente com os tabuleiros costeiros, os mangues (sagrados para nós e lar de encantados) e a **Mata Atlântica** de restinga que ainda pode ser vista hoje na região de dunas próxima ao litoral. Parte desse passado verde pode ser visto ainda nas minúsculas reservas de Mata Atlântica que restam no município como o **Parque Boca da Mata** e os bolsões no vale como os que existem próximos a **Rio dos Índios de baixo**. Essas florestas eram o lar de rica flora e de muitos animais que foram extintos durante esse violento processo de ocupação e exploração voraz de nossas terras. *Onças pardas e pintadas, antas, emas* e muitas aves hoje extintas viviam em nossa sagrada terra ancestral antes das foices irromperem dilacerando nosso paraíso, transformando-o em fazendas de cana-de-açúcar. Ou seja, espécies que talvez sigam desconhecidas para sempre, ceifadas por séculos de monocultura e exploração.

A photograph of a dense forest with a stream in the foreground. The water is calm and reflects the surrounding trees and foliage. The trees have various shades of green leaves, and the ground is covered with fallen leaves and branches. The overall atmosphere is serene and natural.

PARQUE BOCA DA MATA





MATA SAGRADA DE RIO DOS ÍNDIOS

















Entre as muitas espécies de plantas raras que ainda sobrevivem nos poucos bolsões de Mata Atlântica no Vale do Ceará-Mirim está a orquídea **Cattleya Granulosa**, flor-símbolo do estado do Rio Grande do Norte.

Foto: Tiego Costa





O pássaro que ilustra a bandeira de **Ceará-Mirim** é descrito por alguns como sendo um “araraú”, infelizmente também extinto. **Ararau** era possivelmente o nome dado a uma espécie de *arara-azul*, *arara-canindé* ou *arara-vermelha* que pode ter sido abundante no vale no passado e que foi vítima do intenso processo de desmatamento e tráfico de animais amplamente promovido pelos invasores colonizadores. Ou seja, o pássaro que aparece pintado na bandeira do município hoje mais parece um pato vermelho e azul, distante do que seria a representação real de uma arara. Com isso, o município além de ter apagado completamente a presença indígena de sua principal representação (a bandeira), ainda usa um animal que mais parece saído da ficção. Não por acaso, poucos sabem que indígenas seguem existindo em **Ceará-Mirim**. Fato que não surpreende, pois o apagamento do nosso povo tem sido uma das principais marcas do estado brasileiro.

No Livro “Nomes da Terra” de Câmara Cascudo, página 69, Ed. 1968, ele diz:

“ARARAÚ: Ilha no Ceará-Mirim. Lugar em Santa Cruz. Des. Luís Fernandes crê ter sido o nome de uma das vertentes do baixo Ceará-Mirim. De arara-u, onde as araras comem, comedouro das araras, ou de arara-u por ubi, arara azul. É a Psittacus hyacinthinus, linda arara azul com o ventre amarelo, outrora abundante no Ceará-Mirim e extinta pelos caçadores insaciáveis.”

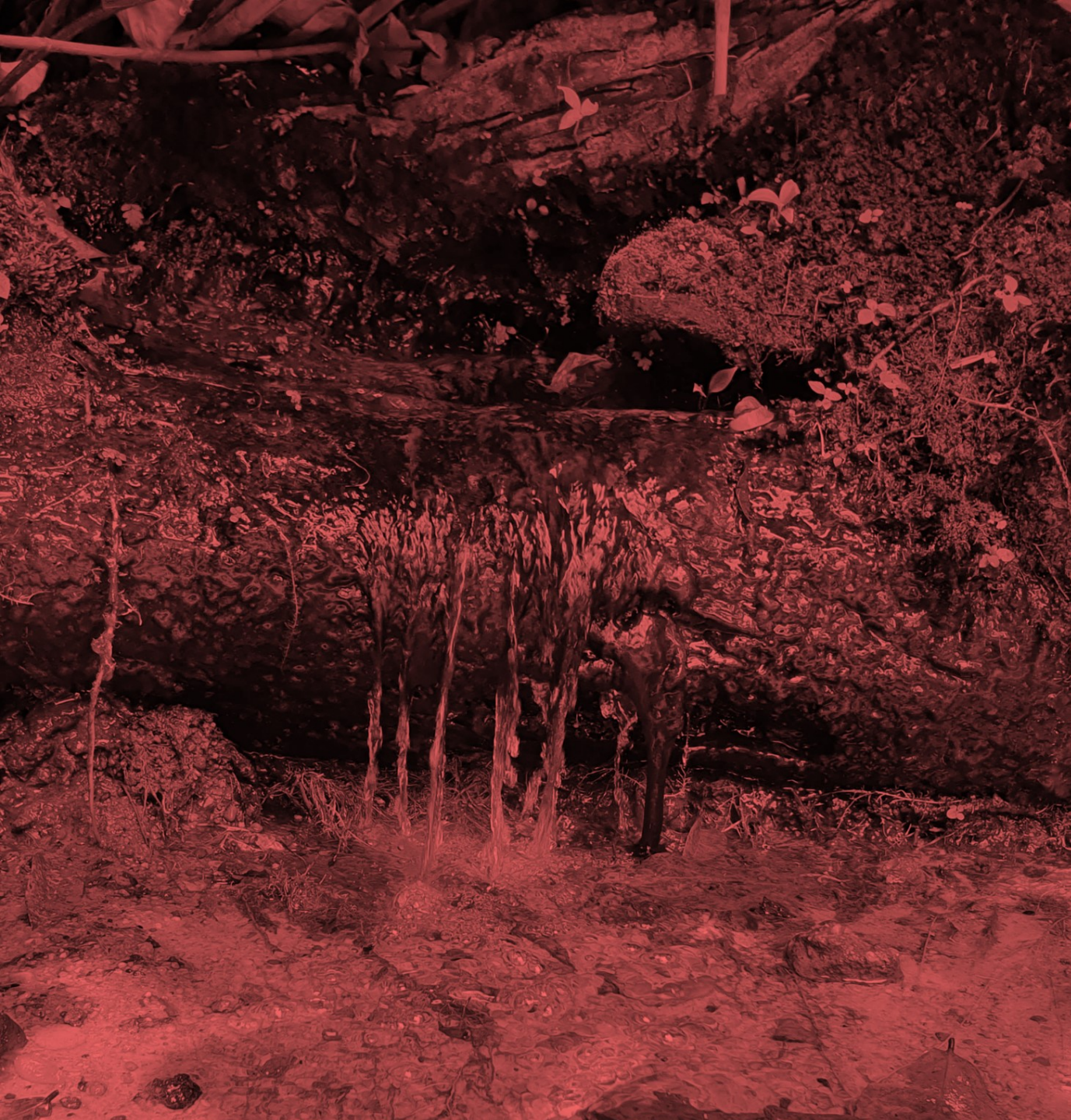


Animais como tamanduás, veados, cutias, jacus, jaguatiricas, gatos-do-mato, jiboias e jacarés ainda podem ser vistos, embora o declínio de suas populações também seja perceptível e preocupante.

Hoje seguem sendo vítimas do tráfico de animais silvestres muitas espécies, como aves, mamíferos e répteis, como o ameaçado jacaré de papo amarelo. Essas áreas de **Mata Atlântica** preservada, parte de nossas antigas florestas sagradas, seguem em grande risco! Atualmente, as maiores ameaças são o agronegócio inconsequente que segue realizando queimadas na região, sobretudo ligado ao cultivo de cana-de-açúcar, invasões de terras protegidas, a especulação imobiliária que vê essas reservas como “desperdício de espaço”, além dos incêndios criminosos, como o de grandes proporções que aconteceu em 29 de novembro de 2020, **destruindo mais de 1.420.000m²**, ou seja, **142 campos de futebol** aproximadamente em um único dia (fonte IDEMA/RN).

Cinco séculos de ocupação e exploração do litoral oriental do Brasil resumiram a **Mata Atlântica a 6% do total que existia em 1500.**

O Pau-Brasil, antes abundante, quase não é mais encontrado em nossa região.



Nosso sagrado **Rio Ceará-Mirim**, assim como outros do vale, também sofrem com o assoreamento e impactos ambientais diversos que têm causado problemas para os agricultores da comunidade de **Rio dos Índios** durante o período de chuvas, onde muitos dos nossos perdem toda a sua lavoura nas cheias.

Os muitos veados que existiam na região são a possível origem do nome “Cidade dos Veados”, hoje, comunidade de **Rio dos Índios**. Uma prova da grande biodiversidade de animais que outrora ocuparam nossa região.



TAMBÉM SOMOS O POVO DO MAR



DAS DUNAS E DOS TABULEIROS COSTEIROS



**COMUNIDADE INDÍGENA DE
RIO DOS ÍNDIOS E NOSSO POVO
EM CEARÁ-MIRIM HOJE**

ETNOGÊNESE

Etnogênese refere-se à reafirmação identitária de grupos étnicos que diante de circunstâncias históricas foram impedidos de assumir sua identidade e que “por razões também históricas conseguem reassumi-la e reafirmá-la, recuperando aspectos relevantes de sua cultura”
(LUCIANO BANIWA, 2006, p.4).

É através da oralidade que temos preservados nossos hábitos alimentares, estilo de vida, danças, lendas, artes e cosmologia. A **agricultura familiar indígena** é uma das principais fontes de renda e sobrevivência em nossa comunidade e seguem vivos com nossos **catadores coletores** de **mel**, de **mangaba**, de **caju** (fruto e castanha), de **batiputá** (usado para fazer o sagrado e ancestral “Óleo de Bati”), o cultivo da **mandioca** (também usada para fabricação de farinha, tapioca, carimã, grude, beiju, bolos e mingaus etc.), de diferentes espécies de **batatas**, **milho** e seus derivados (cuscuz, canjica, pamonha, pipoca, bolos e mingaus) e o **coco**, que assim que foi introduzido pelo colonizador, logo foi assimilado e inserido em nossa culinária, sobretudo em doces e em nossos pratos ligados a frutos do mar, por isso segue hoje presente na preparação de muitos de nossos pratos. Seguem vivos também os conhecidos pescadores e seus hábitos de **secagem de peixe**, **crustáceos** e **preparos de pescados assados e cozidos**. Os bons canoeiros, ceramistas, artesãos de cestaria (bambu e cipós) curandeiros, juremeiros, pajés e seus feitiços, a tradição sagrada do **Rapé** e a sabedoria das ervas. Entretanto a maioria de nossos indígenas hoje são cristãos. A musicalidade também segue viva em nossa região através de bandas e músicos indígenas na cidade de Ceará-Mirim.



COMO ERA UM POTIGUARA NO PASSADO?

Potiguaras eram um povo muito ligado às florestas e ao oceano. Falantes do **Tupi Antigo**, nossa cosmologia era complexa (segue sendo para muitos de nós) e se aproxima muito do universo de histórias e tradições de outras **culturas Tupi**. Conhecidos como bravos e organizados guerreiros, éramos também bons pescadores, chegando a cultivarmos peixes, mariscos e crustáceos. Muito habilidosos com as mãos, fomos excelentes artistas e artesãos, reconhecidos ceramistas, com obras produzidas com ricas e sofisticadas pinturas para as mais diversas finalidades. Temos também histórico de termos sido bons marceneiros, e por isso, fazíamos canoas de grande porte, como as que foram achadas na Lagoa de Extremoz em 2013.

Com expertise também na agricultura, cultivávamos muitos alimentos, a exemplo do milho, da mandioca, do feijão, das batatas e éramos também catadores coletores, sobretudo de frutas, sementes e grãos da Mata Atlântica (tanto das florestas, quanto das dunas e dos tabuleiros costeiros). Praticantes de diversas artes mágicas, bebíamos jurema e cauim, dançávamos danças circulares, como o Toré (que também segue vivo), e dedicamo-nos especialmente ao mundo dos sonhos, ao xamanismo e ao animismo. Fisicamente éramos muito semelhantes aos povos de origem siberiana/asiática, sobretudo àqueles pertencentes aos **haplogrupos C e D**, que se desenvolveram nessa região longínqua entre 24 e 60 mil anos aproximadamente e que estão associados aos povos de origem Tupi no norte do Nordeste depois de migrarem do leste da Amazônia para nossa região. Quase tudo que foi descrito como características do passado segue vivo ainda hoje, assim como o hábito de andar descalço, deitar em redes, tomar diversos banhos diários e descansar de cócoras.

“Como informa Medeiros (1985), exibiam um porte mediano, acima de 1,65m, de físico bem feito, alegres e dançadores, eram os mais inteligentes. Pescavam, navegavam, cultivavam a mandioca, o milho e outros. Olhos pequenos e amendoados como os da raça mongólica, escuros e encovados, de orelhas grandes e cabelos lisos, arrancavam os pelos da barba até as pestanas das sobrancelhas. Furavam os beijos, principalmente o inferior, assim como orelha e o nariz. Alguns andavam nus, mas cobriam-se com peles de animais, dependendo da época do ano. (SUASSUNA; MARIZ, 2005, p. 53).”





QUAL É O NOSSO ROSTO HOJE?

Depois de 500 anos de intenso contato com o colonizador, onde muitas relações consentidas ou não foram frequentes, seria impossível imaginar que indivíduos sem mistura racial fossem o padrão em nossa comunidade. A história da humanidade nos prova que sempre que sociedades e civilizações se encontraram, a troca e outros processos bem menos agradáveis e benéficos para os “dominados” foram frequentes. Por isso, é um erro de muitos esperarem que nosso povo, que foi linha de frente durante o processo de colonização, tivesse a mesma aparência e o estilo de vida de outros indígenas mais isolados, como por exemplos alguns da Amazônia e região centro-oeste do Brasil. Importante ressaltar que existem mais de 300 povos indígenas no Brasil, diversos geneticamente, com rostos, cabelos e tonalidades de pele distintos, vivendo em condições e contextos diferentes em cada região, entretanto sem perderem sua origem e etnicidade indígena.

Imagem ao lado: Vera Lucia Liderança Comunitária de Rio dos Índios



É importante compreender que a mestiçagem não apaga a etnicidade de um indivíduo. Mesmo mesclados a outros povos, um indivíduo pode seguir com seus saberes ancestrais, cultura e sua ancestralidade vivos, por isso mesmo os **afroameríndios** (mistura de pretos e indígenas), os **caboclos** (brancos e indígenas) e os **mestiços** (soma de muitas etnicidades e povos brancos, indígenas e pretos) podem se reconhecer indígenas. Por isso é um erro e uma posição etnocida com nossos povos generalizar todos os classificados como “pardos” exclusivamente como afrodescendentes, pois isso não é verdade. Dependendo da região do Brasil, como é o caso da nossa, a maioria dos ditos “pardos” são descendentes de indígenas que tiveram sua etnicidade apagada.

Imagem ao lado: Nayara Pacheco e sua filha Nathally Sofia, ambas indígenas da comunidade de Rio dos Índios.



O mapeamento do DNA humano e os recentes testes de ancestralidade genética que se popularizaram nos últimos anos têm sido um importante mecanismo de reencontro com nosso passado. Exames genéticos feitos recentemente por alguns indivíduos de Ceará-Mirim e membros da comunidade apontam a forte presença dos **haplogrupos C e D, associados a Tupis na região norte do Nordeste do Brasil**. Outros ainda apontam a presença de marcadores genéticos ligados a indígenas amazônicos de origem também Tupi, o que comprova, que a região mesmo tendo sido povoada por outras etnias, alguns grupos indígenas seguiram mantendo suas características genéticas por muito tempo. Um detalhe importante em nossas comunidades até hoje é o grande número de primos e parentes próximos que se casam entre si, preservando ainda mais esses genes que permitem identificar a ancestralidade de nosso povo.

Claro que ninguém melhor do que o próprio povo para se reconhecer dentro de suas origens. E, dessa forma, não é raro encontrar indivíduos no Vale do Ceará-Mirim que atestam e assumem com orgulho sua ancestralidade. E esse número não para de crescer incentivado pelas muitas ações educativas que realizamos promovendo uma melhor compreensão dos indivíduos enquanto indígenas.

Imagem ao lado: Adriana de Melo indígena da comunidade de Rio dos Índios.

ESTÁ EM NOSSO DNA!

Segundo o estudo genético **mtDNA structure: the women who formed the Brazilian Northeast** (Estrutura do mtDNA: as mulheres que formaram o Nordeste brasileiro), feito por pesquisadores de diversas universidades (UFPA, UFRN, UFC e UFPI) e publicado na revista *BMC Evolutionary Biology* (Schaan et al., 2017), 45,7% das mulheres ancestrais das pessoas do Rio Grande do Norte descendem de DNA ameríndio (35,1% afrodescendentes e 15,6% eurodescendentes). Esses números dizem respeito apenas à linhagem mitocondrial (componente genético que herdamos pelo lado materno) no DNA dos indivíduos analisados. Já em outros estudos genéticos, quando investigada a história populacional a partir do cromossomo Y (que vem do lado paterno) a frequência absoluta é de homens europeus, uma marca das relações inter-raciais características da colonização no Nordeste brasileiro (Schaan et al., 2020).

Por isso além da oralidade e da cultura preservada de nosso povo, a genética tem ajudado a desconstruir retóricas etnocidas, mantidas por diferentes grupos, mostrando que os indígenas, que nosso povo, também foi fundamental na construção étnica e genética da população do Rio Grande do Norte.

mtDNA Haplogroup distribution in Northeastern Brazil

Heterogeneous distribution of mitochondrial ancestry in Northeastern Brazil

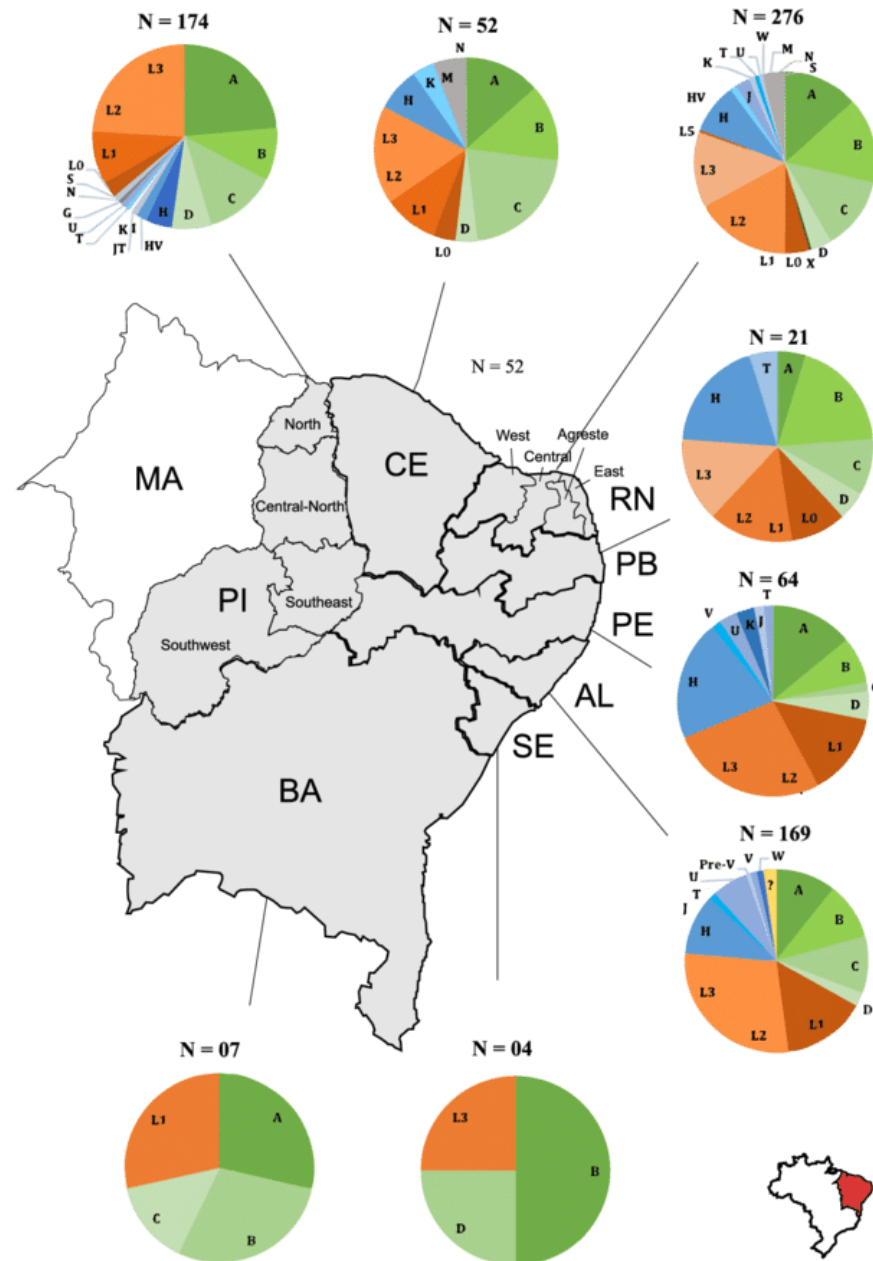
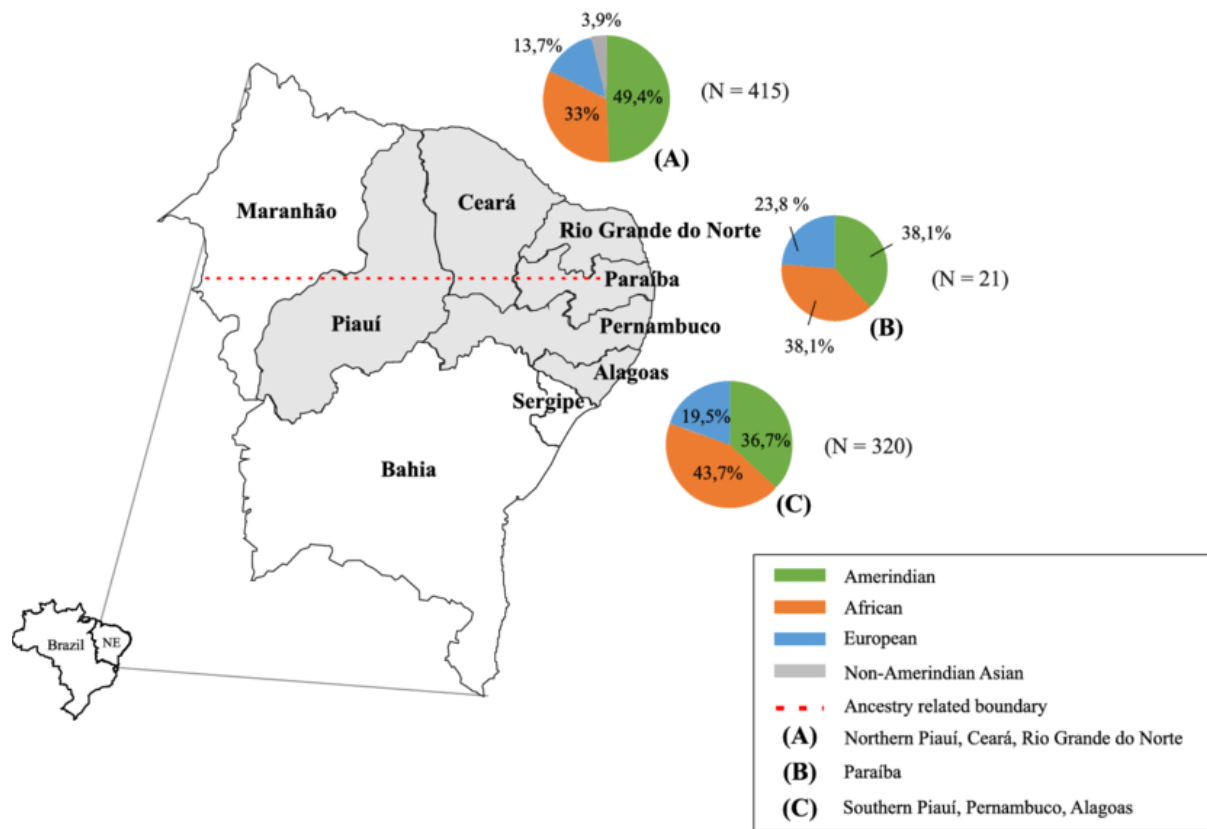


Imagem: mtDNA structure: the women who formed the Brazilian Northeast

Table 2 Ancestral group frequencies among investigated states. AMR – Amerindian, AFR – African, EUR – European, ASI – Non-Amerindian Asian

Populations		Number	Frequency (%)			
			AMR (N)	AFR (N)	EUR (N)	ASI (N)
Rio Grande do Norte	East	193	45.6 (88)	35.8 (69)	15.5 (30)	3.1 (06)
	Agreste	26	50 (13)	34.6 (09)	11.5 (03)	3.8 (01)
	Central	29	44.8 (13)	20.7 (06)	24.1 (07)	10.3 (03)
	West	28	42.9 (12)	46.4 (13)	10.7 (03)	-
Total		276	45.7 (126)	35.1 (97)	15.6 (43)	3.6 (10)

Table 3 mtDNA haplogroup frequencies per investigated state

Haplogroups	Frequency per Population (%)
	Rio Grande do Norte (N = 276)
A	13.4
B	15.2
C	13.0
D	3.6
X	0.4

← Porcentagens dos diferentes haplogrupos presentes no Rio Grande do Norte. As populações de origem Tupi em nossa região geralmente estão associadas aos haplogrupos "C" e "D".

PROGRESSISMO, COLETIVISMO E HUMANISMO!

Destoando de muitas outras comunidades, nosso povo é marcado pelo progressismo. É comum a liderança e o **protagonismo de mulheres** (como nosso conselho formado por 30 mulheres, em Rio dos Índios) a aceitação de pessoas **LGBTQI+**, a ampla defesa dos **Direitos Humanos** e o incentivo a políticas que visam o bem-estar social da **coletividade**. Não por acaso, muitas lideranças e pessoas que participam da organização de comunidades em nossa região como em **Rio dos Índios** e no **Território Mendonça em João Câmara**, são mulheres, homossexuais ou homens heterossexuais progressistas que valorizam a diversidade. Ou seja, um povo extremamente diverso, humanista e aberto ao novo.

Nosso povo nunca deixou de existir, é grande a presença indígena no Vale do Ceará-Mirim, muitas são as demandas e a vulnerabilidade social de nosso povo. E hoje a **FUNAI** reconhece **Rio dos Índios** como a primeira comunidade a reivindicar sua demarcação e presença no Vale do Ceará-Mirim.

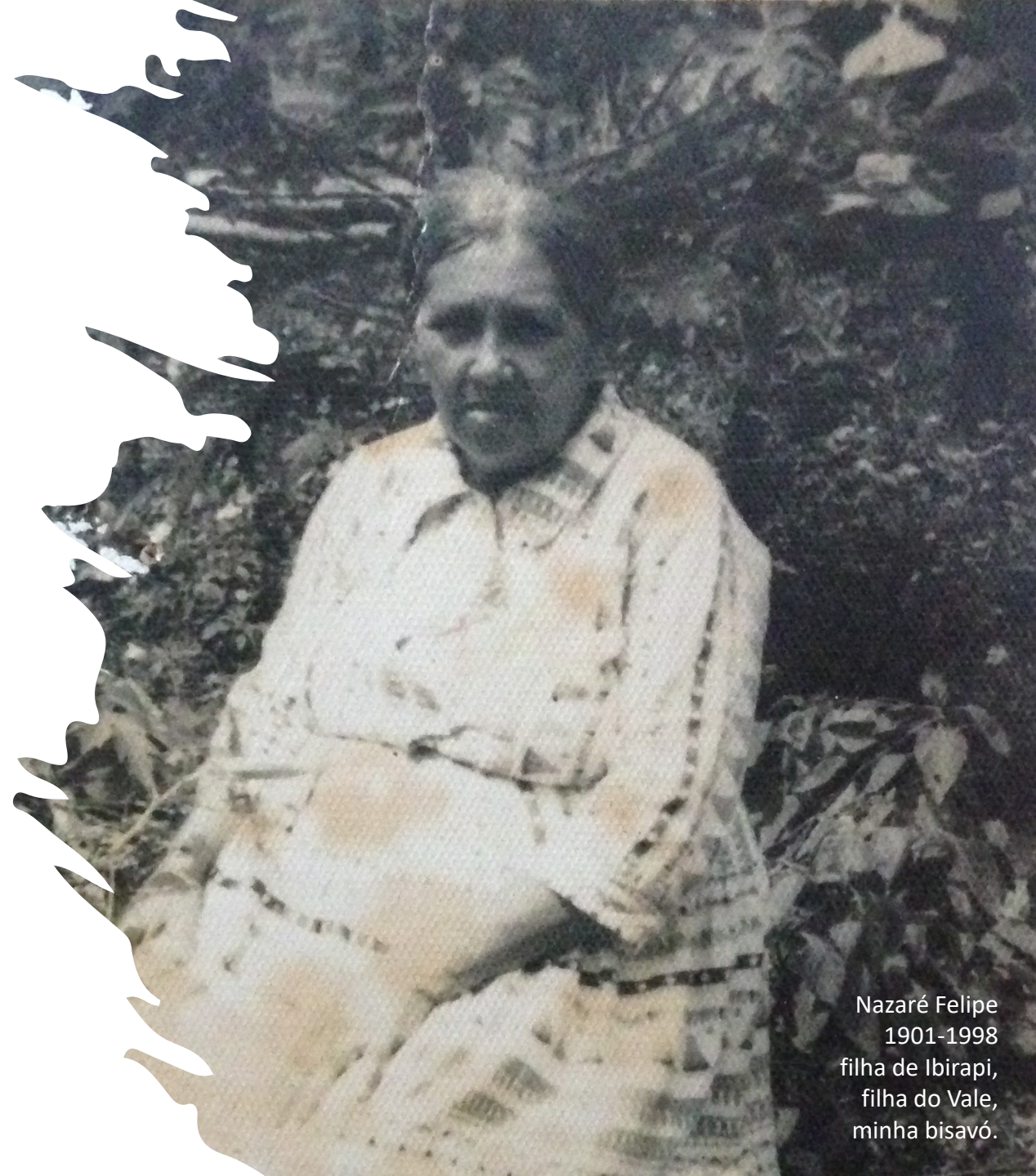


Da esquerda para a direita: Lizandra Nascimento Lideraça Executiva e integrantes da comunidade de Rio dos Índios.





**PORQUE SEUS
AVÓS NÃO SE
DIZIAM
INDÍGENAS?**



Nazaré Felipe
1901-1998
filha de Ibirapi,
filha do Vale,
minha bisavó.

Ser indígena é pertencer a um povo, é ter a noção, a compreensão sobre sua ancestralidade, é ter pertencimento a algo maior do que ele enquanto indivíduo, é fazer parte de uma coletividade, algo tão raro na desigual e individualista sociedade em que o Brasil colonial edificou. Diante de 500 anos de perseguições, roubos, mortes, privações, demonizações e desqualificações do ser indígena, **manter seu reconhecimento e se assumir como tal pode não ter sido uma tarefa fácil para muitos dos nossos ancestrais mais recentes**. Por isso não é estranho observarmos que alguns de nossos avós e parentes tenham parado de assim se classificar, mesmo enquanto preservavam tantos dos costumes que nos definem. Muitos dos nossos ancestrais foram agrupados no enorme mar da dubiedade e desinformação que resume os termos **pardos, mestiços, morenos, entre outros**. Nem sempre deixando que indivíduos soubessem sobre sua ancestralidade indígena. Não se dizer indígena também foi em muitos momentos uma questão de sobrevivência.

No século XIX, o termo **caboclo** era usado para descrever indígenas que já não viviam dentro do padrão de “exotismo” e “isolamento” defendido pelo estado brasileiro equivocadamente para “reconhecer” indivíduos como indígenas. Durante o período republicano que se iniciou em **1889**, o termo “indígena” desaparece dos censos, só retornando em **1991**. Essa retirada do termo tinha o objetivo de apagar qualquer traço de etnicidade e pertencimento dos indivíduos. Os “critérios de indianidade” que classificavam quem era ou não indígena e que perduraram até o final dos anos de **1970**, por exemplo, beiravam a eugenia. A não compreensão histórica e antropológica sobre o que era um indígena foi também um dos principais dificultadores do governo brasileiro para não garantir direitos a indivíduos que não eram mais vistos pelo estado como parte de um povo originário.

O pensamento colonial foi terrível para as identidades indígenas, para a organização e resistência organizada politicamente dos nossos povos. Pregava-se que uma simples conversão ou casamento poderia ser uma ponte para “ascender socialmente”, fazendo em alguns casos o indivíduo “deixar de ser indígena”, deixando, assim, para trás o suposto passado considerado “selvagem” e “pagão”, uma espécie de “abandono” da matriz indígena nos termos ditados e impostos pela sociedade colonizadora. Por isso os termos **caboclo** e **pardo**, foram por muitos momentos de nossa história um conceito para classificar os considerados “ex-indígenas”. Criou-se a partir daí, por meio da ficção, o indígena com um único tipo de cabelo, que estaria em um só lugar, apenas na Amazônia, em um único contexto, que não sabe falar português direito, que é incapaz de ser associado a algum nível de modernidade, sofisticação e intelectualidade.

Uma tática usada pelo invasor colonizador foi desconstruir o indivíduo indígena, pois, apagando essa origem, o estado não precisaria tratá-lo como parte de um povo originário. Dessa forma, direitos não precisariam ser garantidos. Contou-se a história à exaustão, sobretudo durante os primeiros anos da República e durante as ditaduras nacionalistas que se seguiram, de que somos todos “brasileiros” e “iguais”, de que indígenas eram algo do passado distante e de que racismo não existia nessas bandas.

O que, obviamente, só pode ser defendido por três tipos de pessoas: as indiferentes ao tratamento dado a pretos, pardos, mestiços e indígenas; as vulneráveis com dificuldade no acesso à educação e, ainda, as que vivem em um outro mundo que desconhecemos. Foi preciso décadas e muita luta de lideranças e povos em todo o país para começarmos a mudar essa realidade de negação dos povos indígenas e, por isso, hoje, nos censos e pesquisas, tem disparado a autodeclaração dos nossos, sobretudo entre os ditos **pardos**.

Foi preciso muita luta para começarmos a desconstruir séculos de apagamento, invisibilizações e estereótipos. E, ao contrário do que muitos que seguem como o colonizador pensam, **indígenas estão em todos os lugares, em comunidades isoladas, em aldeias e, também, nas cidades**. Indígenas estão na Amazônia, mas também na Caatinga, podem ser pessoas progressistas e, também, conservadoras. Podem ser mestiços ou sem mistura, com outros povos. Podem ser pessoas que vivem da terra, agricultores, catadores coletores, médicos, advogados, professores, intelectuais, políticos e até artistas. Indígenas podem ter uma fé ou serem ateus, seguirem seus costumes de fé e cosmologia originais ou serem cristãos. Podem ser heterossexuais, LGBTQIA+ ou terem outras definições de sexualidade que fogem dessas definições. Se existe uma palavra que pode ser associada a indígenas em sua totalidade, essa palavra é diversidade! Nunca existiu, não existe e nem nunca existirá um só tipo de indivíduo indígena, com um só rosto, com uma só cultura, como sustentou por muito tempo a retórica colonial, que resumia todos a “selvagens iguais entre si” e como “não brancos”. Não existe um código de conduta ético, de costumes e que defina o que é um indígena, cada povo possui suas mais distintas opiniões e tradições sobre os mais diversos assuntos. De sexualidade a política.

**“PARDOS” TAMBÉM PODEM
SER **INDÍGENAS** E SEUS
DESCENDENTES!
PAREM DE NOS APAGAR!**

O termo “pardo” foi usado já em 1500 na carta de Pero Vaz de Caminha para se referir aos habitantes nativos do Brasil: “Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel”.

ÍNDIO DE CELULAR?

ESSA PRESSÃO NÃO EXISTE SOBRE OS BRANCOS!

Embora portugueses não estejam mais navegando em caravelas e vestindo roupas do século XVI, espera-se que indígenas estejam parados no tempo e que nossa cultura não possa ter se transformado. Portugueses também não usavam celular e não tinham todas as outras tecnologias atuais, porém, as pessoas dessa origem não perderam seu pertencimento e a cultura definida como portuguesa ao usarem tais tecnologias. Mas, com indivíduos indígenas, as exigências para nos aceitarem dentro de outros contextos é assombrosa, indígenas não podem trair o pensamento estereotipado, racista e colonial sobre o que é um indígena, sobre o ser que reside na mente da maioria dos brasileiros e, com isso, muitos têm grande dificuldade de compreender um indígena fora do estereótipo colonial que nos impuseram. Como se todas as culturas pudessem se transformar menos nós, como se todos pudessem ser diversos e experimentar novas possibilidades e trocas, menos nós.

Por exemplo, os alemães não são obrigados a viverem eternamente com roupas bávaras em um eterno Oktoberfest para serem alemães. Assim como japoneses não estão “sentenciados” a só se vestirem de kimonos e a só comerem sushis pela eternidade para serem aceitos como parte da civilização japonesa. Tampouco franceses são “sentenciados” se vestirem como os gauleses pré-romanos e só comerem quiches. Ou seja, culturas se transformam, podem interagir com outras, trocar, sem deixar de existir, sem deixar de ser o que são.

Outra coisa extremamente etnocida é classificar elementos das culturas indígenas apenas como “brasileira”, de forma reducionista. Enquanto o que vem da Europa e do resto do mundo, e muitos outros elementos de outros povos, é sempre citado com sua origem, as pessoas sabem que o sushi é japonês, que a pizza é italiana e que o acarajé é um prato de origem africana, por exemplo. Entretanto, muitos só agora têm descoberto que a tapioca ou o cuscuz de milho sobre suas mesas é uma herança nossa, de nossos povos! E só agora muitos estão a dizer obrigado a tudo que demos a este país – e isso não foi pouco. Muitos só agora estão se olhando no espelho e vendo quem realmente são e a que cultura fazem parte, mesmo que parcialmente. E muitos só agora percebem a enorme dívida que o estado brasileiro, que a “civilização” que se edificou nessa parte do mundo, tem com nossos mais de 300 povos que restam declarados e seus filhos.

INDÍGENAS ESTÃO EM TODOS OS
LUGARES! EM COMUNIDADES ISOLADAS,
EM ALDEIAS E TAMBÉM NAS CIDADES.
E A **MESTIÇAGEM** NÃO APAGA A
ETNICIDADE DE UM INDIVÍDUO!

“TUPINIQUIM” NÃO É SINÔNIMO DE BRASILEIRO. MUITO MENOS DE COISA NEGATIVA E ATRASADA. É RACISMO ATRIBUIR O SUPOSTO “PIOR DO BRASIL” AO TERMO “TUPINIQUIM”. OS TUPINIQUINS SÃO UM POVO, SÃO NOSSOS PARENTES, MERECEM RESPEITO E O RECONHECIMENTO DA GRANDE NAÇÃO QUE SÃO.

ACEITAÇÃO DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA

Vivemos em uma sociedade onde a dupla cidadania de nacionalidades europeias é bastante valorizada e celebrada, enquanto as identidades indígenas são silenciadas, relativizadas e apagadas. Para muitos que julgam nosso pertencimento a um povo, ter avós, antepassados indígenas não é suficiente para atribuir, garantir a ancestralidade e o pertencimento de um indivíduo a um povo originário. Enquanto o mesmo julgamento não é feito com relação aos seus avós europeus, que são aceitos e exibidos com orgulho pela maioria, mesmo estando há gerações.



ESPELHO SUJO

Eu os olhei nos olhos e me vi como parte deles.

Mas eles não me viam como irmão e nem se viam como eu os via.

Um elo perdido e adormecido num cruel sono de medusa, imposto por séculos de ocupação.

Um espelho voltado para a cultura invasora apagou o autorreflexo com voracidade.

Eles perderam seus deuses, sua conexão e sua especial ligação com a Terra. Mesmo suas peles vermelhas, negros cabelos e olhos rasgados tendo sobrevivido, saiu a devoção, entrou a negação, a foice, a serra elétrica e o lucro.

Perdeu-se a irmandade, entraram os confrontos com os que resistiam à cultura e aos valores impostos pelos que chegaram. Houve uma invasão e uma aniquilação tão cruel, que acabou sendo pior que a morte conhecida, uma peculiar partida que mata além do corpo, a parte mais íntima de um ser, a alma. Eu os olhei nos olhos... e apenas lamentei em silêncio.

Mas... eles não me viam como eu os via. E o sono seguiu, cruel e nefando, como são os sonos de aniquilação.

EXISTE HOJE EM 2022

275 LÍNGUAS INDÍGENAS E

305 POVOS VIVOS NO BRASIL!

EIS A RIQUEZA CULTURAL ENTRE INDÍGENAS DESSE PAÍS.



PORQUE “PARAMOS” DE FALAR TUPI?

Parar de falar **Tupi** não foi uma escolha nossa, isso nos foi tirado, mais uma das muitas violências coloniais. Sobretudo depois do decreto do **Marquês de Pombal**, de **1758**, banindo nossa língua e instituindo o português como única língua autorizada a ser falada. Falar Tupi era arriscado, excluía o indivíduo socialmente e, por essa razão, muitos não arriscaram seguir falando ou ensinando a seus filhos. Imagine a violência de proibir alguém de falar a própria língua?

O **Marquês de Pombal** (foto ao lado) chegou a enviar emissários a partes da então colônia com o objetivo de mudar o nome de lugares em **Tupi**, como aconteceu com as comunidades e cidades ao longo do Rio Amazonas, por exemplo. Com isso, a maioria de nós não fala nossa língua ancestral, muitos dos nossos, entretanto, têm estudado **Tupi Antigo** como uma forma de reconexão com nossa língua mãe dentro de nossos processos de etnogênese.



**VOCÊ AINDA FALA TUPI
EM CEARÁ-MIRIM!**

A REGIÃO DO VALE DO CEARÁ-MIRIM POSSUI **57** COMUNIDADES E LOCALIDADES COM NOMES EM **TUPI**

São nomes muito antigos, sendo que alguns constam em documentos com quase 500 anos, escritos na forma como povos europeus distintos (franceses, portugueses e holandeses) entendiam as palavras faladas pelos indígenas, o que é um indicativo de que não foram simples topônimos dados pelo colonizador, mas palavras e lugares vivos em nossa língua mãe, em nosso cotidiano! Se levarmos em conta a antiga área geográfica do município a lista salta para **64 localidades com nome em Tupi**.

DICIONÁRIO TUPI – PORTUGUÊS com nomes de alguns lugares no Vale do Ceará Mirim e região

Apuá = Monte ou amontoado de alguma coisa; ponta, saliência (p. ex., de pau aguçado, de terra; pico, cume, topo extremidade; cabo (termo geográfico). Antigo Nome de Massangana ou de alguma aldeia na área onde fica a atual cidade de Ceará-Mirim.

Aningas = Aninga ou anhinga é o nome de uma ave (ave pelicaniforme da família dos anhingídeos (Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 218).

Arasá = Nome genérico de diversas árvores ou arbustos do gênero Psidium, da família das mirtáceas.

Baquipe = No rio das frutas. 'Ybá (fruta) + 'y (rio) + pe (no, em, na, para).

Boga = Monte. Bóga é uma palavra da língua brobó, língua da grande nação Tarairiú. (única palavra não Tupi da lista, pois é de origem indígena Macro-Jê)

Ceará-Mirim = Há diferentes etimologias para esse topônimo; so'ó (carne de caça) + ará (ave, papagaio) + mirim (pequena), pequena carne de caça. Para Paulinho Nogueira "ceará" provém de so'ó + ara, tempo de caça. Cândido Mendes opta por siri + apua, siri redondo, outrora muito abundante na região. O filólogo Martinz de Aguiar e o escritor José de Alencar acreditam que ceará significa "canto da jandaia". Mirim significa pequeno.

Caraúbas = Caraúbas é a variação da palavra karaíba que significa 'pajé itinerante do povo Tupi da costa, que ia a várias aldeias, podendo entrar até em territórios inimigos. Falava da Terra Sem Mal e de como encontrá-la. Muitos estimularam guerras contra os missionários católicos. Os jesuítas os chamaram de santidades (Cardim, 1978, 103)

Catambueira = Antiga árvore cabatã.

Catolé = uma variedade de palmeira. Lagoa próxima ao município de Ceará-Mirim.

Cajazeiras = Ajuntamento de cajás.

Cajueiro = Akaïu (caju ou cajueiro), nome dado principalmente a uma árvore da família das anacardiáceas (Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 269).

Camurupim = É uma espécie de peixe da costa popularmente conhecida no Brasil como pirapema ou camurupim, seu nome científico é megalops atlanticus, sendo esse peixe encontrado desde o Amapá até a região norte do Espírito Santo.

Capim = Erva fina, de **ka'a** + **po'ir**. Erva qualquer, feno (VLB, I, 137).

Capoeira Grande = A palavra capoeira é formada por **ka'a** (mata, floresta) + **pûer** (extinta) e designa locais descampados, locais sem árvores.

Carnaubal = Karana'yba (carnaúba), variedade de palmeira. Carnaubal significa 'ajuntamento de carnaúbas' (em tupi antigo karana'ybytyba).

Cipó = Denominação comum às plantas sarmentosas ou trepadeiras que pendem das árvores e nelas se trançam (Marcgrave, Hist. Nat. Bras., 14; Staden, viagem, 35; VLB, II, 145).

Coité = Árvore cujo fruto é transformado em vasilhas, cuias e a polpa é utilizada como medicamento para inflamações, sobretudo na coluna vertebral. Riacho no município de Ceará-Mirim.

Itapaçaroça = Possivelmente é uma corruptela de 'itapararoka' (de itá [pedra] + aparar [vergada] + oka [casa], ou seja, "casa de pedra vergada"). (Dom Sebastião Monteyro da Vide [1707], catalagos, 30).

Itanagé = Pajé de pedra. Itá significa 'pedra'; nagé é uma variação de pajé, paíé.

Ibiribeira = De ybyryba: biribá, biriba, árvore mirtácea.

Igarapé = Ygara significa 'canoa' apé quer dizer caminho. Igarapé é 'caminho da canoa'. Uma região navegável. Riacho e localidade no vale.

Imburana = de imbu + rana 'falsos imbus'.

Garuçu = Canoa grande. Ygara (canoa) + usu [uçú] (grande).

Giribues = Provavelmente uma corruptela de **jeribá (îara + ybá)** nome de uma variedade de palmeira.

Goiabeira = Vem de "Goiaba", que é uma Variedade de arará.

Gravatá = Karaúatá, variedade de peixe (Sousa, Trat. Descr., 283).

Graçandu = Segundo Emanuel Cândido do Amaral, Professor de tupi antigo, Graçandu não é palavra indígena. Entretanto podemos fazer uma analogia, partindo do pressuposto de que Graçandu seja um hibridismo originário dos seguintes étimos (Graça corruptela portuguesa do verbo Grassar = desenvolver-se; alastrar-se, propagar-se + andu = um tipo de feijão), então Graçandu significaria "onde se propaga ou se desenvolve o feijão andu".

Guajiru = Árvore (crisobalanácea) com fruto lilás por fora e branco por dentro, pode fornecer substâncias que combatem processos inflamatórios associados ao câncer.

Guaporé = Denominação comum para regiões alagadas.

Guaramiranga = Guara significa 'ave' e miranga é a cor 'vermelha'. Pássaro vermelho.

Guararapes = Caminho das aves guarara. Guarara é o nome tupi de um tipo de ave. Apé significa caminho, como em tatuapé (caminho dos tatus).

Itapicuru = Rio das pedras compridas. Ita (pedra) + puku (comprida) + ry (rio). A palavra é uma variação de itapukury.

Jacaré = Ou **îakaré** é um nome comum a todos os répteis crocódilios da família dos aligatórideos (D'Abbeville, Histoire, 248v).

Jacoca = 'Casa dos jacus', provém das palavras îaku + oka. Îaku (ou, jacu). Jacu é o nome genérico de aves galiformes da família dos cracídeos. "... São umas aves a que os portugueses chamam galinha do mato e são do tamanho de galinhas e pretas." (D'Abbeville, Histoire, 236v):

- Esenõî gûyrá ixébe. - **îaku**, mutũ, mukukagûá, inambugûasu, inambu, pykasu... – Nomeie as aves para mim: - Jacu, mutum, macucaguá, inhambuguaçú, inhambu, rolinha (Léry, Histoire, 348).

Jaçanã = îasanã, jaçanã ‘ave pernalta caradriforme da família dos jacanídeos, frequente nos brejos e lagoas ((Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 190; Sousa, Trat. Descr., 236).

Jacumã = îakumã. 1) Andaimo para flechar peixe (VLB, I, 35); 2) estava à qual a canoa é atada enquanto se pesca; 3) nome de uma das pás que alguns usam nas suas canoas em lugar de leme (Pe. João Daniel [1757], 253).

Jenipabu = Praia do jenipapo. Deriva dos substantivos tupi jenipapo + ‘y.

Juruparana = A etimologia deriva de “jurupá” (îurupá, îupará, jurupará, ou ainda, japurá) + “rana”, macaco jurupá falso. O termo lembra o ÎURUPARI, entidade sobrenatural do povo tupi registrada por cronistas dos séculos XVI e XVII.

Maceió = De acordo com a enciclopédia virtual wikipedia significa "o que tapa o alagadiço", a origem é do termo é tupi “maçayó ou maçaió-k”.

Manimbu = É uma espécie de capim grande das dunas, das proximidades de manguezais e regiões de tabuleiro. Também conhecido como capim elefante ou capim-açú.

Mangabeira = Árvore da mata atlântica, do tabuleiro costeiro, importantíssima para famílias coletoras que consome e comercializa o fruto.

Manguari = Ou **magûari**, baguari, é uma ave de regiões alagadiças que vive em bando. É uma ave ciconiforme da família dos ciconídeos, parente próxima da cegonha, por esse motivo e semelhança é conhecido como “cegonha branca”. Também é chamada de *cauauã*, *tabuiaia* e *jaburu moleque*.

Maturaia = Feira, lugar de troca (Sales, 2010)

Maracajá = Rio dos maracajás. **Marakaia** em tupi antigo significa ‘gato do mato, gato maracajá’. Para dizer rio, água ou líquido, em tupi antigo, dizemos ‘y.

Massaranduba = Masarandyba, maçaranduva, maçarandiba, 1) nomes que designam as espécies de árvores *sapotáceas pouteria procera*; 2) o fruto dessas árvores, de propriedade medicinais (Piso, De Med. Bras., IV, 203; Brandão, Diálogos, 171).

Mucuripe = No rio dos mucuris. Mucuri (planta gutiferácea) + ‘y (rio) + pe (no, em).

Murici = É o nome da fruta do muricizeiro, planta comum em toda América do Sul.

Muriú = Rio das palmeiras. Buri é um tipo de palmeira e, “ú” é uma corruptela do fonema “Y” que significa água, rio.

Maxaranguape = Temos duas hipóteses 1) significa literalmente “cobra que faz barulho” (cascavel), segundo o virtual “dicionário informal”. Maxarã, é um dos nomes da cascavel, ngua seria a transformação fonética, uma nasalização de kûara, que significa buraco, toca, mais a posposição pe, que quer dizer: no, na, em (na toca da cascavel). Mboitininga, mboisununga, mboitinga, mboisininga são outros nomes mais conhecidos da cascavel; 2) “enseada dos massarás” (armadilha de peixes), de (massará + ‘ykuá).

Patu = Variedade de palmeira, pati, bati + ‘y “rio do bati”, “águas do batiputá”.

Peroba = A peroba-rosa (nome científico: *Aspidosperma polyneuron*) é uma espécie de árvore da família das apocináceas.

Pititinga = Nome de um peixe. De pirá + titing(a) “pele de manchas brancas”.

Pitombeiras = Palavra composta por um substantivo tupi (pitomba) + o sufixo (eira) português, no plural. No tupi essa palavra é pitombatýba, ou seja, ajuntamento de pitombas ou pitombeiras.

Pitangui = Rio das pitangas, lagoa das pitangas. De pitanga + ‘y.

Piripiri = Junco. Piripiri é um grupo de plantas semelhantes às gramíneas que crescem, em geral, nos alagadiços. Muitos indígenas do Vale de Ceará Mirim utilizam e utilizavam o junco (piripiri) como matéria prima para seus trabalhos artesanais (esteiras, colchões, travesseiros e etc.); Piripiri (ou piripiri) (s.) - PIRIPIRI, PIRI, PERI, espécie de junco da família das ciperáceas (*Rynchospora c;ephalotes* (L.) Vahl), dos pântanos e alagadiços; taboa-do-brejo.

Porto Mirim = Antiga aldeia de “Conopotumirim” - Porto pequeno. Aqui encontramos um hibridismo de português e tupi. Mirim é o adjetivo “pequeno” e porto em tupi antigo é “peasába”.

Potengi = Rio dos camarões, rio do camarão. **Potĩ** (camarão) + ‘y (rio).

Pororoca = Do tupi antigo pororoca significa explosão, rebentamento, macaréu de vários metros e de grande estrondo que acontece próximo à foz de alguns grandes rios do norte do país.

Pratagi = Rio da Prata. Prata + gy (rio). Houve um hibridismo de português com tupi nesse termo.

Quiri = Planta da família das borrigináceas (*Cordia goeldiana* Huber), “que corta pelo ferro por ser mais duro que ele, sujo branco d fora pode suprir a fala de marfim em qualquer obra.

Tappeweppe = Variação da palavra **tapi’irapé**, que significa “caminho da anta”, ou, na cosmovisão tupi quinhentista “via láctea”. Era possivelmente o antigo nome da comunidade da atual Massangana.

Tamanduá = O tamanduá-bandeira, também chamado iurumi, jurumim, tamanduá-açu, tamanduá-cavalo, papa-formigas-gigante e urso-formigueiro-gigante, é um mamífero xenartro da família dos mirmecofagídeos, encontrado na América Central e na América do Sul.

Timbó = Nome comum a certas plantas que são utilizadas para induzir o entorpecimento em peixes e, por isso, usadas para pescar. São lançadas na água após serem maceradas, fazendo com que os peixes possam ser apanhados à mão. (Cardim, Trat. Terra e Gente do Brasil, 50)

Taipu = **Ita** significa “pedra”, ‘y significa “rio, água” **pu** significa “som”. **Itaipu**, provavelmente, é a forma completa da palavra que quer dizer “rio da pedra ressonante”, “rio das pedras sonoras”, “rio barulhento das pedras”.

Uburanas = Plural de uburana (umburana, imburana) árvore comum na caatinga e mata atlântica.



AKAÛ = CAJU

NOMES DE FRUTOS E PLANTAS EM TUPI

Abacaxi = Naná, ananá ou abacaxi, planta da família das bromeliáceas).

Amendoim = do tupi **mandubi**, é o nome genérico de plantas comestíveis (leguminosas-papilionóideas) que possuem uma capsula onde existem duas ou três nozes ou sementes.

Arasá = Nome genérico de diversas árvores ou arbustos do gênero Psidium, da família das mirtáceas.

Araticum = Árvore do cerrado (*Anona crassiflora* Mart.), da família das anonáceas, de frutos grandes, pesados e comestíveis.

Aningas = Aninga ou aninga é o nome de uma ave (ave pelicaniforme da família dos anhingídeos (Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 218).

Bati = arbusto de flores amarelas e frutos drupáceos; das sementes se extrai a manteiga de batiputá, um óleo com aplicações medicinais.

Cabaça = É erva trepadeira, um pouco perfumada, caule grosso e anguloso e folhas curtas. No idioma materno do povo Potiguara é chamada de **yá** ou **ygá**.

Cajá = É o nome do fruto do cajazeiro. Também conhecida pelos nomes cajazeiro, cajazinha, taperebá, acaiá, acaiaba, acajá, acajaíba, ambaló, ambareira, ambareiro, ambaró, cajaeiro. É uma árvore que chega a medir até 25 metros, da família das anacardiáceas.

Cajazeiras = Ajuntamento de cajás.

Caju = Akaïu (caju ou cajueiro), nome dado principalmente a uma árvore da família das anacardiáceas (Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 269).

Cambuim = Kambu'i, nome comum a árvore da família das mirtáceas, do gênero Myrcia; 2) o fruto dessas plantas (Marcgrave, Hist. Nat. Bras., 108).

Camapum = Camapu é uma planta medicinal que serve para tratar doenças neurodegenerativas, diminuir o colesterol e fortalecer a imunidade kamapu, planta solanácea, *Nicandra physalodes* (L.) Gaertn. (Theat. Rer. Nat, Bras., II, 169).

Catambueira= Antiga árvore cabatã.

Catolé = Variedade de palmeira. Nome do fruto dessa palmeira.

Caraúbas = Caraúbas é a variação da palavra karaíba que significa 'pajé itinerante do povo Tupi da costa, que ia a várias aldeias, podendo entrar até em territórios inimigos. Falava da Terra Sem Mal e de como encontrá-la. Muitos estimularam guerras contra os missionários católicos. Os jesuítas os chamaram de santidades (Cardim, 1978, 103)

Capim = Erva fina, de **ka'a** + **po'ir**. Erva qualquer, feno (VLB, I, 137).

Quiri = Planta da família das borragináceas (*Cordia goeldiana* Huber), “que corta pelo ferro por ser mais duro que ele, sujo branco de fora pode suprir a falta de marfim em qualquer obra.”

Carnaubal = Karana’yba (carnaúba), variedade de palmeira. Carnaubal significa ‘ajuntamento de carnaúbas’ (em tupi antigo karana’ybytyba).

Cipó = Denominação comum às plantas sarmentosas ou trepadeiras que pendem das árvores e nelas se trançam (Marcgrave, Hist. Nat. Bras., 14; Staden, viagem, 35; VLB, II, 145).

Coité = Árvore cujo fruto é transformado em vasilhas, cuias e a polpa é utilizada como medicamento para inflamações, sobretudo na coluna vertebral.

Ibirapi = Árvore primeira. Árvore ybyrá significa ‘árvore’ + ypy que significa ‘primeira, ancestral, prototípica’.

Ibirapitanga = Árvore avermelhada. De ybyrá (árvore) + pitanga (avermelhado).

Ibiribeira = De ybyryba: biribá, biriba, árvore mirtácea.

Imburana = De imbu + rana ‘falsos imbus’.

Ipê = É uma árvore típica do Brasil, sua madeira é de lei, muito utilizada na construção civil e naval. O ipê cresce devagar e pode chegar a 30 metros de altura, mas a maioria tem de 7 a 15 metros de altura. É do gênero *Tabebuia*. Ipê é uma palavra tupi que significa “casca de árvore”. As espécies mais conhecidas são o ipê-amarelo, também chamado de pau-d’arco e o ipê roxo.

Giribues = Provavelmente uma corruptela de **jeribá (îara + ybá)** nome de uma variedade de palmeira.

Goiaba = palavra aruaque que designa uma fruta semelhante ao **arasá (araçá)** do território tupi; árvore cujo fruto é a goiaba

Guarapirá = É uma ave marinha, pelicaniforme, uma sub-espécie da fragata- -comum. Seu nome é composto pelos substantivos guyrá (ave) + pirá (peixe). Ave peixe. Há uma canção do Toré Potiguara que diz: “Guarapirá, guarapirpá, vamos brincar na alegria do mar. Potiguara é guerreiro, Potiguara é quem vai guerrear”.

Guariroba = Outros nomes populares: catolé, gueiroba, gueroba, gariroba, gairoba, palmito-amargoso, coco-babão, pati-amargoso, coco-amargoso, coqueiro-amargoso. Seu nome científico é *Syagrus oleracea*.

Guabiraba = Nome comum de árvores e frutas (mirtáceas) do gênero *Campomanesia*. São árvores copadas e muito altas, com folhas pequenas e flores avermelhadas.

Gravatá = Karaûatá, variedade de peixe (Sousa, Trat. Descr., 283).

Gabiroba = Gabiroba, guabiroba, gobiraba, guabirova, guavirova, gavirova, araçá-congonha ou gabiraba são os nomes populares dado ao fruto produzido pela *Campomanesia xanthocarpa*, árvore da família *Myrtaceae*.

Guajiru = **Gûaîeru**, guajeru, gajuru é o nome de uma fruta e também da árvore *crisobalanácea*. Árvore (crisobalanácea) com fruto lilás por fora e branco por dentro, pode fornecer substâncias que combatem processos inflamatórios associados ao câncer.

Guaramiranga = Guyra significa ‘ave’ e miranga é a cor ‘vermelha’. Pássaro vermelho.

Guarapes = Caminho das aves guarara. Guarara é o nome tupi de um tipo de ave. Apé significa caminho, como em tatuapé (caminho dos tatus).

Jabuticaba = É o fruto da jaboticabeira ou jabuticabeira, uma árvore da família das mirtáceas, nativa da Mata Atlântica. Seus frutos tem a cor preta e nascem nos galhos e no tronco.

Jacaré = Ou **îakaré** é um nome comum a todos os répteis crocodilianos da família dos aligatorídeos (D’Abeville, História, 248v).

Jaçanã = îasanã, jaçanã ‘ave pernalta caradriforme da família dos jacanídeos, frequente nos brejos e lagoas ((Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 190; Sousa, Trat. Descr., 236).

Jamburú = Fruta preta de tabuleiro que dá em cachos. Seus galhos quando jogados em fogueiras estouram feito traque.

Jenipapo = O jenipapeiro é uma árvore que mede até 14 m da família das rubiáceas, nativa de regiões tropicais das Américas. Jenipapo é a fruta do jenipapeiro. Na medicina caseira, o **jenipapo** apresenta diversos benefícios. De seu tronco, é possível fazer um chá indicado para tratar de úlceras e faringite. As folhas têm propriedades contra diarreia e sífilis. As frutas, por sua vez, podem ser usadas para tratar anemia, icterícia, asma e problemas do fígado e baço, além de ser utilizada para fazer a tinta preta do povo Potiguara (e de outros grupos indígenas).

Jerimum = Do tupi **îurumũ** é um nome comum a várias espécies de plantas da família das cucurbitáceas, do gênero **Cucurbita**. É o fruto dessa planta.

Manimbu = É uma espécie de capim grande das dunas, das proximidades de manguezais e regiões de tabuleiro. Também conhecido como capim elefante ou capim-açú.

Mangaba = Fruto da árvore apocínea comum nos cerrados e no litoral nordestino, com flores amarelas e produtora do látex. **Mangabeira** = árvore da mata atlântica, do tabuleiro costeiro, importantíssima para famílias coletoras que consome e comercializa o fruto.

Manguari = Ou **magûari**, baguari, é uma ave de regiões alagadiças que vive em bando. É uma ave ciconiforme da família dos ciconídeos, parente próxima da cegonha, por esse motivo e semelhança é conhecido como “cegonha branca”. Também é chamada de *cauauã, tabuiaia e jaburu moleque*.

Maracujá = Maracujá é um fruto produzido pelas plantas do gênero Passiflora da família Passifloraceae. O nome da planta é também conhecido como maracujazeiro: é espontâneo nas zonas tropicais e subtropicais da América. O suco do maracujá é um famoso sonífero e calmante.

Massaranduba = Masarandyba, maçaranduva, maçarandiba, 1) nomes que designam as espécies de árvores *sapotáceas pouteria procera*; 2) o fruto dessas árvores, de propriedade medicinais (Piso, De Med. Bras., IV, 203; Brandão, Diálogos, 171).

Murici = É o nome da fruta do muricizeiro, planta comum em toda América do Sul.

Patu = Variedade de palmeira, pati, bati + ‘y “rio do bati”, “águas do batiputá”.

Peroba = A peroba-rosa (nome científico: *Aspidosperma polyneuron*) é uma espécie de árvore da família das apocináceas.

Pitanga = Nome de árvore e fruta. Também é a cor vermelha (ou avermelhado) na língua materna do povo Potiguara, o tupi antigo.

Pititinga = Nome de um peixe. De pirá + titing(a) “pele de manchas brancas”.

Pitomba = Fruto da pitombeira. A pitomba (nome científico: *Talisia esculenta*), também conhecida como olho de boi, pitomba da mata e pitomba de macaco, é o fruto da pitombeira, árvore que pode alcançar mais de 10 metros de altura. Seu nome é originário do tupi e significa sopapo, bofetada ou chute forte. A pitomba mede aproximadamente dois centímetros de diâmetro, dá em cachos, é rica em vitamina C e pode ser consumida *in natura* ou beneficiada na fabricação de licores ou polpa. Diversos pássaros também a tem no seu cardápio.

Pitombeiras = Palavra composta por um substantivo tupi (pitomba) + o sufixo (eira) português, no plural. No tupi essa palavra é pitombatýba, ou seja, ajuntamento de pitombas ou pitombeiras.

Timbó = Nome comum a certas plantas que são utilizadas para induzir o entorpecimento em peixes e, por isso, usadas para pescar. São lançadas na água após serem maceradas, fazendo com que os peixes possam ser apanhados à mão. (Cardim, Trat. Terra e Gente do Brasil, 50)

Tiririca = Espécie de capim.

Ubaia = A ubaia, uvaia, uvalha, uvaieira ou uaieira, é uma planta da família Myrtaceae. *Eugenia pyriformis* é a espécie mais comum de ubaia, embora existam mais de 20 espécies. A palavra significa **fruta gostosa e azeda**.

Uburanas = Plural de uburana (umburana, imburana) árvore comum na caatinga e mata atlântica.


Umbu = Fruto do umbuzeiro ou o próprio “pé de umbu”. Seu nome científico é *Spondias tuberosa*. O seu fruto é também conhecido com imbu. É uma fonte de armazenamento de água, especialmente na raiz, qualidade necessária para sobrevivência nos longos períodos de seca no seu habitat natural, a Caatinga. A planta pode alcançar sete metros, tem tronco curto e copa em forma de guarda-chuva. As flores são brancas, agrupadas, perfumadas, com néctar que é retirado pelas abelhas para se alimentarem e produzirem mel.

O TUPI ESTÁ VIVO!

MACAXEIRA / MANDIOCA

A RAIZ MÃE ANCESTRAL



A detailed still life painting of various vegetables. In the foreground, a large pumpkin is cut open, revealing its orange flesh and seeds. To its right, there are several green and yellow squash. In the background, there are bunches of leafy greens, including what appears to be chard or spinach. The painting is set against a light, textured background.

ÎURUMŨ = JERIMUM

NOMES DE COMIDAS E ANIMAIS EM TUPI

Arapuá = Eira (abelha) + pu'a (bola, redonda), a palavra arapuá significa 'abelha de bola', uma descrição do ninho dessa abelha. Abelha da família dos meliponídeos, que nidifica no alto das árvores, com "casas" em forma de uma bola de meio metro de diâmetro.

Bacurau = Ave noturna, de asas longas e pernas curtas, que normalmente faz o ninho perto do chão e que se alimenta de insetos como traças e mosquitos.

Baiacu = Baiacu, baiagu, sapo-do-mar, peixe-balão ou lola são as designações populares comuns a diversos peixes da ordem dos Tetraodontiformes, comuns na fauna fluvial da América do Sul e, mais especificamente, do Brasil. Do tupi antigo grafia antiga **mba'e + akuba** que significa 'coisa quente', 'coisa venenosa', por causa do seu fel.

Bagre = É uma variedade de peixe comum em toda América do Sul, seu nome no idioma tupi antigo é **jundiá**.

Beju = Do tupi antigo mbeïu, variedade de bolinho indígena feito da massa da mandioca espremida e cozida dentro de um alguidar, ficando muito seco e torrado (Staden, Viagem, 142).

Biquara = Peixe teleosteo perciforme da fam. dos hemulídeos (*Haemulon parrai*), que ocorre das Antilhas ao Espírito Santo; de até 50 cm de comprimento, coloração cinza-plúmbea com estrias irregulares, ventre esbranquiçado, olho amarelo e nadadeira caudal furcada.

Camurupim = É uma espécie de peixe da costa popularmente conhecida no Brasil como pirapema ou camurupim, seu nome científico é *megalops atlanticus*, sendo esse peixe encontrado desde o Amapá até a região norte do Espírito Santo.

Cará = Nome comum a certos peixes da família dos ciclídeos. Cará é uma variação de akará. Daí a explicação para vários acidentes geográficos no Brasil.

Carijó = Essa palavra é utilizada para denominar um tipo de galinha; é também um termo antigo usado para falar dos indígenas Guarani. Dessa palavra surgiu o termo carioca, que vem de kariño + oka (casa dos Carijó).

Caboré = Nome de algumas espécies de coruja.

Carcará = Nome de duas aves da família dos falconídeos da América do Sul oriental. Nome de uma antiga liderança indígena.

Canjica = Abati mingau (espécie de mingau de milho).

Caranguejo = Nome genérico para crustáceos como o siri, usá, aratu, goiamum...

Cuscuz = Abati ku'i (farinha de milho).

Curimatã = Nome comum a diversos peixes da família dos caracídeos existem mais de vinte espécies em todo Brasil. São também chamados de corimatá, curimbatá, curimataú, curimba, curumbatá, curibatá, grumatá ou grumatã. A etimologia da palavra é de kurimã + atã (curimã duro).

Cururu = É um anfíbio muito conhecido e comumente encontrado no Brasil. São animais de grande porte, possuem protuberância acima dos olhos até o focinho, uma grande glândula paratóide atrás de cada olho, ausência de dentes, membrana interdigital nas patas dianteiras, pele seca e rugosa.

Demerara = É uma variante da palavra Arawak "Immenary" ou "Dumaruni", que significa "rio da madeira da carta". O açúcar de Demerara é assim chamado porque originalmente veio de cana de cana na colônia de Demerara.

Gambá = Designação comum aos marsupiais do gênero Didelphis, os maiores da família dos didelfídeos. Encontrados do Sul do Canadá à Argentina, com até 50 cm de comprimento, cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada, as fêmeas com marsúpio bem desenvolvido.

Guarajuba = Peixe da família dos carangídeos (VLB, II, 149). Etimologia – guará amarelo (acará amarelo).

Guaiamũ = Gûanhamũ é uma espécie de caranguejo terrestre gigantesco da família dos gecarcinídeos (Marcgrave, His. Nat. Bras., 185; VLB, I, 67).

Guajá = É um caranguejo da família dos calapídeos, encontrado na costa brasileira.

Pitu = Variedade de camarão de água doce.

Guajá = O Guajá é um caranguejo da família dos calapídeos, encontrado na costa brasileira, do Norte até o estado do Rio de Janeiro. Tal espécie chega a medir até 10 cm de comprimento e sua carne é apreciada por muitos. Também é conhecido pelos nomes de goiá, guaiá, guaiá-apará e uacapará.

Grude = Ou **mbeíupomonga** que significa 'bejú pegajoso' (grudento)'. variedade de bolinho indígena feito da massa da mandioca.

Jabá = Carne seca ao sol.

Jaburu = Nome comum a certas aves (cioconiformes da família dos cioconídeos) que habitam grandes rios, lagoas e regiões pantanosas.

Jabuti = Jabuti ou îaboti é um réptil da ordem dos quelônios. É um dos símbolos da inteligência e astúcia do povo tupi. Há várias narrativas onde ele derrota animais mais fortes e velozes utilizando sua sabedoria e muita estratégia.

Jararaca = Ou jararaca-da-mata é uma serpente de até 1,6 m, encontrada no Brasil Designação comum a vários répteis ofídios.

Jiboia = Nome comum a serpentes encontradas em todo o Brasil e não venenosas. Cobra do arco-íris. O nome é composto por duas palavras: îy'yba + mbóia (arco-íris + cobra).

Jia = É a denominação popular dada no Brasil aos animais da classe dos anfíbios, uma espécie de sapo comestível da ordem Anura ou Salientia (vagarosos), família Leptodactyladae(dedos terminados em pontas), gênero Leptodactillus.

Jurema = A jurema é uma planta da família das leguminosas, comum no Nordeste brasileiro, com propriedades psicoativas. Jurema também é o nome de uma religião de matriz indígena, afro-brasileira, é o nome de uma entidade dessa ciência religiosa e o nome de uma bebida produzida a partir de partes desta planta.

Lambari = Nome comum de vários peixes da família dos engraulídeos, também chamados anchovas. Também é conhecido por **manjuba**.

Lambioia = Lagarto conhecido popularmente como Lagartixa-doméstica, Bribá, Lambioia, Labigó, taruíra, crocodilinho de parede, víbora (erroneamente), mas cientificamente seu nome é Hemidactylus mabouia. Provavelmente seu nome é uma variação de **mbóia**, palavra do tupi antigo que significa cobra.

Macaxeira = Raiz de planta euforbiácea, chamada também de aipim ou mandioca, com que se faz a farinha e a goma da tapioca.

Mandioca = Mandi'óka, raiz base da alimentação indígena e nordestina.

Manjuba = Nome comum de vários peixes da família dos engraulídeos, também chamados anchovas. Este nome deriva das palavras tupi **mba'e** + **îuba** que significa 'coisa amarela'.

Mariatacaca = Também conhecido como maritakaka, miaratakaka ou gambá, é um nome comum de várias espécies de pequenos mamíferos. Esse nome (maritacaca) também é Jandaia, maritaca, maritacaca, nhandaia, nandaia e periquito-rei são nomes comumente dados à maioria dos psitacídeos do gênero *Aratinga*.

Maruim = É um mosquito que também é conhecidos mosquitinho-do-mangue ou mosquito-pólvora picador. A palavra maruim é composta por **meru** (mosca) + **ĩ** (pequena), portanto, meruĩ significa *mosquinha*.

Mingau = Empapado, papa, sopa rala. Podemos dizer na língua materna do povo Potiguara, o tupi antigo: **aîapó minga'u** "faço mingau". **Xe reminga'u** "meu mingau".

Moqueca = A moqueca, muqueca ou poqueca é um cozido, geralmente de peixe, típico da culinária brasileira. Esse termo deriva do verbo tupi **moka'ë** que é o nome de uma técnica indígena de preparo de carnes.

Muçum = É um peixe de água doce ou salgada com hábitos noturnos e aparência de cobra, também é chamado muçum, muçu, peixe-cobra ou enguia-d'água-doce, é uma espécie de peixe teleósteo synbranquiforme da família dos synbranquídeos, encontrado em rios, lagoas e açudes da América do Sul.

Maribondo = Nome genérico para vários tipos de vespas, dentre elas o **maribondo caboclo** (que tem a palavra tupi **caboclo**, derivada dos substantivos **ka'a** (floresta) + **bok** (arrancado da), por tanto a palavra caboclo significa "arrancado das matas". O nome genérico para maribondo no idioma tupi é **kába**.

Muriçoca = Mosquito-prego" é uma referência a sua picada que se assemelha à perfuração de um prego. "Muriçoca", "meruçoca" e "muruçoca" são oriundos do tupi **merusóka** 'mosca picadora'.

Nambu = Inambu, nhambu, lambu, inamu, ou O inhambu-chororó é o menor do gênero (aproximadamente 19 centímetros). Habita os campos "sujos", capoeiras, divisas de pastos, plantações (milho, sorgo, algodão e café, entre outras). Também é conhecido como lambú, inhambu-mirim, espanta-boiada, bico-de-lacre, inhambuzinho e nambú pé vermelho. Como a maioria dos tinamiformes, é mais ouvido do que visto, sendo assim, aves difíceis de serem fotografadas. É um dos tinamiformes mais comuns do Brasil, após a codorna-amarela (*Nothura maculosa*).

Paçoca = Significa 'esmigalhar' e tem sua origem na mistura de amendoim, farinha de mandioca, sal (e/ou sal).

Peba = Tatu achatado, peba em tupi antigo significa 'achatamento'; aplainamento; largura (como da casa, da rua, do caminh, da tábu, da barca e etc.) Além do tatu peba (tatu achatado, diferente do tatu bola (**tatu apara**) há vários usos dessa palavra no português brasileiro, por exemplo: acarapeba (peixe cará achatado), aratupeba (aratu chato), boipeba (cobra achatada) e etc.

Pirão = Deriva da palavra emindypyrõ, que significa 'papa grossa', ensopado.

Perereca = Saltadora, pulo, salto.

Pipoca = Deriva do substantivo "pele" que em tupi antigo é **pira** + **pok** (verbo) que significa estourar, estalar, arrebentar. É um dos alimentos indígenas mais difundidos no planeta.

Pirá = Peixe, daí muitos nomes de peixe derivarem desse substantivo.

Piaba = Nome comum a várias espécies de peixes de rio da família dos caracídeos (Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 170).

Piabusu = Designação comum a vários peixes da família dos caracídeos, de porte avantajado (D'Abbeville, Histoire, 247v; Marcgrave, Histo. Nat. Bras., 170).

Pururuca = Esta palavra deriva do verbo intransitivo **puruk** 'estalar' (como a árvore ou a viga da casca quando caem. Esse nome se dá por causa de como fica a pele do animal que é assada até ficar crocante, estalando.

Sabiá = Nome genérico de certos pássaros da família dos turdídeos, apreciados por seu canto e de grande distribuição territorial.

Sagui = Sagûi ou saguim é um nome genérico de pequenos macacos (símios) de pelo cinzento-prateado e cauda longa, da família dos hapalídeos e da família dos calitriquídeos. Outro nome comum é soím, que vem das palavras so'ó (carne, caça) + ã (abreviação de mirim) que significa pequeno, pouco.

Surucucu = É a maior serpente peçonhenta da América Latina. O Brasil possui duas subespécies do gênero Lachesis.

Sussuarana = A onça-parda ou puma, também conhecida no Brasil por suçuarana e leão-baio, é um mamífero carnívoro da família Felidae e gênero Puma, nativo da América. Foi originalmente classificada no gênero Felis, mas estudos genéticos demonstram que a espécie evoluiu em uma linhagem próxima à chita e ao gato-mourisco. A etimologia do seu nome vem do tupi antigo **sûasu + aba + rana** e significa 'falso pelo de veado'.

Sururu = É o nome de diversas espécies de moluscos da costa brasileira, da família dos mitilídeos, adaptados às regiões estuarinas e amplamente usados na alimentação das comunidades litorâneas; bacucu, bico-de-ouro, maria-preta, marisco-do-mangue, mexilhão-do-mangue, pretinho, siriri, sururu-do-mangue são outros nomes desse molusco.

Tamanduá = O tamanduá-bandeira, também chamado iurumi, jurumim, tamanduá-açu, tamanduá-cavalo, papa-formigas-gigante e urso-formigueiro-gigante, é um mamífero xenartro da família dos mirmecofagídeos, encontrado na América Central e na América do Sul.

Tanajura = É uma iguaria da culinária indígena conhecida desde o século XVI pelos colonizadores da Europa. Também conhecida por saúva ou formiga-cortadeira, especialmente aquelas maiores do gênero Atta, insetos da família dos formicídeos. Conta atualmente com cerca de duzentas espécies.

Tapioca = Tapi'oka, fécula alimentícia da mandioca (Sousa, Trat. Descri., 174). Também conhecida por goma

Tatu = Nome comum a mamíferos desdentados com muitos gêneros e espécies diferentes. Tem o corpo coberto por uma couraça, formada por placas justapostas. Vivem em galerias abertas no chão. Tem de quatro a seis filhotes em cada ninhada, em que todos eles tem o mesmo sexo.

Tatui = Tatuí ou tatuíra, é uma espécie de crustáceo decápode anomuro da família dos hipídeos que habita praias arenosas, fazendo escavações na areia.

Teju = Nome genérico para os lagartos, répteis lacertílios da família dos teídeos. Também conhecido como **tiú, teiú, tijú**.

Tejuaçu = Teju grande. Nome genérico para os lagartos, répteis lacertílios da família dos teídeos. Também conhecido como **tiú, teiú, tijú**.

Timbu = É um tipo de marsupial, como os cangurus que possuem bolsa ventral onde se encontram as mamas, ali os embriões adentram e vivem durante parte do seu desenvolvimento, em média 4 meses.

Umburana = A umburana é um género de árvores brasileiras da família das fabáceas, sub-família Faboideae, conhecida popularmente como cumaru-do-ceará, cumaru-das-caatingas, imburana-de-cheiro, umburana e cerejeira. É conhecida por seu valor medicinal. Sua madeira é muito utilizada para fazer esculturas por ser fácil de modelar.

Urubu = Nome comum a aves da família dos catartídeos, que se alimentam de carniça. É uma das espécies mais frequentemente observadas, devido ao fato de realizar voos planados em correntes térmicas a grandes alturas e por possuir atividade durante todo o dia.

Urucum = Árvore e fruto muito utilizados pelo povo Potiguara (e outros povos indígenas) para temperar alimentos, às pinturas corporais e ao uso fitoterápico. É um ótimo repelente de insetos e protetor solar.

OUTRAS PALAVRAS E EXPRESSÕES DE ORIGEM **TUPI** COMUNS EM CEARÁ-MIRIM

Biboca = Fenda, córrego ou rasgão de terra produzido por enxurrada ou por outras causas naturais. Possivelmente essa palavra deriva dos termos yby (terra) + bok (fenda, fender-se, romper-se).

Caatinga = Bioma exclusivo do Brasil que abrange boa parte do Rio Grande do Norte. Derivado das palavras ka'a + tinga (vegetação esbranquiçada)

Caipira = Substantivo que significa “agricultor, roçador, roçado”, derivada de kopira. Catimbó = nome genérico para designar religiões de matriz indígena (afro-brasileiro). Essa palavra é composta por ka'a (floresta, mato) + timbó (fumaça). Fumaça de mato é a tradução do termo catimbó, fazendo referência ao uso milenar da fumaça e do cachimbo em rituais.

Catuaba = Significa “bondade, excelência”, além de ser o nome de uma bebida alcoólica.

Chaboque = Chaboque, chamboque, chumboqui são derivados de xe + bok (xebok) que significa “meu pedaço arrancado, rompido”.

Guri = Variação da palavra “kunumi” (ou, curumim) que significa menino, criança.

Jururu = Tristonho, cabisbaixo.

Maloca = Casa, bioconstrução.

Saci = Conhecido também como Saci Pererê é uma entidade encantada dos povos indígenas falantes de línguas tupi-guarani. A palavra Pererê vem do verbo pererek, que significa “pular”.

Pereba = Ferida, chaga, machucado.

Tche = Significa “eu, me, mim, meu, minha”. É presente em outras expressões como “chaboque”, “chenhenhém”.

Ieu ieu ieu = Vocalização paralinguística características do povo Potiguara (Tupis) - Esse sons são geralmente usamos como gritos de excitação, festividade e vaias."

Xará = Pessoa com o mesmo nome idêntico ao de outra.



Dicionário produzido com colaboração de:

DIEGO AKANGUASU

Cientista Social, Professor de Tupi Antigo e Tupinólogo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil / Eduardo de Almeida Navarro; prefácio Ariano Suassuna; [ilustrações Célio Cardoso]. -1ª Ed. – São Paulo: Global, 2013. Foto: acervo pessoal do profissional.

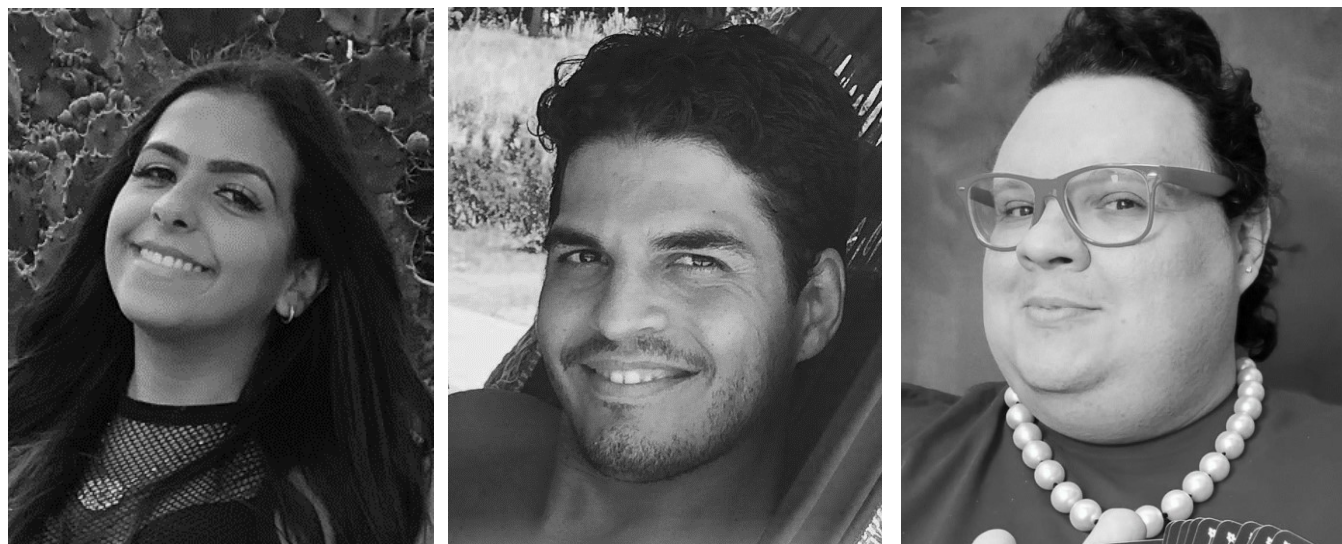
PESSOAS QUE TEM CONTRIBUIDO PARA A RETOMADA INDÍGENA **POTIGUARA** EM CEARÁ-MIRIM



Na ordem da esquerda para a direita: **Cadu Araujo** artista e pesquisador (Potiguara Ibirapi), Xamã **Manoel Ubiratã**, **Thiago Cóstackz** artista e pesquisador (Potiguara Ibirapi) Foto: Lienio Medeiros, **Cacique Dioclécio** liderança (Potiguara), **Pajé Amauri**, **Diego Akanguasu** professor e tupinólogo (Potiguara Ibirapi), **Meyriane Costa** artesã e escritora (Potiguara), **Kelly Nascimento** curandeira e pesquisadora (Potiguara Ibirapi), **Tayse Campos** historiadora e Liderança Indígena (Potiguara) e **José Carlos** artesão liderança indígena (Potiguara). Crédito das fotos: acervo pessoal de cada um deles.



Da esquerda para a direita: **Kaline Cassiano** liderança indígena (Potiguara), **Pedro Pinheiro Junior** historiador e doutorando, **Graça Grauna** escritora e professora indígena (Potiguara) – Foto: jornalista Íris Cruz e **Mukunam** aprendiz de pajé e artesão (Potiguara) - Foto: Vandrê Arcanjo.



Ana Gabriela produtora (Potiguara Ibirapi), **Moyes Siqueira** Arqueólogo e **Arara Xestal** ator e revisor de texto.
Crédito das fotos: acervo pessoal de cada um deles.



Organizadoras e representantes da Associação das Mulheres Rurais de Rio dos Índios. Na ordem da esquerda para a direita as **Potiguaras Ibirapi: Lizandra Nascimento** Liderança Executiva e tesoureira da Associação, **Velucia Nascimento** professora, diretora da escola de Rio dos Índios e Primeira Secretária da Associação e **Vera Lucia Gomes** Presidente da Associação e Liderança Comunitária Indígena de Rio dos Índios.

A scenic landscape featuring a wide, green valley under a blue sky with scattered white clouds. In the foreground, there are lush green bushes and tree branches with dark leaves, some of which are slightly out of focus. The overall atmosphere is bright and natural.

**ESTIVEMOS,
ESTAMOS
E SEMPRE ESTAREMOS
AQUI!**



**ORGULHE-SE
DO QUE CARREGAS
NAS VEIAS!
NA CULTURA!
E EM TUA ALMA!**



E LEMBRE-SE, ESSA NÃO É TODA A HISTÓRIA, É APENAS PARTE DELA!

AVISO IMPORTANTE:

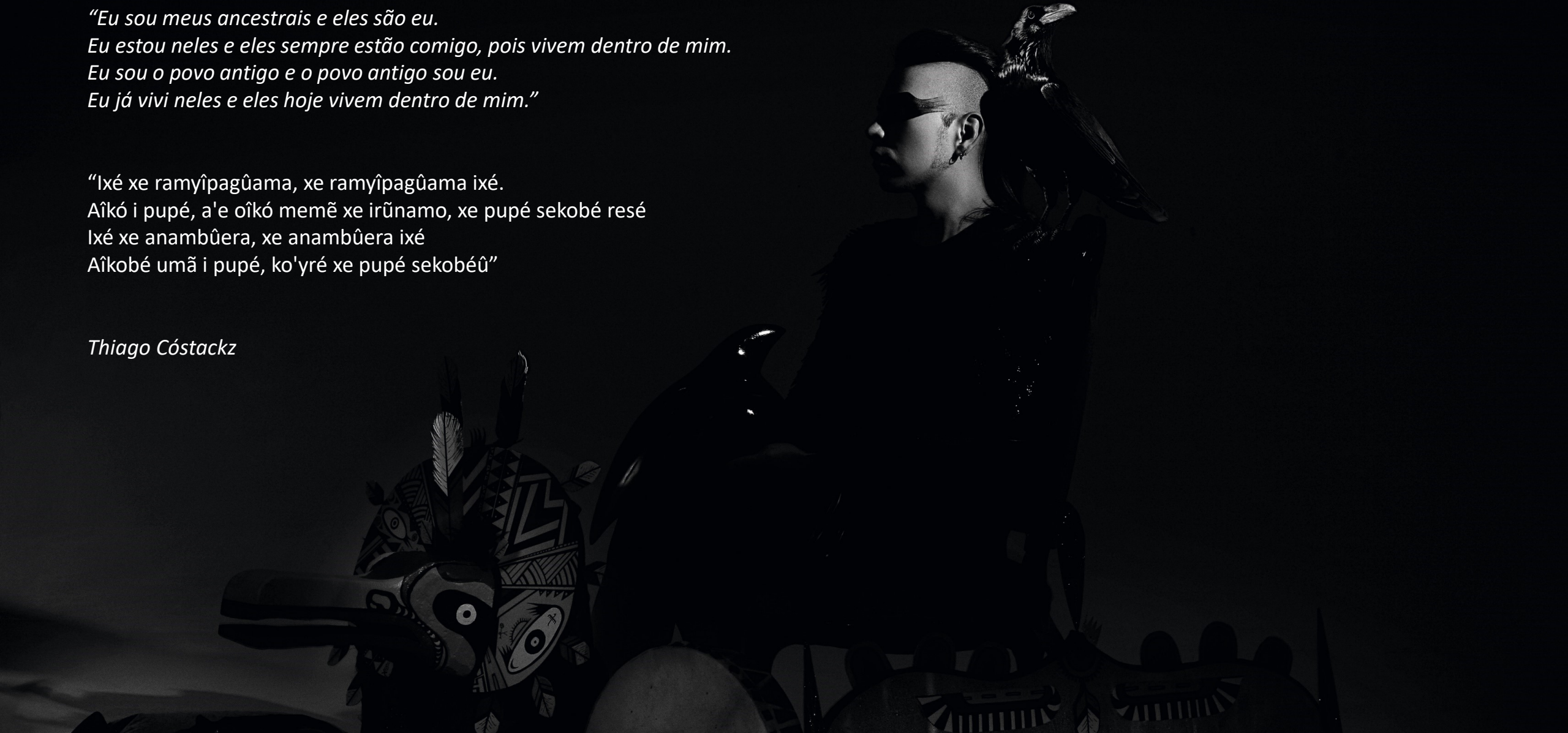
*Os textos, fotos sem créditos descritos ao lado das imagens e a montagem deste material são de propriedade intelectual de **Thiago Cóstackz**. Portanto, é proibida toda e qualquer reprodução e/ou impressão comercial ou não sem a autorização do autor. Para uso educativo sem fins lucrativos, seu uso é livre.

*Para autorização sobre outras imagens e materiais que não pertencem ao pesquisador, tais como mapas, citações e demais fotos, é necessário entrar em contato com as devidas pessoas ou instituições de guarda. O artista Thiago Cóstackz não tem poder de autorizar o uso desses materiais.

*“Eu sou meus ancestrais e eles são eu.
Eu estou neles e eles sempre estão comigo, pois vivem dentro de mim.
Eu sou o povo antigo e o povo antigo sou eu.
Eu já vivi neles e eles hoje vivem dentro de mim.”*

*“Ixé xe ramyîpagûama, xe ramyîpagûama ixé.
Aîkó i pupé, a'e oîkó memẽ xe irũnamo, xe pupé sekobé resé
Ixé xe anambûera, xe anambûera ixé
Aîkobé umã i pupé, ko'yré xe pupé sekobéû”*

Thiago Cóstackz





Thiago Cóstackz é artista plástico multimídia, documentarista, escritor, pesquisador, compositor e ativista ambiental. Artista incansável, Cóstackz esteve envolvido, nos últimos 14 anos, em mais de 80 ações pelo Brasil e em países como: **Alemanha, Rússia, Dinamarca, Islândia, Holanda, EUA, Inglaterra, Groenlândia, França e Itália**, além de intervenções em lugares como o **Oceano Glacial Ártico, Atlântico Sul, Caatinga e Florestas tropicais**. Seu nome tem sido associado a grandes realizações e a astros internacionais, como **Roger Waters** (ex-Pink Floyd), que o escolheu para realizar uma intervenção invocando questões ambientais e de Direitos Humanos no aclamado show *The Wall*, para 70 mil pessoas no Brasil, em 2012.

Recebeu mais de 100.000 mil pessoas na mostra “Mitos e Ícones” em 2009. Fundou em 2008 o projeto artístico e ambiental **S.O.S Terra** realizando centenas de ações educativas no Brasil e em diversos locais no mundo. Seu engajamento ambiental lhe rendeu uma homenagem do Ranking Benchmarking Sustentável, entregue no MASP, o mais importante museu do país em 2012, onde também fez uma exposição. Foi durante seis anos **Embaixador Nacional de Sustentabilidade** da marca alemã **Puma Sports**. Realizou, de forma pioneira, duas expedições ao redor do mundo, com caráter artístico e científico, que juntas percorreram mais de 100.000km ao redor do mundo, instalando obras que faziam conexão com problemas ambientais nestes locais. Essas expedições originaram dois documentários: “Caminhando Sobre a Terra” e “A Terra de Frente” (que estreou em 2021 no Festival Internacional de Cinema de São Paulo, dando a Cóstackz uma indicação de melhor diretor) e também originaram três livros no qual milhares deles foram distribuídos para alunos de todo Brasil e em universidades internacionais como a **Universidade de Columbia, NYU - New York University e La Guardia College** nos Estados Unidos.

É parte do povo **Potiguara Ibirapi** do Vale do Ceará-Mirim/RN, fato que influencia significativamente sua criação. Já realizou mostras inspiradas nos saberes ancestrais de seu povo (sobretudo de sua bisavó Nazaré Felipe) e em obras de: *Franz Kafka, Fiodor Dostoievski, Charles Darwin e Stephen Hawking*. Entregou obras para bandas como: **Aerosmith, Roxette, The B52s e The Cranberries**.



*Thiago Cóstackz durante visitas e pesquisas ao Museu do Louvre, a Bibliothèque Sainte-Geneviève da **Universit  Sorbonne** e ao Museu do Quai Branly, ambos em Paris na França.*

Foto: Eug nio Prieto

No carnaval de 2017, seu ativismo ambiental foi homenageado no desfile da Escola de Samba ** guia de Ouro**, com um carro fechando o desfile no Sambodromo.   um dos membros do **C2H – Cóstackz & Hj rvar** duo musical que forma com o músico islandês *Hj rvar Hj rleifsson*.

Em 2021 foi o intelectual convidado de honra do projeto “Amerindianidades 2021” da **Universit  Sorbonne Nouvelle de Paris**, onde realizou palestra, performance e lançou seu livro “Tupiland Goes to Greenland” a convite dessa prestigiada instituição que   uma das mais antigas universidades do mundo. Sem d vida, Thiago Cóstackz   um dos artistas brasileiros que mais tem trabalhado e se destacado em sua geração.

DEDICATÓRIA

Esse estudo é dedicado a todos os povos indígenas do mundo que seguem lutando pela preservação de suas culturas, identidades e Direitos Humanos.

Dedico especialmente a todos os nossos ancestrais que resistiram bravamente durante os séculos e que possibilitaram que nós estivéssemos aqui hoje.

Dedico também a minha preciosa bisavó Nazaré Felipe, ao meu querido tio Jorge e ao eterno Pajé/Xamã Manoel Ubiratã, “O Grande Pássaro da Tempestade”, uma das pessoas mais fascinantes que já conheci e também uma das que mais trabalhou para manter viva nossa cultura no Vale do Ceará-Mirim nas últimas décadas. Sem dúvida alguma, uma das minhas maiores referências.

Dedico ainda a minha incrível e amável mãe Sueli que tanto mantêm vivo em seu cotidiano nossa cultura, ao meu pai Jânio e aos nossos ancestrais Potiguaras de Touros/RN. A tia Margarida, Tia Pureza e a Vovó Bastinha, meus tesouros ancestrais que tanto me ensinam.

Essas foram sem sobra de dúvida algumas das pessoas que mais me ensinaram na vida. Obrigado a cada um de vocês, aos que já partiram e aos que seguem vivos!

CRÉDITOS

Textos, pesquisas e poesias de **Thiago Cóstackz - Potiguara Ibirapi**

Artista, pesquisador e cofundador do Coletivo Indígenas do Vale.

Revisão de texto: **Arara Xestal**

Traduções para o Tupi Antigo: **Diego Akanguasu**

Tradução de francês para português: **Dra. Brigitte Thiérion**

Logomarca Indígenas do Vale: **Irmãos de Criação** com colaboração de **Patrícia Buglian**

Fotos páginas 218 e 219: **Lienio Medeiros / Fujocka Creative Images**

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a **Pedro Pinheiro Junior, Cadu Araújo, Rafael Laia, Lenilton Lima, Tiego Costa, Brigitte Thiérion, Moyses Siqueira, Gibson Sobral, Herculano Batista Neto, Levy Pereira, ao escritor Júlio Senna** e a todos os mais diversos pesquisadores que tem voltado seus estudos para registrar a história através de outros pontos de vista trazendo a luz sobre fatos referentes aos povos indígenas do Brasil e do mundo. A **Biblioteca Nacional do Brasil, Museu Câmara Cascudo** em Natal/RN, **Biblioteca Nacional do Congresso dos Estados Unidos da América, Biblioteca de Huntington / USA, Barry Lawrence Ruderman Antique Maps Inc/USA, Galica Biblioteca Nacional da França, Pinacoteca Ambrosiana de Milão/Itália, Biblioteca da Universidade de Harvard / USA, Coleção Brasileira Itaú** em São Paulo/Brasil, **Museu do Louvre** e ao **Nationalmuseet da Dinamarca** e ao **Rijksmuseum, Amsterdam / Países Baixos**. Um agradecimento a todos os artistas e pessoas que registraram nossa história. A **Ândrea Ribeiro dos Santos, Ph.D.** Professora Titular da Universidade Federal do Pará e **Ana Paula Schaan, M.Sc** Doutoranda em Genética e Biologia Molecular da Universidade Federal do Pará.

